



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM  
REDE NACIONAL

CRIS ÉVELIN DA COSTA DALMACIO

**MUNDO DO TRABALHO NA LITERATURA AMAPAENSE:** Conexões  
Literárias para a Educação Profissional e Tecnológica

MACAPÁ - AP  
2025

CRIS ÉVELIN DA COSTA DALMACIO

**MUNDO DO TRABALHO NA LITERATURA AMAPAENSE:** Conexões  
Literárias para a Educação Profissional e Tecnológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Diego Armando Silva da Silva.

MACAPÁ - AP

2025

**Biblioteca Institucional - IFAP**  
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

- D148m Dalmacio, Cris Évelin da Costa  
Mundo do trabalho na literatura amapaense: conexões literárias para a Educação Profissional e Tecnológica / Cris Évelin da Costa Dalmacio - Santana, 2025.  
137 f.
- Dissertação (Mestrado) -- Instituto Federal do Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Santana, Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, 2025.
- Orientador: Dr. Diego Armando Silva da Silva.
1. formação humana integral. 2. literatura amapaense. 3. mundo do trabalho. I. Silva, Dr. Diego Armando Silva da, orient. II. Título.


CRIS ÉVELIN DA COSTA DALMACIO

**MUNDO DO TRABALHO NA LITERATURA AMAPAENSE:** Conexões

Literárias para a Educação Profissional e Tecnológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, *Campus Santana*, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 **DIEGO ARMANDO SILVA DA SILVA**  
Data: 02/10/2025 16:03:25-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Diego Armando Silva da Silva


Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Orientador

Documento assinado digitalmente  
 **DAVID FIGUEIREDO DE ALMEIDA**  
Data: 10/10/2025 17:04:06-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. David Figueiredo de Almeida

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente  
 **MICHELLE ARAUJO DE OLIVEIRA**  
Data: 14/10/2025 23:08:06-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Dra. Michelle Araujo de Oliveira

Universidade do Estado do Amapá


Aprovado em: 24/ 09/ 2025

CRIS ÉVELIN DA COSTA DALMACIO


## **GUIA LITERÁRIO MUNDO DO TRABALHO NA LITERATURA AMAPAENSE**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, *Campus* Santana, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.


### **BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **DIEGO ARMANDO SILVA DA SILVA**  
Data: 02/10/2025 16:03:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Diego Armando Silva da Silva  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá  
Orientador

Documento assinado digitalmente  
 **DAVID FIGUEIREDO DE ALMEIDA**  
Data: 10/10/2025 17:04:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. David Figueiredo de Almeida  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente  
 **MICHELLE ARAUJO DE OLIVEIRA**  
Data: 14/10/2025 23:08:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Michelle Araujo de Oliveira  
Universidade do Estado do Amapá

Aprovado em: 24/09/2025

À minha avó, Mariana, que partiu antes de ver sua neta tornar-se mestra, mas que sempre acreditou no valor dos estudos e na força dos nossos sonhos. Sua lembrança permanece viva em cada conquista.

À minha mãe, Edna, que me ensinou, com coragem e sacrifício, a colocar a educação como prioridade e legado. Sou fruto da sua determinação.

À minha filha, Catarina, razão maior da minha jornada, que me inspira a ser melhor a cada dia.

E ao meu esposo, Fernando, por todo apoio, amor e paciência ao longo deste percurso.

## AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal do Amapá (IFAP), pela oportunidade de formação acadêmica e pelo compromisso com uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Diego Armando Silva da Silva, pela orientação criteriosa, pela dedicação e pelo estímulo intelectual ao longo de todo o processo de pesquisa. Sua confiança e apoio foram essenciais para a concretização deste trabalho.

Aos docentes e colegas do PROFEPT, pelas valiosas contribuições acadêmicas, pelas discussões enriquecedoras e pelo ambiente de aprendizado construído coletivamente.

À Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), por meio da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP) e da diretoria do Departamento de Pesquisa (DPQ), pelo apoio concedido através de afastamento para a realização do mestrado.

Aos diretores e funcionários da Biblioteca Pública Elcy Lacerda, pelo suporte e disponibilidade mesmo no contexto de reforma do prédio.

Aos escritores e escritoras da literatura amapaense, especialmente Fernando Canto (*In Memoriam*), que eternizaram em suas narrativas e poesias nossa identidade, memória e cultura.

Aos meus familiares e amigos, pelo incentivo constante, pela compreensão nos momentos de ausência e por todo o suporte emocional ao longo desta trajetória.

À força da fé e da espiritualidade, que sustentou e iluminou minha trajetória.

## RESUMO

Considerando que a formação humana integral é um dos princípios estruturantes da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), este estudo parte da necessidade de identificar caminhos que favoreçam sua efetivação no cotidiano educacional. Nesse sentido, tendo como pressuposto as representações do mundo do trabalho na literatura amapaense, buscou-se compreender suas potencialidades para a formação integral ou omnilateral. O potencial formativo da literatura, especialmente a regional, configura-se como alternativa promissora para fortalecer as práticas educativas, ao aproximar os conteúdos das vivências e dos contextos socioculturais dos estudantes. A pesquisa apresenta relevância por articular literatura e formação profissional, reforçando uma educação voltada ao desenvolvimento humano pleno. A partir de uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e documental, adotou-se a Análise de Conteúdo e examinou-se 38 obras literárias do Amapá, nas quais foram identificadas 98 unidades de registro, organizadas em três categorias: trabalho formal, trabalho informal e trabalho ilegal. Os resultados revelam que, além de retratar atividades produtivas, a literatura explicita situações de injustiça, exclusão e resistência. Essas representações demonstram que o texto literário é um recurso estratégico para integrar educação e mundo do trabalho, ao estimular a reflexão crítica sobre desigualdades, identidades e valores. Desse modo, a literatura contribui de forma significativa para a formação omnilateral e cidadã dos estudantes da EPT. O produto educacional resultante da pesquisa consistiu em um guia literário em formato e-book, que integra reflexões sobre obras amapaenses e propostas de práticas educativas.

Palavras-chave: mundo do trabalho; literatura amapaense; Educação Profissional e Tecnológica; formação integral.

## **ABSTRACT**

Considering that integral human formation is one of the structuring principles of Professional and Technological Education (PTE), this study arises from the need to identify pathways that foster its implementation in everyday educational practice. Based on the representations of the world of labor in Amapá literature, the research sought to understand its potential for integral, or omnilateral, formation. The formative power of literature, especially regional production, emerges as a promising alternative to strengthen educational practices by bringing content closer to students' experiences and sociocultural contexts. The study is relevant as it articulates literature and professional training, reinforcing an education aimed at full human development. Through a qualitative, applied, and documentary approach, Content Analysis was adopted to examine 38 literary works from Amapá, in which 98 units of analysis were identified and organized into three categories: formal labor, informal labor, and illegal labor. The results reveal that, in addition to portraying productive activities, literature also exposes situations of injustice, exclusion, and resistance. These representations demonstrate that literary texts serve as a strategic resource to integrate education and the world of labor, stimulating critical reflection on inequalities, identities, and values. In this way, literature significantly contributes to the omnilateral and civic formation of PTE students. The educational product resulting from this research consisted of a literary guide in e-book format, integrating reflections on Amapá works and proposals for educational practices.

**Keywords:** world of labor; Amapá literature; Professional and Technological Education; integral formation.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Breve histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>A formação humana integral na EPT</b>	<b>14</b>
<b>2.3</b>	<b>O trabalho como princípio educativo</b>	<b>17</b>
<b>2.4</b>	<b>Literatura e formação humana</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>24</b>
<b>3.1</b>	<b>Tipo de pesquisa</b>	<b>24</b>
<b>3.2</b>	<b>Pré-análise do material - delimitação do corpus</b>	<b>24</b>
<b>3.3</b>	<b>Técnica de análise de dados</b>	<b>26</b>
<b>3.4</b>	<b>Exploração e codificação do material</b>	<b>26</b>
<b>3.5</b>	<b>Categorização e interpretação dos resultados</b>	<b>27</b>
<b>3.6</b>	<b>Considerações éticas</b>	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>29</b>
<b>4.1</b>	<b>Visão geral do corpus da pesquisa</b>	<b>29</b>
<b>4.2</b>	<b>Análise das categorias</b>	<b>30</b>
<b>4.2.1</b>	<b>Categoria trabalho formal</b>	<b>32</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Categoria trabalho informal</b>	<b>38</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Categoria trabalho ilegal</b>	<b>50</b>
<b>4.3</b>	<b>Elaboração, aplicação e reelaboração do produto educacional</b>	<b>56</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>64</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>66</b>
	<b>APÊNDICE A - PRODUTO EDUCACIONAL</b>	<b>72</b>
	<b>APÊNDICE B - UNIDADES DE REGISTRO DA CATEGORIA TRABALHO FORMAL</b>	<b>74</b>
	<b>APÊNDICE C - UNIDADES DE REGISTRO DA CATEGORIA TRABALHO INFORMAL</b>	<b>100</b>
	<b>APÊNDICE D - UNIDADES DE REGISTRO DA CATEGORIA TRABALHO ILEGAL</b>	<b>124</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A graduação em Letras pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e o apreço pessoal pela literatura e pela cultura amapaenses delinearam o percurso desta pesquisa. Inserida na linha de pesquisa “Práticas Educativas em EPT” e vinculada ao macroprojeto “Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT”, a investigação reafirma seu compromisso com a construção de práticas educativas inovadoras, fundamentadas na formação humana integral e no fortalecimento da Educação Profissional e Tecnológica.

No Brasil, o dia 1º de maio marca tanto o Dia do Trabalho quanto o Dia da Literatura, coincidência que inspira a reflexão sobre as interações entre arte literária e mundo do trabalho. Constitui-se, assim, o eixo central desta pesquisa, que propõe-se a analisar como autores da literatura amapaense representam, em suas obras, experiências, conflitos e múltiplas dimensões relacionadas a esse universo. Busca-se, com isso, compreender como essas narrativas podem dialogar com a EPT, favorecendo a formação humana integral.

Nesse sentido, parte-se da seguinte questão central: em que medida a literatura amapaense pode favorecer a formação humana integral dos estudantes da EPT, mediante a abordagem do mundo do trabalho e suas múltiplas dimensões? Trata-se, portanto, de compreender a literatura enquanto ferramenta formativa e humanizadora, que amplia horizontes de sentido, estimula a sensibilidade e promove a construção de identidades comprometidas com a ética, a justiça social e a valorização dos saberes locais.

A formação humana integral é definida por Oliveira (2020, p. 32) como uma concepção de formação humana que integra as “dimensões intelectual, profissional, cultural, social, ético-política, científica, afetiva e emocional”. Essa perspectiva rompe com a visão fragmentada da educação, ao considerar o sujeito em sua complexidade e totalidade, reconhecendo que o processo educativo deve contemplar não apenas a preparação técnica e cognitiva, mas também aspectos emocionais, éticos e identitários. Tal abordagem revela-se particularmente relevante, pois amplia os horizontes formativos para além da inserção no mercado de trabalho. Dessa forma, promove-se a autonomia, a criticidade e a cidadania ativa dos estudantes.

Segundo Carvalho Junior (2020, p. 83), apesar de a base conceitual que busca a formação integral no contexto da EPT ser bastante madura e estabelecida, “a realização plena desse modelo de formação ainda está longe de ser uma realidade nos cotidianos escolares brasileiros”. Essa constatação evidencia a distância entre o discurso normativo/teórico e as

práticas efetivamente implementadas nas instituições de ensino. Diante desse cenário, torna-se urgente a busca por estratégias que promovam a articulação entre saberes técnico-científicos e experiências culturais, éticas e sociais. A literatura, nesse contexto, atua como recurso formativo que sensibiliza os estudantes para as realidades do mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que estimula a reflexão crítica, favorecendo a formação integral.

Por conseguinte, sendo a formação humana integral um dos conceitos centrais da EPT e da criação dos Institutos Federais de Educação (Brasil, 2008; Pacheco, 2015), esta dissertação justifica-se pela necessidade de buscar e desenvolver meios que ensejem sua aplicação prática no processo educativo, contribuindo para a concretização efetiva dos ideais educacionais preconizados nesse modelo. Nesse contexto, investigar as possibilidades formativas da literatura, especialmente aquela produzida no âmbito regional, revela-se uma estratégia promissora para enriquecer as práticas educativas com conteúdos que dialoguem com as realidades socioculturais dos estudantes.

A literatura amapaense, ao representar personagens, ofícios e dinâmicas sociais ligados ao mundo do trabalho, oferece um campo fértil para reflexões sobre identidade, pertencimento, desigualdades e direitos. Assim, este estudo apresenta relevância acadêmica e social ao propor uma articulação entre arte literária e formação profissional, contribuindo para o fortalecimento de uma educação mais crítica, sensível e comprometida com o desenvolvimento humano pleno, conforme preconizam os marcos legais da EPT.

Dentre a diversidade temática presente na literatura, a escolha do eixo “mundo do trabalho” alinha-se diretamente ao propósito formativo da EPT e à missão dos Institutos Federais (Brasil, 2008a), conforme destacado por Pacheco (2015, p. 33). Para o autor, a EPT deve ir além da capacitação técnica, promovendo a “reflexão crítica sobre os padrões culturais vigentes”. Dessa forma, a abordagem do trabalho a partir do texto literário mostra-se não apenas pertinente, mas essencial para o fortalecimento de uma educação emancipadora, comprometida com a transformação social e a valorização das vivências concretas dos sujeitos.

Com base nesses pressupostos, foi definido como objetivo geral da pesquisa: analisar as representações do mundo do trabalho na literatura amapaense e seu potencial para a formação humana integral no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Para alcançar esse propósito, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar e categorizar as representações do trabalho presentes em textos da literatura amapaense;
- b) Interpretar as potencialidades formativas dessas representações no contexto da

formação humana integral na EPT;

- c) Propor práticas educativas que integrem a literatura amapaense ao processo formativo da EPT.

Em termos de procedimentos metodológicos, para atingir os objetivos propostos, adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e documental, centrada na análise de obras literárias amapaenses. A seleção do corpus e os procedimentos de análise foram orientados pelos pressupostos da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016), com ênfase na técnica categorial ou temática. Tal escolha metodológica mostrou-se adequada à proposta de compreender as representações do mundo do trabalho presentes na literatura, articulando-as aos objetivos da pesquisa.

A análise das obras literárias selecionadas possibilitou o desenvolvimento do “Guia Literário: Mundo do Trabalho na Literatura Amapaense”, produto educacional resultante desta investigação (Apêndice A). Além de apresentar as obras e suas respectivas temáticas, o guia oferece reflexões sobre os temas abordados e sugestões de práticas educativas voltadas à EPT, com o intuito de promover a articulação entre literatura e mundo do trabalho, tendo como foco a promoção da formação politécnica.

Dessa forma, a partir dos resultados alcançados, esta pesquisa contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas que promovam a formação omnilateral, conforme preconizado pelas diretrizes da EPT. Ao integrar literatura e mundo do trabalho propõe-se um olhar ampliado sobre o processo educativo, valorizando saberes locais e fomentando a reflexão crítica acerca do tema. A seguir, apresentam-se os fundamentos teóricos, os procedimentos metodológicos, a análise do corpus literário, conclusões e por fim, o produto educacional elaborado a partir deste estudo.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Breve histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil**

A história da educação profissional e tecnológica no Brasil revela um percurso marcado por uma intrínseca ligação com projetos políticos e interesses ideológicos, que historicamente não priorizaram a formação humana integral dos sujeitos (Brasil, 2008a). Desde suas origens, observa-se uma forte influência das demandas das classes dominantes, que fizeram uso desse tipo de educação como estratégia de controle social e de formação de mão de obra para os estratos populares. É o que se evidencia, por exemplo, na criação do Colégio das Fábricas, no período do Príncipe Regente D. João VI, e nas Escolas de Aprendizes Artífices, instituídas em 1909, durante a presidência de Nilo Peçanha, ambas com forte cunho assistencialista e disciplinador (Brasil, 2008a; Ramos, 2014).

A partir da década de 1930, em consonância com o processo de industrialização e com as exigências do modelo capitalista emergente, a EPT foi sendo moldada segundo os interesses do mercado, intensificando sua função instrumental. Esse movimento culminou, na década de 1970, com a profissionalização obrigatória no ensino de segundo grau - uma política que visava ampliar o acesso à formação técnica, mas que, na prática, reforçou a dualidade entre formação técnica e formação geral. A extinção dessa obrigatoriedade em 1982 refletiu tanto o cenário de recessão econômica quanto as pressões da classe média, que via nesse modelo uma ameaça à formação propedêutica de seus filhos (Brasil, 2008a; Ramos, 2014).

O debate sobre a relação entre trabalho e educação se intensificou com a redemocratização do país, momento em que se passou a defender a formação não apenas de técnicos especializados, mas de sujeitos politécnicos, capazes de compreender os processos produtivos em sua totalidade. A proposta de formação politécnica, defendida por autores como Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005), buscava romper com a lógica fragmentada da educação e propunha uma formação crítica, omnilateral e integrada. No entanto, a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, ao instituir a separação entre o ensino médio e a educação profissional, enfraqueceu esse projeto ao dificultar a integração curricular e sobrecarregar os estudantes que buscavam a formação técnica de forma simultânea (Ramos, 2014).

Foi apenas a partir de 2004, com o restabelecimento da possibilidade de articulação entre a educação básica e a formação profissional, que se iniciou um novo ciclo. A criação da

Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica e, posteriormente, dos Institutos Federais, em 2008, representou um marco importante na tentativa de consolidar uma proposta de educação integrada, comprometida não apenas com a qualificação profissional, mas também com a formação crítica e cidadã dos estudantes. Ainda assim, persistem inúmeros desafios para que a EPT no Brasil atenda efetivamente às demandas da população, sobretudo no que diz respeito à ampliação do acesso, à formação de professores, à valorização dos saberes locais e à superação da lógica utilitarista que ainda permeia muitas práticas pedagógicas (Ramos, 2014).

Os eventos destacados ao longo da evolução da EPT no país evidenciam, de forma recorrente, a dicotomia entre o ensino técnico e o científico-intelectual, herança de uma estrutura educacional parelha à divisão social do trabalho e a divisão de classes da sociedade (Moura, 2014). Como observa Ramos (2014), essa dualidade histórica relegou o ensino técnico a uma posição subalterna, destinada às camadas populares, enquanto o ensino científico foi reservado às elites sociais. Nas palavras de Saviani (2003, p. 138), “O ensino profissional é destinado àqueles que devem executar, ao passo que o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que devem conceber e controlar o processo”.

Compreender a trajetória da EPT no Brasil implica reconhecer sua histórica vinculação à formação de uma força de trabalho subalterna e a dificuldade em consolidar uma perspectiva emancipadora e integral. A superação dessa lógica demanda repensar a finalidade da formação profissional, aproximando-a de um projeto educativo que valorize o ser humano em sua totalidade. Nesse sentido, a formação humana integral apresenta-se como caminho promissor, ao propor a ruptura com a cisão entre execução e concepção, enraizada na divisão social do trabalho (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005; Ramos, 2014). Assim, a EPT assume o potencial de articular a dimensão técnica a uma perspectiva crítica, omnilateral e emancipadora, contribuindo para a constituição de sujeitos plenos e para a promoção da justiça social e da equidade educacional.

## **2.2 A formação humana integral na EPT**

As raízes do conceito de formação humana integral, omnilateral ou politécnica, encontram-se no solo da teoria da politecnia, advinda das obras de Marx e Engels (Moura, 2014; Saviani, 2003). A politecnia expressa uma concepção de mundo que compreende o ser humano como totalidade em desenvolvimento, em constante transformação, e visa proporcionar um desenvolvimento multilateral, integrando teoria e prática, ao capacitar os

estudantes não apenas com conhecimentos teóricos, mas também com habilidades práticas fundamentais para a compreensão e intervenção no mundo real (Saviani, 2003).

Nesse sentido, objetiva-se a superação das dicotomias que historicamente segregam o trabalho manual do intelectual e a educação profissional da educação geral, baseando-se no pressuposto de que “não existe trabalho manual puro e nem trabalho intelectual puro” (Saviani, 2003, p. 138). Essa crítica à fragmentação da formação tem implicações profundas no campo da EPT, que, muitas vezes, reproduziu modelos voltados unicamente à capacitação técnica, desconsiderando as demais dimensões formativas do sujeito.

À semelhança do ideário politécnico, a concepção de formação humana integral propõe uma superação das limitações impostas pela divisão social do trabalho. Essa divisão, historicamente consolidada, separa a ação de executar da ação de conceber, planejar e dirigir, relegando à maioria da população uma formação instrumental e alijando-a dos saberes mais abstratos e estratégicos. Assim, a formação humana integral “sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar” (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005, p. 85).

A superação da dualidade estrutural presente na educação brasileira, frequentemente denunciada nos debates sobre a EPT, exige mais do que a adoção de um modelo único de formação. Como adverte Kuenzer (2007), tratar de forma igual os desiguais contribui para a intensificação das desigualdades, uma vez que se ignoram as condições materiais e históricas que marcam o acesso ao conhecimento. Nesse sentido, a construção de uma proposta formativa voltada para os que vivem do trabalho requer a articulação entre saberes técnicos, científicos e culturais, em uma perspectiva que reconheça as diferenças sem reproduzir hierarquias, fortalecendo a formação omnilateral e crítica dos sujeitos.

Busca-se, conseqüentemente, uma completude que capacite os indivíduos não apenas como trabalhadores produtivos, mas também como cidadãos ativos, críticos e politicamente conscientes, como enfatizado por Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005). No contexto da EPT, essa abordagem implica uma ruptura com a lógica formativa atrelada exclusivamente às demandas do mercado, abrindo espaço para práticas que promovam o desenvolvimento omnilateral do estudante.

Essa perspectiva formativa favorece, portanto, a emancipação dos sujeitos, alçando-os à condição de agentes históricos capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem. Em lugar de um currículo que reduza o estudante a uma função técnica, concebe-se uma abordagem educacional ampla, na qual os elementos científicos, tecnológicos, humanísticos e culturais se entrelaçam de maneira harmônica e integrada

(Moura, 2014). A formação integral representa, nesse sentido, um passo decisivo rumo a uma educação mais inclusiva, que acolhe a diversidade dos sujeitos e promove uma compreensão mais profunda e holística do mundo ao nosso redor.

A busca por essa formação decorre da concepção de um ser humano completo e íntegro, cuja constituição identitária não pode ser dissociada das condições materiais, sociais e simbólicas que estruturam sua existência. Essa visão, no entanto, entra em choque com a realidade do atual sistema capitalista, que tende a instrumentalizar a educação e a reduzir o ser humano a sua função produtiva. Apesar dessa tensão, segundo Moura (2014), a formação humana integral não é uma utopia e mantém-se próspera, capaz de se afirmar mesmo dentro das contradições do sistema que a engendra. É justamente por esse motivo que ela adquire força política e ética: ao projetar uma educação voltada à dignidade, à justiça social e à emancipação, ainda que situada em um contexto adverso.

Moura (2014) destaca que, no campo da educação profissional, a efetivação da formação integral dos estudantes emerge como ponto de partida essencial para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e equitativa. O autor compara esse ideal formativo a um farol, que guia os caminhos nessa jornada. Isso implica uma busca permanente pelo direito à formação plena - não apenas como preparação para o trabalho, mas como direito à leitura crítica do mundo, à expressão cultural e à participação cidadã. Trata-se de um posicionamento político e pedagógico que se opõe à lógica da educação mercantilizada, defendendo, em seu lugar, uma escola que reconhece e valoriza a totalidade dos sujeitos.

Compreende-se, no entanto, que a efetivação da formação omnilateral demanda esforços que extrapolam o domínio das instituições escolares. A concretização dessa proposta exige enfrentamento a diversas barreiras estruturais - como a precarização das condições de trabalho docente, a rigidez curricular, a ausência de políticas de fomento à cultura e à arte, além do compromisso coletivo com um projeto de sociedade mais igualitária. Ainda assim, como proposta concreta de atuação, o escopo desta pesquisa circunscreve-se no âmbito das possibilidades tangíveis do ambiente escolar, particularmente da EPT, propondo-se a contribuir com esse percurso em construção.

Como salienta Moura (2014, p. 80), “aos educadores e educadoras ainda lhes resta o controle de importantes condições internas do processo ensino-aprendizagem”, o que aponta para a relevância das práticas pedagógicas intencionais e comprometidas com a transformação da realidade. Complementarmente, Saviani (2003, p. 132) adverte que é necessário “a partir das condições disponíveis, encontrar os caminhos para a superação dos limites do existente”. Essas reflexões reforçam o papel do educador como sujeito político e transformador, capaz

de, mesmo diante das contradições do sistema, reinventar a prática educativa e construir, no cotidiano escolar, experiências de formação verdadeiramente integral.

### **2.3 O trabalho como princípio educativo**

Reconhece-se, neste estudo, que o conceito de trabalho é multifacetado e possui distintas abordagens conforme a área do conhecimento - podendo ser compreendido sob perspectivas econômicas, sociológicas, filosóficas, antropológicas, entre outras. No entanto, para a finalidade desta pesquisa, adota-se a concepção de trabalho como princípio educativo, conforme articulada no campo da EPT. Neste ponto, já não se pode confundir o conceito de trabalho com a noção restrita de emprego, trata-se de uma abordagem em nível ontológico (Della Fonte, 2018). Essa perspectiva compreende o trabalho não apenas como atividade produtiva, mas como dimensão formativa fundamental.

Importa destacar que essa concepção está intimamente vinculada à proposta de formação humana integral, omnilateral ou politécnica (Brasil, 2008; Pacheco, 2015). Na EPT, o trabalho em seu princípio educativo faz parte do eixo estruturante desse tipo de formação (Moura, 2014) e representa uma de suas dimensões cruciais (Ramos, 2014). Ao defender esse ideal, a EPT se orienta não apenas para a qualificação profissional, mas para o desenvolvimento de sujeitos críticos, autônomos e historicamente situados. Diante disso, é necessário aprofundar a compreensão sobre o tema, especialmente no que tange à sua relação constitutiva com o campo da educação e com os objetivos formativos da educação profissional.

Para avançar no entendimento do trabalho como princípio educativo, torna-se imprescindível revisitar sua concepção fundamental. Conforme Saviani (2007), a transformação da natureza pela ação do homem para realizar suas necessidades é o que conhecemos como trabalho. Dessa maneira, o trabalho constitui a própria essência humana, pois no processo de produzir se forma o homem, em um processo educativo. Trabalho e educação, dessa forma, tem sua relação imbricada à própria origem do homem. Estabelecem-se, assim, os fundamentos da relação entre trabalho e educação, que são ao mesmo tempo históricos - produzidos pela ação humana ao longo do tempo - e ontológicos - pois estão na base de seu ser.

De acordo com Moura (2014), esses são os dois sentidos que compõem o conceito de trabalho como princípio educativo: seu aspecto histórico, no qual se manifesta nas diversas formas e significados que assumiu ao longo da história, influenciando tanto a sociedade

capitalista contemporânea quanto o processo educacional; e seu aspecto ontológico, no qual é percebido em sua essência primordial, na relação do ser humano com a natureza. Ambos os sentidos estão articulados, pois é por meio do trabalho que o ser humano transforma a realidade e, nesse movimento, constrói sua consciência, sua cultura e seus saberes. Assim, o trabalho atua como fio condutor que vincula a história da humanidade à história da educação, mediando a relação entre experiência e conhecimento.

Ao longo da história, contudo, as transformações nos modos de produção da vida humana provocaram rupturas significativas nas estruturas sociais e, conseqüentemente, nas formas de relação entre trabalho e educação. Na Antiguidade greco-romana, por exemplo, o sistema escravocrata já estabelecia uma clara distinção entre os sujeitos do processo educativo: aos homens livres eram destinadas as atividades intelectuais e a formação voltada à política e à guerra, enquanto aos escravizados cabia a assimilação prática dos procedimentos ligados ao trabalho manual que exerciam (Saviani, 2007).

A separação entre educação e trabalho se consolida com a institucionalização da educação formal, marcada pelo surgimento da escola - marcada, em sua origem grega, como o espaço do ócio, reservado àqueles que dispunham de tempo livre para se dedicar ao saber teórico. Essa concepção elitista da educação reforçou a exclusão histórica das classes trabalhadoras dos processos formativos mais amplos. Com a Revolução Industrial, emerge uma nova demanda por instrução vinculada ao trabalho, especialmente no sentido de formar mão de obra para o sistema fabril. No entanto, como discutido no histórico EPT apresentado nesta pesquisa, essa união, ainda que necessária, não foi suficiente para romper com a lógica da dualidade social e educacional (Saviani, 2007).

Para mudar essa realidade, voltar-se para o trabalho como princípio educativo é um movimento necessário (Moura, 2014). Conforme Ramos (2014), esse princípio demonstra que trabalho, ciência, tecnologia e cultura são indissociáveis. Nessa perspectiva, o trabalho como prática econômica, apesar de constituir meio de subsistência, é incorporado a uma noção mais ampla, que “incorpora valores ético-políticos e conteúdos históricos e científicos que caracterizam a práxis humana” (Ramos, 2014, p. 90), opondo-se à formação reducionista para o mercado de trabalho. Esse princípio também inclui a necessidade de refletir sobre justiça e a desigualdade social, em uma sociedade em que muitos produzem e poucos enriquecem (Moura, 2014). Della Fonte amplia essa questão ao afirmar que:

Em outros termos, coloca-se a tarefa de criticar o trabalho na sua forma alienada, assim como identificar e se apropriar dos avanços que nele se materializam. Interessa o domínio crítico das formas mais avançadas de conhecimento,

tecnologia, formas de sentir, habilidades etc. que se condensam nessa forma social do trabalho explorado (Della Fonte, 2018, p.16).

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que a escola deve não apenas reconhecer o trabalho como mediação formativa, mas também assumir uma postura crítica diante das contradições que ele carrega em sua forma social vigente. Ao incorporar o trabalho como princípio educativo, a prática pedagógica precisa propiciar aos estudantes o acesso ao que há de mais avançado em termos de conhecimento técnico, científico e cultural, sem, no entanto, legitimar passivamente as condições de exploração que historicamente o acompanham. Considerando esse contexto, a educação deve formar sujeitos capazes de compreender o trabalho tanto como categoria fundante da existência humana quanto como realidade concreta atravessada por desigualdades, alienações e disputas.

Diante disso, a escola, que em sua origem consumou a separação entre trabalho e educação, assume, na atualidade, conforme explicita Saviani (2007, p. 160), a missão de “recuperar essa relação entre o conhecimento e a prática do trabalho”. Essa recuperação exige uma profunda ressignificação do papel da escola enquanto espaço de formação crítica, voltado à emancipação dos sujeitos. Sob esse prisma, a EPT torna-se campo privilegiado, pois concentra, em sua proposta, o desafio de integrar formação geral e formação técnica, teoria e prática. Ao estabelecer o trabalho como eixo estruturante da formação, a escola é convocada a promover experiências educativas que rompam com a lógica dualista e promovam a inserção consciente dos estudantes na realidade social, capacitando-os não apenas para o exercício de uma profissão, mas também para a leitura crítica do mundo e para a intervenção transformadora na sociedade.

## **2.4 Literatura e formação humana**

Analisando-se alguns aspectos dos textos literários, verifica-se que há potencial em seu uso adequado para promover práticas que favoreçam a formação integral, necessária na EPT, partindo-se do trabalho como princípio educativo e articulando conhecimentos e habilidades de diferentes dimensões. Conforme discutido nesta pesquisa, essa formação não se restringe à aquisição de saberes técnicos e científicos, mas requer uma ampliação da perspectiva formativa, integrando também os conhecimentos que emergem das manifestações culturais, históricas e simbólicas da sociedade.

Do mesmo modo, a formação para o trabalho, sob os princípios histórico e ontológico, prevê abarcar os conhecimentos e as expressões humanas que se concretizam em

nossa cultura, sem hierarquia de conhecimentos, “uma formação que articule (e não interponha) as dimensões intelectual, estético-artística, ética, política, a partir do trabalho” (Della Fonte, 2018, p.16). Assim, a literatura, enquanto linguagem artística e forma de conhecimento histórica e socialmente produzida, pode configurar-se como um meio privilegiado para integrar conhecimentos, sensibilidade estética e reflexão crítica aos processos formativos da EPT.

Cândido (2004, p. 174) define literatura de maneira abrangente como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”. Esse entendimento engloba tanto as manifestações da tradição oral - como mitos, lendas e narrativas populares - quanto as formas mais eruditas de expressão escrita, reconhecendo o valor estético, simbólico e formativo de cada uma delas. A partir dessa compreensão, infere-se que todos, em algum momento de suas vidas, entram em contato com a literatura, seja por meio da tradição oral - como nas histórias contadas pelos mais velhos, nas lendas regionais ou nas narrativas populares transmitidas de geração em geração -, seja através de produções escritas, veiculada por livros, revistas, jornais e outros suportes textuais.

Em suas múltiplas formas, a literatura acompanha o ser humano em sua trajetória individual e coletiva e, tal como o trabalho, constitui uma dimensão fundamental da experiência humana, por estar presente nos mais diversos contextos socioculturais. Como afirma Cândido (2004, p. 174), “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. Ressalta-se, assim, seu alcance e importância. A produção cultural não é neutra: ela materializa o modo de existir de uma sociedade em determinado momento, revelando não apenas o que se produz, mas também como se produz a vida (Della Fonte, 2018). Cada criação, portanto, corporifica a experiência humana, carregando em si a identidade, os valores e as contradições do contexto que a originou.

A literatura, outrora, ocupava posição central na tarefa de entreter, informar e transmitir valores culturais, função que atualmente é, em grande parte, assumida por uma multiplicidade de meios de comunicação, especialmente os digitais. No cenário contemporâneo, particularmente no âmbito educacional, observa-se uma tendência à fragmentação do texto literário, que muitas vezes é apresentado de forma descontextualizada, reduzido à análise de aspectos históricos ou estilísticos, em detrimento da fruição estética e da reflexão crítica que o texto completo pode proporcionar (Colomer, 2007).

Além do expressivo declínio no contato com textos literários, algumas concepções pré-estabelecidas comprometem sua valorização e utilização no contexto educacional. Como

observa Cândido (2004, p.69), ao se abordar a literatura em articulação com temas considerados mais urgentes ou pragmáticos, frequentemente emerge a percepção de que se está tratando de algo “aparentemente desligado dos problemas reais”. No entanto, o texto literário, mesmo em sua versão ficcional, carrega em sua estrutura múltiplas camadas de realidade - sejam elas históricas, sociais, culturais ou afetivas - que dialogam intensamente com o presente - ou mesmo com o passado - e com a experiência humana em sua complexidade.

Perissé corrobora essa compreensão ao afirmar que:

Arrastando-nos para seu mundo ‘irreal’, fazendo com que nele mergulhemos e, por um instante, pareça ter substituído a realidade ‘real’, a literatura, paradoxalmente, revela-nos a mesma realidade que nos rodeia (Perissé, 2004, p.171).

Consequentemente, ao adentrarmos o universo simbólico da linguagem literária, somos conduzidos a um tipo de experiência que possibilita enxergar aspectos velados ou pouco percebidos da nossa própria existência. Assim, longe de representar uma fuga da realidade ou um mero entretenimento, o texto literário oferece subsídios fundamentais para a ampliação da consciência sobre nós e sobre o mundo em que vivemos.

Cano e Portolomeos (2016, p. 177) alertam que “um ensino de literatura insuficiente implica sérios problemas na formação dos alunos, visto que é por meio dessa disciplina que se ensina a sentir de maneira singular e subjetiva outras e novas realidades possíveis”. A menção à disciplina de Literatura se dá por, teoricamente, ser o espaço curricular privilegiado para o trabalho com o texto literário. Todavia, esta pesquisa enfatiza seu potencial formativo independentemente da área do conhecimento em que seja utilizado. Quanto a esse aspecto, Silva (2022, p.82) destaca que “não podemos nos esquecer de que a literatura, em sendo arte, é uma forma de conhecimento sobre o mundo, o outro e nós mesmos, o que propicia o diálogo com os conhecimentos organizados cientificamente nas mais diferentes disciplinas”. Essa perspectiva reforça o papel transversal e dinâmico da literatura no processo educacional.

Destacam-se, além disso, as possibilidades do texto literário para trazer à tona questões sociais urgentes, como leis injustas, desigualdade social, degradação ambiental, violência de gênero, entre outras formas de exclusão e opressão (Cechinel, 2020). A literatura, nesse âmbito, torna-se um cenário fecundo para a apreensão da realidade e para a construção de sentidos que rompam com naturalizações históricas. Tanto em nível individual quanto coletivo, ela está profundamente vinculada à luta pelos direitos humanos, contribuindo para

desvelar situações que os restringem ou negam, como já indicava Cândido (2004). Com ênfase, o autor argumenta que:

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (Cândido, 2004, p. 186).

Conforme exposto, o autor coloca a literatura em elevado patamar, como um componente essencial à constituição plena do sujeito, alegando que alijar-se dela afeta indubitavelmente a formação humana em seu sentido mais amplo. Afastar-se da literatura, portanto, comprometeria não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também de todas as dimensões do indivíduo. Compartilhando dessa premissa, Colomer (2007, p.31) reforça que o objetivo central da educação literária é justamente a formação integral da pessoa, “realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem”.

Cechinel (2020, p. 42) discorda dessa visão em relação ao texto literário. Apesar de reconhecer suas qualidades intrínsecas, o autor contraria a vinculação entre literatura e formação humana, defendendo a leitura como um fim em si e alegando que “não há qualquer vínculo direto entre a literatura e a promoção de competências e habilidades”, além de defender que sua fruição “não nos torna melhores, não interfere direta ou pragmaticamente no mundo” (p.49). Esse posicionamento de Cechinel não implica que o autor considere a literatura desnecessária. Para o autor, o valor formativo da literatura se manifesta justamente em sua aparente inutilidade, ou seja, naquilo que não possui uma finalidade prática imediata.

O autor Silva adota uma posição de equilíbrio entre essas visões distintas, reconhecendo tanto os limites quanto as possibilidades do texto literário. O autor adverte:

é muito importante evitarmos certos idealismos fantasiosos quando se trata de reconhecer o potencial humanizador da literatura, para não nos deixarmos seduzir pela ideia de um efeito mágico da leitura, considerando, inquestionavelmente, que os leitores das obras literárias são transformados em sujeitos mais críticos e reflexivos “em um passe de mágica”, como se o simples ato de ler já valesse por si só, desconsiderando, assim, a importância do que se lê e de como se é afetado pela leitura, em termos de pensamentos e sentimentos. No entanto, embora não haja uma relação de causa e efeito entre ler obras literárias e ser alguém que se compromete, criticamente, com a realidade, a literatura pode ser uma alternativa muito potente para nos engajarmos na vida de modo mais questionador e humanitário (Silva, 2022, p.17).

Esse posicionamento representou uma contribuição valiosa para os objetivos desta pesquisa, ao evitar tanto o reducionismo instrumental quanto o idealismo excessivo em torno

da literatura. Proporciona-se, por conseguinte, uma melhor compreensão do potencial do texto literário, especialmente no contexto escolar. Embora reconheça-se o valor inerente da leitura literária em si mesma, é fundamental explorar suas múltiplas facetas como uma ferramenta educacional, desde que o texto literário e sua interpretação ocupem um lugar central na prática educativa em que for empregado.

Tendo ciência das potencialidades e limitações do texto literário, bem como das demandas históricas da Educação Profissional e Tecnológica no que se refere à formação humana integral - especialmente a partir da concepção do trabalho como princípio educativo - esta pesquisa direciona-se à análise de como obras da literatura amapaense, ao representarem o mundo do trabalho, podem subsidiar práticas educativas alinhadas aos objetivos da formação omnilateral na EPT. A metodologia e os procedimentos adotados para esse fim serão apresentados a seguir.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

A presente pesquisa configura-se como predominantemente qualitativa, de natureza aplicada e documental, centrada na análise de obras literárias amapaenses que abordam o mundo do trabalho. A escolha por uma abordagem com predominância qualitativa justifica-se pela busca de compreender fenômenos em profundidade, baseando-se no “pressuposto de que a realidade pode ser vista sob múltiplas perspectivas” (Gil, 2019, p. 175). Por conseguinte, mesmo os dados quantitativos apresentados encontram-se subordinados à análise qualitativa. A natureza aplicada deve-se à busca de utilizar o conhecimento para intervir em situações concretas, oferecendo soluções ou contribuições práticas para a realidade estudada, enquanto o caráter documental se baseia na utilização de fontes primárias - no caso deste estudo, obras literárias disponíveis em acervos públicos (Gil, 2019; Mattar; Ramos, 2021).

#### **3.2 Pré-análise do material - delimitação do corpus**

A seleção do corpus foi realizada entre os meses de fevereiro e maio de 2025, na Biblioteca Pública Elcy Lacerda, em Macapá. Devido à reforma em curso na instituição, a pesquisadora obteve autorização especial para acessar o acervo de literatura amapaense. Segundo relatório fornecido pela própria biblioteca, o acervo de literatura amapaense da instituição conta com um total de 342 livros catalogados até o momento da seleção.

Diante da natureza qualitativa da investigação, optou-se por trabalhar, inicialmente, com a totalidade dessas obras, sem delimitação prévia por gênero, ano de publicação ou autor. Essa decisão metodológica visou garantir uma abordagem abrangente e não enviesada, permitindo que as representações do mundo do trabalho emergissem de forma mais significativa a partir do conjunto de produções disponíveis. Além disso, essa opção foi baseada nos critérios para seleção de material de Bardin (2016), conforme explicitado abaixo:

- a) **Exaustividade:** significa incluir todo o material relevante ao objeto de pesquisa, sem deixar de fora nenhuma informação importante. A análise só é válida se todos os dados significativos forem considerados.
- b) **Representatividade:** o material analisado deve refletir fielmente o universo que se pretende estudar. Mesmo que não se analise tudo, a amostra precisa representar bem o conjunto.

- c) Homogeneidade: o conjunto de documentos ou unidades de análise precisa ter características semelhantes, como tipo, tema ou formato, garantindo que sejam comparáveis entre si.
- d) Pertinência: refere-se à relação direta do material com os objetivos da pesquisa. Só devem ser incluídos dados que tenham vínculo claro com o problema investigado.

A etapa inicial, denominada pré-análise, consistiu em uma leitura flutuante do material, conforme indicado por Bardin (2016), estabelecendo-se como critério de inclusão no corpus a presença de enredos, narrativas ou personagens relacionados ao universo do trabalho no contexto amapaense. Consideraram-se relevantes não apenas ocupações formais, mas também experiências de trabalho informal ou mesmo ilegal, assim como o trabalho vinculado aos saberes tradicionais.

Por se tratar de um processo manual, extenso e minucioso, essa fase está sujeita a limitações, sobretudo em razão da inevitável carga de subjetividade envolvida na leitura e seleção do material. No entanto, o fato de a pré-análise ter abrangido a totalidade do acervo de literatura amapaense disponível na instituição contribui significativamente para a aproximação dos critérios de seleção indicados por Bardin (2016), em especial o princípio da exaustividade, que preconiza a inclusão de todo material relevante ao objeto de estudo.

Com base nessa leitura prévia, foram selecionadas 57 obras que continham textos com potencial para a pesquisa. Posteriormente, foi realizada a leitura integral dos textos selecionados, com o objetivo de verificar a centralidade e a profundidade com que o tema do trabalho era abordado. Ressalta-se que, em muitos casos, as referências ao tema central da investigação estavam concentradas em um único poema, conto ou crônica de determinado livro, o que, por si só, não comprometia sua relevância para a análise. Em contrapartida, algumas obras continham múltiplos textos que apresentavam abordagens expressivas sobre o tema, ampliando as possibilidades interpretativas.

Ao final dessa etapa 19 obras foram excluídas, resultando em um conjunto mais coeso e representativo para os propósitos do estudo. Os critérios para exclusão foram:

- a) Abordagem superficial ou tangencial do tema: sem elementos suficientes para análise qualitativa;
- b) Repetição de conteúdo: especialmente no caso de poemas que foram publicados em diferentes coletâneas pelo mesmo autor.

Desse modo, considera-se que o corpus final, composto por textos extraídos de 38 obras literárias amapaenses - 11,1 % do universo documental -, apresentou-se como adequado e diverso, em consonância com os objetivos e com a natureza da pesquisa. Os trechos

identificados como relevantes foram transcritos e organizados em um banco de dados textual, o qual constituiu a base para a definição e o refinamento das categorias analíticas, seguindo os procedimentos metodológicos da Análise de Conteúdo propostos por Bardin (2016).

### **3.3 Técnica de análise de dados**

A Análise de Conteúdo (AC), conforme proposta pela autora Laurence Bardin (2016), foi adotada nesta pesquisa como técnica metodológica para o tratamento e interpretação do material empírico. A técnica, especialmente em seu tipo categorial, permite uma leitura sistemática e criteriosa dos textos, orientada pela identificação de unidades de registro, sua inclusão em categorias temáticas e análise dos padrões de sentido que emergem das narrativas. Assim, a AC possibilita ir além da aparência do texto, desvelando significados latentes e construções simbólicas que dialogam com os objetivos da pesquisa.

A técnica foi aplicada em três etapas, conforme proposto por Bardin (2016):

1. Pré-análise: leitura flutuante das obras e marcação dos trechos com potencial para análise;
2. Exploração do material: criação de banco textual, recorte das unidades de registro e agrupamento por semelhança temática;
3. Tratamento dos resultados e interpretação: categorização das unidades com base em temas recorrentes e articulação com os referenciais teóricos da pesquisa.

### **3.4 Exploração e codificação do material**

A partir do banco de dados textual, realizou-se a exploração e organização do material de acordo com os princípios da AC categorial, delineada por Bardin (2016). Essa etapa teve como foco a identificação das unidades de registro - fragmentos do texto que expressam conteúdos significativos para os objetivos da pesquisa e que são passíveis de codificação ou classificação analítica. As unidades de registro foram sistematizadas em planilhas, acompanhadas das respectivas unidades de contexto - no caso deste estudo, os textos de origem (conto, crônica, poema, entre outros) -, bem como da identificação da(s) página(s), autor(a) e ano da obra, garantindo, assim, o controle e a rastreabilidade das informações analisadas, tendo em vista que são de domínio público.

Após essa organização, foi realizada a codificação do material, compreendida, conforme Bardin (2016), como o processo de organização das unidades de registro em

códigos que facilitem sua leitura e interpretação. Trata-se, em termos práticos, de atribuir rótulos ou identificadores aos fragmentos do corpus, de modo a evidenciar recorrências e temas comuns. Abaixo, um exemplo da organização dos dados neste estudo:

Quadro 1 - Organização dos dados da pesquisa

<b>Obra Literária</b>	<b>Unidade de Registro</b>	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Codificação</b>	<b>Categoria Temática</b>
Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)	" Eles caçavam muito, jacurarú, jacupixá, sucurijú, jiboia, para vender o couro. Matavam os animais, tiravam a pele, esticavam com tela e quando secava eles vendiam" (p.16)	Capítulo " Como viviam nossos antepassados no Bailique e outras durezas".	Caçador	A definir

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A codificação, assim, constitui uma etapa fundamental para a sistematização da análise, uma vez que viabiliza o posterior agrupamento dos dados em categorias mais amplas e significativas. Considerando os objetivos desta pesquisa, optou-se por codificar com base nas profissões representadas nos excertos literários, o que permitiu mapear as diferentes formas de inserção no mundo do trabalho retratadas nos textos selecionados.

### **3.5 Categorização e interpretação dos resultados**

Conforme Bardin (2016), a categorização é uma operação central da AC que consiste em classificar os dados em grupos ou categorias, com base em critérios previamente definidos, de modo a organizar e sistematizar a informação. Essa etapa é primordial para transformar o conteúdo bruto em dados interpretáveis, tornando possível a extração de sentidos que contribuam para a compreensão do fenômeno estudado. As categorias podem ser pré-definidas (dedutivas), emergentes dos dados (indutivas) ou uma combinação de ambas.

Na presente pesquisa, as categorias foram definidas a partir de uma abordagem indutiva, ou seja, emergiram diretamente do material empírico analisado, sem a imposição prévia de categorias fixas. Assim, a categorização foi construída à medida que as unidades de registro eram identificadas e agrupadas com base em semelhanças temáticas e de sentido, em um processo que foi revisado sucessivas vezes, visando garantir fidelidade analítica, ao conteúdo e aos objetivos da pesquisa. Essa estratégia também favoreceu a descoberta de significados implícitos e a ampliação da compreensão sobre o tema investigado.

Embora a categorização possa variar de acordo com os dados do corpus e os objetivos de cada investigação, Bardin (2016) propõe princípios fundamentais que orientam esse processo de forma sistemática e coerente, auxiliando o pesquisador a agrupar elementos semelhantes a partir de um critério comum. Esses princípios envolvem:

- a) Exclusividade: cada unidade de registro deve ser classificada em uma única categoria, evitando sobreposição de sentidos.
- b) Exaustividade: todas as unidades analisadas devem ser contempladas pelas categorias, ou seja, nenhuma informação relevante deve ficar de fora da categorização.
- c) Homogeneidade: os elementos dentro de uma mesma categoria devem apresentar características comuns e manter entre si uma lógica interna clara e consistente.
- d) Objetividade e fidelidade: o processo de categorização deve ser o mais objetivo possível, com critérios bem definidos que possam ser replicados por outros pesquisadores, assegurando a credibilidade da análise.
- e) Pertinência: as categorias devem ser relevantes em relação ao problema de pesquisa, ou seja, precisam contribuir para a compreensão do objeto estudado.

Com base nesses critérios, as unidades de registro identificadas no corpus da pesquisa foram agrupadas em três categorias principais:

1. Trabalho Formal
2. Trabalho Informal
3. Trabalho Ilegal

Essas categorias foram sendo identificadas a partir da leitura analítica dos excertos e foram refinadas conforme o avanço da codificação. Em cada uma delas, buscou-se identificar como o texto literário representa experiências, valores e condições relacionadas ao universo do trabalho, conectando essas representações com os fundamentos da formação omnilateral e do trabalho como princípio educativo. Dessa forma, ainda que os nomes das categorias remetam diretamente ao trabalho como meio de sobrevivência, a análise evidencia a amplitude com que o mundo do trabalho se manifesta na literatura amapaense. As categorias, nesse sentido, funcionam como ponto de partida e instrumento de organização sistemática, favorecendo uma compreensão mais abrangente e articulada do conjunto de dados.

As etapas de exploração do material, codificação e categorização foram conduzidas manualmente, sem o uso de softwares de apoio à análise qualitativa, logo esteve sujeita à subjetividade da pesquisadora. No entanto, o rigor na sistematização dos dados e a constante revisão dos critérios de análise buscaram minimizar possíveis vieses interpretativos.

### **3.6 Considerações éticas**

Por se tratar de uma pesquisa documental baseada em fontes públicas, não houve envolvimento direto com seres humanos, o que isenta este estudo da necessidade de aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelece a Resolução CNS nº 510/2016. Ainda assim, todas as obras utilizadas foram devidamente referenciadas, respeitando-se os direitos autorais e os princípios éticos da pesquisa acadêmica.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Visão geral do corpus da pesquisa

Com base no método da Análise de Conteúdo (AC) proposta por Bardin (2016), foram identificadas 98 unidades de registro nas 38 obras literárias que compuseram o corpus da pesquisa. Essas unidades foram devidamente transcritas, codificadas e categorizadas de acordo com a natureza das representações do trabalho presentes nos textos, sendo aprofundadas nas etapas analíticas subsequentes deste estudo.

O corpus revelou-se diversificado, tanto em relação ao período de publicação, quanto aos gêneros literários representados. As obras analisadas abrangem publicações lançadas entre os anos de 1988 e 2023, demonstrando uma amplitude temporal significativa. No que se refere aos gêneros, as 98 unidades de registro distribuíram-se da seguinte forma:

Quadro 2- Distribuição das unidades de registro por gênero literário

<b>Gênero Literário<sup>1</sup></b>	<b>Número de Unidades de Registro</b>
Conto	26
Crônica	22
Memórias	32
Poesia	16
Romance	2
<b>Total</b>	<b>98</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Essa distribuição revela a predominância do gênero memórias, responsável por 32 das 98 unidades de registro identificadas. Trata-se de um dado expressivo, pois evidencia que grande parte das representações do mundo do trabalho no corpus está ancorada em narrativas de cunho autobiográfico ou testemunhal, nas quais a experiência vivida assume papel central na construção do texto literário. Tal prevalência não implica em uma hierarquia em relação aos gêneros ficcionais, uma vez que a literatura, mesmo quando se vale da ficção, possui a

<sup>1</sup> A identificação dos gêneros textuais considerou a classificação indicada pelo(a) autor(a) na obra ou registrada na ficha catalográfica.

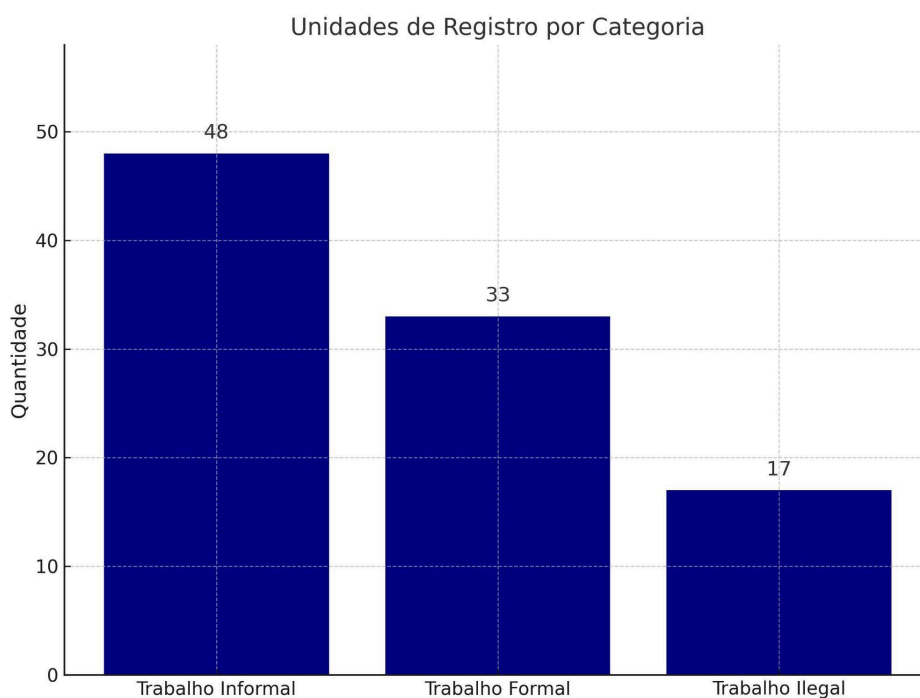
capacidade de transpor e ressignificar realidades sociais (Perissé, 2004). No entanto, contribui para compreender a densidade dos relatos analisados, especialmente por seu caráter confessional, que aproxima o leitor das experiências concretas vividas pelos sujeitos retratados.

A diversidade de gêneros presentes no corpus salienta a versatilidade da literatura e amplia as possibilidades de sua aplicação em práticas educativas no âmbito da EPT. Essa variedade permite abordar o mundo do trabalho sob múltiplas perspectivas, desde narrativas mais ancoradas em vivências reais até representações mais ficcionais e simbólicas, favorecendo reflexões críticas sobre a complexidade das experiências e suas dimensões sociais, culturais e subjetivas.

## 4.2 Análise das categorias

As unidades de registro foram codificadas a partir das profissões representadas e inseridas em três categorias temáticas que subsidiaram a análise deste estudo: trabalho formal, trabalho informal e trabalho ilegal. Esses dados foram representados graficamente a fim de proporcionar uma visualização clara e objetiva da distribuição das unidades de registro nas respectivas categorias:

Gráfico 1 - Quantidade de unidades de registro por categoria



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

De acordo com o gráfico, observa-se uma expressiva concentração de unidades de registro na categoria “trabalho informal”, perfazendo quase metade do conjunto de dados analisados. Esse fator evidencia a recorrência, nas obras literárias do corpus, de ocupações não regulamentadas, frequentemente associadas à precariedade e à ausência de direitos trabalhistas. Em seguida, a categoria “trabalho formal” reúne 33 registros, sinalizando a presença de vínculos empregatícios institucionalizados e reconhecidos legalmente no imaginário literário local. Já a categoria “trabalho ilegal” abrange 17 unidades, incluindo atividades à margem da legalidade, que se manifestaram em uma de suas formas mais graves: o trabalho infantil.

As análises qualitativas que se seguem aprofundarão os sentidos atribuídos a cada categoria, considerando os contextos narrativos em que estão inseridas, com o intuito de compreender os significados simbólicos e formativos mobilizados por essas representações do trabalho na literatura amapaense.

#### 4.2.1 Categoria trabalho formal

Na categoria trabalho formal foram agrupadas 33 unidades de registro extraídas dos textos literários selecionados. Para inclusão neste grupo temático, adotou-se como critério a presença de ocupações caracterizadas por vínculos regulamentados, com proteção legal, acesso a direitos trabalhistas/previdenciários, contrato reconhecido e vínculo institucionalizado com o empregador, conforme os parâmetros estabelecidos pela Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2015a). A condição de formalidade foi identificada tanto de forma explícita nos trechos analisados quanto inferida a partir do contexto narrativo em que se inserem. A análise dos dados revela uma diversidade de experiências profissionais que, embora formalizadas, também são atravessadas por tensões.

Considerando a extensão do material analisado e visando priorizar a exposição analítica, optou-se por apresentar, neste subtópico, apenas os excertos mais representativos para a construção do desenvolvimento discursivo. O conjunto completo das unidades de registro classificadas nesta categoria encontra-se disponível no Apêndice B, como material de apoio para consulta complementar.

A distribuição quantitativa das atividades profissionais desta categoria está disponível no quadro abaixo:

Quadro 3- Quantitativo de profissões na categoria trabalho formal

<b>Atividade Profissional</b>	<b>Quantidade de Registros</b>
Advogado	01
Apicultor	01
Comandante de Navio	01
Comerciante	02
Docente	12
Funcionário Público	01
Juiz	01
Lavrador	01
Mototaxista	01
Operador de Mineração	03
Produtor Rural	03
Promotor	01
Repórter	01
Sargento do Exército	01
Soldado do Exército	01
Taxista	01
Vendedor	01
<b>Total</b>	<b>33</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Conforme demonstrado no quadro acima, a profissão docente é a mais recorrente dentre as unidades analisadas, com 12 ocorrências, figurando nos variados gêneros literários do corpus. Na grande maioria das produções textuais - especialmente no gênero poesia - a docência é retratada com tom extremamente afetivo e idealizado, associada à dedicação, superação e compromisso com a educação, como nos versos de Silva (1999, p. 114): “Tens a

nata do saber / as sílabas do progresso / evolução do bem querer / concebida no alfabeto / Tua missão absoluta / produz milagres de amor [...]”.

Os professores são descritos como formadores de cidadãos críticos, transmissores de saberes e agentes de transformação social, sendo caracterizados por meio de adjetivos que evidenciam reconhecimento e admiração, como artista (Oliveira, 2003), estimado (Santos, 2001), abnegado (Santos, 2009), guerreiro (Pastana, 2017). Esses qualificativos, ainda que positivos, podem sugerir a naturalização de contextos de esforço extremo, nos quais a superação de adversidades é romantizada.

Apesar do tom predominante de exaltação à docência, também se fazem presentes vozes críticas que evidenciam a desvalorização da carreira docente, especialmente no que se refere à sobrecarga de trabalho e à baixa remuneração. Ao rememorar a trajetória da professora amapaense Cecília Pinto, Santos (2009, p.88) destaca que “Ela, sozinha, trabalhava diariamente nos dois turnos, com turmas desde a alfabetização até a quinta série primária”, desvelando-se, assim, a jornada excruciante e as responsabilidades assumidas pela educadora em um contexto marcado por muitas limitações estruturais.

Em alguns trechos, nota-se o contraste entre o papel social atribuído ao professor e o reconhecimento efetivo de sua importância, evidenciado por expressões de frustração ou ironia quanto ao retorno financeiro da profissão. Na crônica “Lógica de Criança” (Sá, 2012), uma menina afirma preferir ser pipoqueira a professora, pois observa que, ao contrário da mãe docente, os pipoqueiros sempre têm dinheiro em mãos. Apesar do tom cômico do texto, a cena revela, de maneira crítica e simbólica, a percepção social acerca da precarização do trabalho dos professores.

A notável presença de docentes na categoria trabalho formal, destacando-se com ampla recorrência em relação aos demais registros, revela não apenas sua expressividade no imaginário social, mas também sua relevância histórica e cultural. Na literatura amapaense, essa valorização se materializa por meio de frequentes homenagens e menções honrosas, entremeadas por indícios de precariedade. Em um contexto marcado por desigualdades regionais e carências estruturais, a figura do professor é representada como símbolo de resistência e compromisso com a formação humana, mesmo quando as condições de trabalho são insatisfatórias e a remuneração permanece aquém do ideal, demonstrando que diante das condições dadas, busca-se alternativas que permitam superar os limites impostos pela realidade (Saviani, 2013).

Além da docência, as unidades de registro destacadas da literatura amapaense contemplam diversas outras profissões no âmbito do trabalho formal, conforme disposto no

quadro 3. Essa pluralidade reforça a amplitude com que o mundo do trabalho é representado no contexto local, articulando diferentes esferas da vida social, tanto urbana quanto rural. Nas narrativas que compõem essa categoria, ainda que se concentrem majoritariamente na descrição de situações comuns da profissão, há críticas às condições precárias, à instabilidade das relações laborais e às desigualdades que persistem mesmo em contextos de aparente legalidade, manifestando componentes críticos que evidenciam os desafios enfrentados pelos personagens.

Esses elementos ocorrem tanto em situações mais simples - como a do vendedor que não gosta do patrão, que mal dirige a palavra aos funcionários, descrito no conto “Visita ao casal sem filhos” (Barros, 2013) - como em situações mais complexas, a exemplo do lavrador que mesmo sindicalizado temia por seu futuro, retratado no conto “Último Bilhetinho”, do mesmo autor:

No dia em que o doutor ficasse insatisfeito com ele, seria mandado embora, pois era sempre dessa maneira desumana que o patrão agia. Quando um empregado não lhe servia mais, simplesmente era expulso da terra sem direito a nenhum tipo de indenização. Mesmo sindicalizado, sabia que trabalhadores iguais a ele quase nada podiam fazer contra os fazendeiros, ricos e poderosos, amigos dos políticos. Quando terminasse de lavar a terra, era esperar o tempo de colher e dividir a produção com o dono da propriedade. A sobra dessa partilha injusta não dava para fazer quase nada. Só as contas na quitanda consumiam a maior parte do dinheiro apurado. Acabava sempre devendo ao comerciante (Barros, 2013, p.13).

O trecho evidencia uma representação crítica do trabalho formal no campo, ao retratar a condição de um lavrador inserido em uma relação de trabalho marcada por subordinação, insegurança e injustiça. Embora sindicalizado, o trabalhador tem consciência dos limites de sua atuação frente ao poder econômico e político dos fazendeiros, o que denuncia a fragilidade das garantias formais em contextos de desigualdade estrutural. A suposta formalização do vínculo empregatício não assegura proteção efetiva, uma vez que a demissão arbitrária e a ausência de indenizações são naturalizadas, revelando práticas que violam os direitos mais básicos dos trabalhadores.

Além disso, a lógica da partilha da produção, em que a maior parte dos rendimentos é consumida por dívidas no comércio local, escancara um sistema de exploração contínua e de reprodução da pobreza. A precariedade material do trabalhador não decorre da informalidade, mas de uma formalização que convive com práticas arcaicas e abusivas. Nesse sentido, como observa Saviani (2007), o domínio privado da terra cria condições para que os proprietários sobrevivam às custas do esforço daqueles que nada possuem, obrigando-os a sustentar a si mesmos e, ao mesmo tempo, manter os privilégios alheios. Essa situação rompe com a ideia

de que o trabalho formal, por si só, garante dignidade e estabilidade, demonstrando que a luta por justiça social exige mais do que legalidade: exige transformação das estruturas sociais e econômicas.

O caso dos operários de mineração também é emblemático. Em Santos (2001), o desaparecimento de um operário após descobrir uma mina de ouro é tratado pela empresa como um simples acidente, ao passo que o relato sugere uma ação deliberada de silenciamento e ocultação, deixando implícitas práticas criminosas dentro de uma estrutura formalizada. Já em Carvalho (2012), o personagem Zé da Esteira, grande entusiasta da estabilidade da empresa em que trabalha com extração de manganês, vê sua fé na meritocracia e no capitalismo “honesto” desmoronar diante da desestruturação do espaço urbano, da precarização dos serviços públicos e da deterioração das condições de vida na vila após o término do contrato de exploração. Quando o capital se retira, os trabalhadores, antes úteis e indispensáveis, são deixados à margem, agora sujeitos a doenças, abandono e invisibilidade.

Esse quadro evidencia as contradições do trabalho formal em contextos periféricos e dependentes. A princípio amparados por vínculos legais e estabilidade aparente, os operários revelam-se vulneráveis a dinâmicas de exploração que combinam interesses empresariais, negligência estatal e desigualdades históricas, denunciando-se a fragilidade dos direitos trabalhistas diante da lógica extrativista, que valoriza a produtividade enquanto convém, mas descarta o trabalhador assim que se torna excedente. Desse modo, os textos analisados não apenas narram experiências de trabalho, mas promovem uma crítica contundente à forma como o capital molda, precariza e abandona vidas em nome do lucro, possibilitando problematizar a justiça social em um cenário em que o esforço produtivo da maioria não se traduz em igualdade, mas no enriquecimento de poucos (Moura, 2014).

Não obstante os desafios impostos pelo trabalho - ainda que formal - em uma sociedade desigual e excludente, suas representações na literatura amapaense assumem concomitantemente um caráter mais amplo e significativo. Os dados da análise revelam que o trabalho é retratado como instrumento de superação, afirmação identitária e conquista de dignidade social, indo além da mera subsistência e configurando-se como espaço de realização pessoal, resistência e valorização da condição humana.

Além das múltiplas menções que conferem prestígio e dignidade ao ofício docente, esses elementos ganham concretude em vários outros trechos, como no relato de superação pessoal de uma comerciante em Freitas (2017, p. 71), cuja trajetória revela a força simbólica do trabalho como expressão de resiliência. Mesmo após enfrentar dois incêndios em seu estabelecimento, ela conseguiu reerguer-se e manter a atividade comercial, evidenciando a

persistência necessária para reconstruir sua trajetória. Em seu depoimento, declara: “Hoje, ainda vivo de comércio, que fica no centro de Macapá e agradeço a Deus todos os dias por tudo que eu conquistei e por me dar forças para sempre recomeçar”. O testemunho da profissional reforça a ideia de que o trabalho pode assumir um papel estruturante na vida do sujeito, funcionando como instrumento de reafirmação identitária e conquista de dignidade social.

A relação entre trabalho e identidade também se evidencia no depoimento de Nunes (2013, p. 46), que expressa forte sentimento de pertencimento à prática docente ao afirmar: “Na verdade, fazendo minhas contas, já fui professora de mais de 10 mil pessoas [...] Eu adorava dar aulas e procurava transmitir isso aos meus alunos: a importância do estudo e o que ele poderia representar no futuro deles”. Seu relato revela não apenas o vínculo afetivo com o ofício, mas também a consciência de seu papel formativo, atribuindo ao trabalho educativo um sentido que transcende a função profissional e se projeta como contribuição social e legado humano. O trabalho docente é descrito como parte essencial da trajetória de vida e identidade da personagem, que se reconhece e se orgulha de sua contribuição à educação. Ensinar é, aqui, um eixo estruturante de sua memória, papel social e autodefinição.

No conto “Beco do Amor”, o trabalho assume um papel singular ao representar a valorização do saber tradicional como forma legítima de inserção social e econômica. O personagem principal transforma seu conhecimento empírico na fabricação de vinagre em uma atividade produtiva que, além de garantir o sustento familiar, é motivo de autoafirmação e orgulho. Nesse contexto, o ofício artesanal é ressignificado como espaço de identidade e reconhecimento social, como revela o trecho: “Sua fábrica, se não prosperava aos quatro ventos, garantia o sustento da família, e o vinagre Abacatetuba foi o melhor que já passou pelo estado” (Dias, 2020, p. 61).

No relato de Monteiro (2005, p. 11), o serviço militar é associado à coragem e à preparação extrema, sendo descrito como atividade que exige não apenas habilidades técnicas, mas também resiliência física e emocional. A referência ao “adestramento especial” e à “sobrevivência na selva” valoriza simbolicamente o trabalhador, atribuindo-lhe um lugar de destaque e honra em contextos adversos. Já no texto de Rojanski (2001), o protagonismo das mulheres nas comunidades seringueiras é ressaltado como elemento essencial para a sustentação familiar e coletiva. A força e o estímulo femininos, longe de serem secundarizados, aparecem como sustentáculos do trabalho árduo nas atividades extrativistas, reafirmando o papel central da mulher na dinâmica econômica e afetiva dos grupos

tradicionais. Ambos os relatos reforçam a ideia de que o trabalho confere ao ser humano dignidade e valorização tanto social quanto pessoal.

Portanto, as representações literárias de trabalho formal analisadas neste estudo evidenciam a potência do trabalho enquanto dimensão ontológica e histórica da formação humana, permitindo mobilizar o conceito de trabalho como princípio educativo (Saviani, 2007; Moura, 2014). Ainda que historicamente marcado pela desigualdade e injustiças sociais que afetam até os vínculos formais (mesmo estando, em tese, amparados pela legislação), o trabalho permanece vinculado à possibilidade de transformação da realidade, seja no plano individual ou coletivo, bem como à construção da consciência, do conhecimento e da cultura. Assim, o trabalho constitui-se como fio condutor que conecta a trajetória da humanidade à história da educação, mediando a relação entre experiência e saber (Moura, 2014).

Essas representações não apenas retratam funções e rotinas laborais, mas também projetam sentidos subjetivos e coletivos atribuídos ao ato de trabalhar, reafirmando sua centralidade na constituição dos sujeitos. Ao mesmo tempo, dão visibilidade às contradições, aos desafios e às resistências enfrentadas pelos trabalhadores, revelando-os como força produtiva e como sujeitos históricos, afetados pelas desigualdades sociais. Segundo Cândido (2004), tanto os ideais valorizados quanto os aspectos criticados pela sociedade refletem-se na produção literária. Por meio dela, confirmam-se ou questionam-se valores, apresentam-se propostas ou denúncias e vivenciam-se, de modo dialético, os conflitos da sociedade. A literatura, assim, exerce um papel formativo, ao favorecer uma leitura crítica da realidade, estimular a expressão cultural e ampliar as possibilidades de participação cidadã, em consonância com os princípios da formação humana integral.

#### 4.2.2 Categoria trabalho informal

Na categoria trabalho informal foram incluídas a maior parte das unidades de registro do corpus da pesquisa, totalizando 48 excertos. Considera-se trabalho informal aquele conjunto de atividades econômicas exercidas à margem da proteção legal, envolvendo tanto trabalhadores por conta própria quanto empregados sem vínculo formal reconhecido (OIT, 2015a). Assim, o critério adotado para a inclusão das unidades nesta categoria baseou-se na identificação de ocupações caracterizadas pela inexistência de registro formal e, conseqüentemente, pela ausência de direitos trabalhistas assegurados e garantias sociais. Em virtude da extensão dos dados, sua totalidade está disponibilizada no Apêndice C, de modo a preservar o foco na análise e discussão dos resultados no corpo do texto.

O quantitativo de profissões em relação às unidades de registro encontra-se no quadro abaixo:

Quadro 4- Quantitativo de profissões na categoria trabalho informal

<b>Atividade Profissional</b>	<b>Quantidade de Registros</b>
Agricultor	06
Artesão	02
Auxiliar	02
Caçador	01
Carpinteiro	01
Carreteiro	01
Carroceiro	02
Costureira	01
Empregada Doméstica	03
Garçom	02
Lavadeira	02
Parteira	08
Pecuarista	01
Pedreiro	01
Pescador	01
Produtor Rural	01
Sapateiro	03
Vendedor Ambulante	09
Vigilante	01
<b>Total</b>	<b>48</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A literatura amapaense analisada revela o trabalho informal como uma das formas mais recorrentes de inserção produtiva, em um contexto de desigualdade socioeconômica, fortemente vinculado à busca por subsistência diante da exclusão das estruturas formais do mercado. Nos registros analisados, o ofício de vendedor ambulante é o mais recorrente, com nove ocorrências, mostrando a rotina de pessoas que atuavam nas ruas amapaenses. As representações desses personagens remetem a uma economia popular de sobrevivência, na qual o trabalho é exercido de forma autônoma e improvisada.

Na maioria dos relatos destaca-se a resiliência criativa dos vendedores ambulantes, porém os dados são entremeados por indícios claros de precariedade material e social, formando uma representação ambígua entre orgulho e reconhecimento do ofício e suscetibilidade diante das condições adversas. Essa situação pode ser ilustrada através do conto “O Bruxo”:

Há um casal de jovens que vive numa velha Kombi - Ferdinando e Adalgisa. Eles estacionam o carro em uma rua qualquer, ou numa praça, e sua morada vira um ponto de venda. O estabelecimento ambulante tem nome autóctone e personalista: Baiúca da Adalgisa (Araújo, 2022, p. 147).

O excerto retrata um casal de jovens que transforma uma velha Kombi simultaneamente em moradia e ponto de venda. Embora a narrativa evidencie a engenhosidade ao adaptar o veículo como espaço de sustento, também ressalta a condição de vulnerabilidade ao expor o fato de que o mesmo local destinado à atividade econômica é, por necessidade, utilizado como residência, ainda que claramente inadequado para esse fim.

A inventividade é igualmente observada no caso do vendedor ambulante “Merendinha” que, ao adaptar um carrinho acoplado a uma lambreta como ponto de venda, “inovou na arte de vender seus produtos” (Smith, 2009, p.24). A novidade possibilitava que ele transitasse entre escolas, repartições públicas e outros locais, onde era recebido efusivamente. Contudo, mesmo repletos de criatividade, a informalidade coloca os vendedores ambulantes à margem de qualquer tipo de proteção trabalhista, o que reflete na precariedade das condições de trabalho e na instabilidade financeira.

Outro profissional informal revelado na literatura amapaense foi o vendedor de pipocas conhecido como Camarão Frito, que recebeu essa alcunha em razão da constante exposição ao sol durante o exercício de sua profissão, deixando sua pele sempre queimada. Figura popular na cidade de Macapá, tratava-se de uma pessoa real, mencionada em três produções distintas - Leopoldo (1990), Picanço (2002) e Smith (2009). Apesar da notoriedade e do reconhecimento comunitário pelo exercício de sua atividade, a exposição solar,

decorrente de sua rotina de trabalho, lhe rendeu o apelido que, embora popular, tornou-se alvo de zombarias entre as crianças e motivo de desagrado para o próprio vendedor.

Dessa forma, o trabalho exercido por vendedores ambulantes, embora em alguns relatos seja associado a certa autonomia e valorizado pelo engenho e criatividade de seus praticantes, revela-se igualmente permeado por consequências da vulnerabilidade social. A flexibilidade, frequentemente apontada como um benefício, convive com a instabilidade, a ausência de direitos e a exposição a situações de desigualdade, revelando os limites dessa forma de inserção produtiva no contexto socioeconômico analisado.

Em segundo lugar, na categoria trabalho informal, aparece a função de parteira. Com oito unidades de registro identificadas, a profissão é retratada na literatura amapaense não apenas por meio de personagens fictícias, mas principalmente por referências a parteiras de destaque no contexto local, como a célebre Mãe Luzia. Os textos destacam o saber tradicional, transmitido por gerações, associado a dons espirituais, conhecimento de ervas e profunda ligação comunitária, conforme retratado nos versos de Barbosa (2001, p. 31): “Fazia de ervas remédios / p'ra curar qualquer doente / Sempre estava disponível / p'ra atender casos urgentes”.

Embora exercessem papel vital em suas comunidades, essas mulheres não foram, por muito tempo, formalmente reconhecidas nem remuneradas à altura da sua importância. Sua atuação é exemplarmente descrita por Capiberibe:

As parteiras são mulheres humildes, com idade entre 18 e 89 anos, a maioria não alfabetizada, que desenvolveram o dom de partejar herdado de suas mães e avós, e assim mantêm conhecimentos que são passados de geração a geração. Apesar da grande relevância social para as mulheres amazônicas, a arte de partejar ainda é exercida sem qualquer garantia trabalhista; as parteiras recebem das pacientes uma mão de milho, um panelo de farinha, uma galinha caipira. Atuam onde não há médicos, saem riscando rios, igapós, igarapés, enfrentando os desafios da mãe natureza. As parteiras, mulheres guerreiras, vão onde alguma gestante espera pelo toque de suas mãos sábias e amigas, pelas rezas e cantos que fortalecem o espírito (Capiberibe, 2002, p.21).

Conforme evidenciado, o contexto de atuação das parteiras frequentemente implicava formas de remuneração não monetárias, sendo o pagamento realizado, em muitos casos, por meio de produtos da terra, de acordo com as possibilidades econômicas da família da parturiente. Diante dessa realidade, tornava-se comum a necessidade de conciliar a atividade de parteira com outros ofícios. Essa situação é exemplificada no cordel de Dias, que narra a história de Mãe Luzia:

Mas o dom de partejar

Não rendia nenhum tostão  
 E para se alimentar  
 Precisava um ganha-pão  
 E foi assim que Luzia  
 Logo arrumou um patrão (Dias, 2013, p.11)

Nas localidades ribeirinhas e rurais do Amapá, parteiras como Mãe Luzia figuravam não apenas como prestadoras de um serviço essencial, mas como símbolos vivos de saber cultural, entrega total e cuidado comunitário. Alguns trechos analisados revelam que essas mulheres chegavam a mudar-se para a casa da parturiente e ficavam até depois do parto, cuidando da mãe e do bebê, demonstrando uma dedicação que transcende o ofício e incorpora laços afetivos (Pereira, 2005; Almeida, 2013).

Diversos relatos exaltam a expertise das parteiras e o papel fundamental que desempenham nas localidades em que atuam, mesmo diante de contextos adversos e situações complexas:

No Curiaú, existe uma senhora que possui este dom de curar e partejar com o poder natural que Deus lhe deu. Durante sua vida fazendo parto na comunidade ajudou a pôr no mundo mais de 50 crianças. Nunca houve nenhum caso de uma criança morrer em suas mãos. O motivo é pelo dom sagrado que a mesma possui. Várias crianças nasceram com problemas e com doenças graves, mas o seu dom de curar consegue tratá-las sem jamais deixar sequelas (Silva, 2004, p.38).

A personagem mencionada, atuante na comunidade quilombola do Curiaú, é apresentada como alguém dotada de um dom sagrado, cuja atuação ultrapassa os limites do conhecimento biomédico, sendo associada à cura, à proteção e à continuidade da vida. A ausência de registros de mortes sob seus cuidados reforça a confiança depositada pela comunidade em sua prática, mesmo diante da precariedade de recursos ou da ausência de suporte institucional. Esse trecho revela como, em contextos marcados por limitações estruturais, o trabalho da parteira se consolida como expressão de cuidado, resistência e saber ancestral, sustentado pelo vínculo comunitário e pelo prestígio construído ao longo do tempo.

Em outro excerto presente na obra de Pereira (2005, p. 37), a trajetória da parteira é apresentada pela voz da neta, que relata seu início ainda na juventude e a experiência adquirida ao longo dos anos: “Hoje ela já contabiliza mais de duzentos partos feitos, e todos muito bem sucedidos”. O relato prossegue mostrando um fato importante para as parteiras no Amapá: “Há alguns anos ela fez um curso promovido pelo governo do Amapá, para parteiras tradicionais, e se cadastrou nesse programa”.

Em agosto de 1995, teve início o reconhecimento legal e institucional das parteiras amapaenses, sendo cadastradas e capacitadas por meio de uma política pública estadual, além

de receberem kits com materiais indispensáveis à profissão. Todavia, somente no ano de 2002 passaram a contar com uma pequena remuneração equivalente a meio salário mínimo, através do programa Família Cidadã. Em âmbito nacional, a ocupação foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, elaborada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, reconhecendo-se formalmente a atividade como parte da família dos agentes comunitários de saúde (Brasil, 2010; Nascimento, 2018). Apesar do reconhecimento legal conquistado posteriormente, as parteiras foram incorporadas à categoria de trabalho informal devido ao fato de, na literatura analisada, sua atuação estar situada em um contexto anterior à formalização da profissão.

A expressiva representatividade das parteiras no corpus analisado evidencia a importância dos saberes tradicionais e a valorização do conhecimento ancestral de base empírica, construído e compartilhado nas práticas comunitárias. A recorrência dessa figura na esfera literária local sinaliza não apenas a importância sociocultural do ofício, mas também revela como a literatura funciona como espaço de preservação da memória coletiva e de reconhecimento de práticas historicamente marginalizadas. A literatura amapaense, ao resgatar essas vozes e experiências, revela como o mundo do trabalho molda subjetividades, impõe desafios à dignidade humana, mas também é espaço de solidariedade, pertencimento e saber. Reconhecer e valorizar esses saberes, no mundo do trabalho, é de vital importância, especialmente no contexto da EPT.

A figura do agricultor aparece em seis unidades de registro, geralmente associada à produção de pequena escala e/ou de subsistência, ao mesmo tempo em que evidencia alguns desafios enfrentados pelos trabalhadores do campo. No conto “Natanael na Janela” (Canto, 2015, p. 26), tais dificuldades são representadas de forma contundente, por meio da chegada de madeiros e grandes produtores de soja, que invadem os territórios e pressionam os agricultores a venderem suas terras por valores irrisórios. A narrativa amplia a gravidade do conflito ao denunciar a ausência do poder público diante da fragilidade dos agricultores: “A situação se agravava e a gente resistia como podia, porque as autoridades políticas que nos visitavam e diziam que iam nos proteger, sumiam”.

Em Santos (2001), ressaltam-se as dificuldades estruturais enfrentadas pelos agricultores, sobretudo no que se refere à desvalorização econômica dos produtos agrícolas e à precariedade dos meios de escoamento da produção:

Muita coisa se estragava por falta de veículo que a transportasse. Os agricultores negociavam o fruto de seu trabalho por um preço tímido. Eram pessoas simples que se contentavam com pouco, mas que também tinham sonhos de ampliar e emparedar

suas malocas, aproveitar melhor sua terra e, quem sabe, comprar uma casa em Macapá ou em Santana para facilitar a escola para os filhos maiores. Contudo, as raposas eram hábeis ao menosprezar seus produtos, só aceitando negociar por um preço miserável. Então, para não perder, os agricultores se sujeitavam àquela extorsão. E dessa leva de explorados muitas vezes meu avô participava. Quando ia à feira, vovó ficava assustada com o valor dessas mercadorias (Santos, 2001, p.68).

A narrativa revela o impacto da ausência de infraestrutura básica, como transporte adequado, o que resultava na deterioração dos alimentos e forçava os trabalhadores a aceitar preços muito aquém do ideal por sua produção. Esse relato ilustra não apenas a lógica exploratória que permeia essas relações comerciais no meio rural, mas também o desamparo socioeconômico dos pequenos produtores, cujas aspirações de melhoria de vida se veem constantemente frustradas pela ausência de políticas públicas eficazes, apesar da importância local de seu ofício.

A agricultura familiar constitui a base da produção rural no Amapá, abarcando cerca de 40 mil famílias, entre agricultores, extrativistas, indígenas e quilombolas. Em 2024, o número de registros no Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF) passou de 8 mil para 20 mil, representando um crescimento de 150% em um ano, resultado de ações integradas de inclusão e mapeamento territorial (Agência Amapá, 2024). As atividades produtivas concentram-se, majoritariamente, em cultivos de subsistência como mandioca, arroz, feijão e milho, em sistemas de baixa produtividade e limitada mecanização (Embrapa, 2023).

A presença dessa profissão no corpus analisado revela-se coerente com a predominância de temáticas rurais na literatura amapaense, refletindo a relevância histórica e social dos trabalhadores do campo no contexto local. Trata-se de uma representação esperada, considerando o papel central que esses sujeitos desempenham na organização econômica e cultural das comunidades retratadas.

O ofício de sapateiro aparece em três unidades de registro no corpus analisado. As representações literárias destacam aspectos da rotina profissional, mas também revelam elementos desfavoráveis. O poema “Sapateiros do Forte” (Serra, 2013) denuncia a exposição contínua à cola de contato - substância tóxica amplamente utilizada no ofício - como um dos riscos silenciosos enfrentados por esses trabalhadores. Já em Santos (2009), a narrativa evidencia as condições estruturais precárias do ambiente de trabalho do personagem Seu Gomes, sapateiro remendão que exercia sua atividade na calçada lateral do Mercado Central, dispondo apenas de uma cadeira para os fregueses e sem qualquer proteção contra o sol.

A figura da empregada doméstica igualmente se faz presente em três unidades de registro no corpus literário analisado. A representação mais expressiva dessa profissão encontra-se na crônica intitulada “A mulher do balde”, que rememora uma experiência de primeiro emprego na década de 50:

Um dos fatos mais marcantes da minha vida foi o meu primeiro emprego em 1952. Comecei a trabalhar como empregada doméstica, e a água encanada, nessa época, não existia, por isso no meu trabalho, eu tinha que encher 24 baldes de água para um casal de enfermeiros. Eu ia a pé, das 3 horas da madrugada até às 6 da manhã no bairro do Trem, na beira do rio Amazonas, onde as mulheres iam para lavar roupa (Freitas, 2017, p.71).

Esse testemunho literário expõe as duras condições de trabalho enfrentadas pela empregada doméstica em um contexto marcado pela ausência de infraestrutura básica. A inexistência de água encanada impunha à trabalhadora uma jornada exaustiva que se iniciava ainda na madrugada, antes mesmo do início formal das atividades domésticas. A narrativa impressiona não apenas pela quantidade de baldes transportados e pela distância percorrida a pé entre a residência e o rio, mas também pelo horário em que essa tarefa era realizada, entre três e seis horas da manhã, evidenciando a sobrecarga física imposta à profissional.

Trata-se de um retrato de uma época em que não havia regulamentação da profissão nem qualquer garantia de direitos trabalhistas, o que contribuía para a naturalização da exploração e da precariedade no trabalho doméstico. A literatura, ao registrar essa experiência, resgata memórias importantes, iluminando trajetórias que revelam as múltiplas formas de desigualdade no mundo do trabalho. Sobressai, dessa maneira, o potencial do texto literário em evidenciar problemáticas sociais e outras manifestações de exclusão e opressão (Cechinel, 2020).

Os trabalhadores auxiliares, embora representados em apenas duas unidades de registro no corpus analisado - nas funções de auxiliar de serviços gerais e auxiliar de carga e descarga -, oferecem contribuições altamente significativas para a pesquisa. Apesar da baixa frequência, tais ocorrências revelam com intensidade dinâmicas de exploração, invisibilidade e resistência que marcam de forma majoritária o trabalho informal e subalternizado, possibilitando reflexões relevantes sobre a realidade social e laboral retratada na literatura amapaense.

A primeira ocupação, retratada na obra de Santos (2009, p. 80), evidencia, em poucas linhas, a profunda disparidade entre a multiplicidade de tarefas desempenhadas e a remuneração recebida. O personagem, um jovem trabalhador, relata exercer diversas

atividades, como encher água, rachar lenha e auxiliar na limpeza doméstica, tarefas que demandam esforço físico e versatilidade, mas que não encontram equivalência em sua compensação financeira. Conforme narra, “o salário era tão minguido que tive que trabalhar dois meses para pagar o ferro de engomar para minha mãe”.

A segunda ocorrência refere-se à figura do auxiliar de carga e descarga em embarcações, representado na obra de Canto. Assim como o auxiliar de serviços gerais, o personagem vive uma realidade marcada por esforço físico intenso e baixa remuneração. No entanto, diferencia-se por apresentar uma consciência crítica mais aguçada sobre as condições de exploração a que está submetido, reconhecendo explicitamente a disparidade entre o lucro obtido por seu empregador e a retribuição que lhe é oferecida. Em tom direto e popular, ele desabafa:

Não quero ter descamaradagem com a figura do patrão, porém já sofri bastante vendo ele ficar alegre ao conferir o dinheiro que o nosso trabalho dá. Queria ver ele sem nós. Só com seu barco, só ele navegando por aí, debaixo da tempestade. Tá, cheiroso! Eu ia dizer, vendo a sua cara torta. Te vira, seu porcaria... Eu ia era rir. Hum, ele não teria mais aquele riso indecente cheio de dentes de ouro nem os olhos miudinhos que brilhassem tal quando conta o lucro que o nosso trabalho dá (Canto, 1995, p.130).

A fala do personagem expressa, de maneira visceral, uma revolta contida diante da lógica exploratória do trabalho subalterno. Sua crítica revela o sentimento de injustiça vivenciado pelo trabalhador cuja força de trabalho é essencial para a geração de lucro, mas que permanece à margem do reconhecimento e da justa distribuição dos ganhos. A imagem do patrão que ostenta riqueza com seus dentes de ouro, contrasta com a precariedade da vida do auxiliar, que, apesar de desvalorizado, compreende seu valor produtivo. Essa representação evidencia uma ruptura com o discurso de submissão, configurando o trabalho como espaço de consciência e resistência.

Outros ofícios representados com duas ocorrências no corpus da pesquisa incluem artesã/artesão, carroceiro, garçom/garçonete e lavadeira. Embora menos frequentes no contexto literário amapaense - e alguns já pouco recorrentes na atualidade -, essas representações são significativas para a compreensão das dinâmicas do trabalho informal e ajudam a compor um panorama mais amplo da realidade desses trabalhadores, trazendo elementos distintos, como a elegância e a cortesia quase coreográfica do garçom, o esforço físico e o papel comunitário da lavadeira, a força braçal do carreteiro no transporte urbano e a expressão estética e cultural do artesão, muitas vezes marcada pela ausência de reconhecimento.

A representação do artesão, embora com presença pontual no corpus analisado, carrega um conjunto expressivo de significados sobre o trabalho manual, a criação artística e a vulnerabilidade dos trabalhadores informais. A atividade manual se destaca por articular saberes tradicionais e criatividade (Santos, 2002), ao mesmo tempo em que expõe a ausência de garantias trabalhistas e estabilidade financeira, comum no trabalho informal. Essa realidade é expressa de forma sensível no poema “A mulher Artesã”, de Jovino, cuja voz lírica dá forma às angústias de quem, apesar de contribuir com beleza, arte e identidade cultural para a sociedade, projeta um futuro marcado pela incerteza e pela possibilidade de privações:

Essas mãos que embelezam e dão forma  
Muitas vezes se entrelaçam e choram  
Ou são levantadas humildes para o céu  
E em oração suplicam e imploram.  
Imploram por uma vida amena e digna  
Ou reconhecimento da sociedade  
Ao sentir a velhice que se aproxima  
E com ela os tempos de dificuldade (Jovino, 1998, p. 101).

O poema revela a insegurança que acompanha o trabalho informal da artesã, especialmente quando atravessado por questões de reconhecimento ou do iminente envelhecimento. A velhice, nesse contexto, não é apenas um ciclo natural da vida, mas uma etapa temida pela ausência de aposentadoria, assistência médica ou estabilidade financeira. Ao mostrar essa realidade, o poema demonstra como ofícios fundamentais para a identidade cultural e econômica de muitas comunidades seguem sendo desvalorizados.

Quanto aos carroceiros, a literatura amapaense os apresenta como trabalhadores multifuncionais, responsáveis por uma variedade de serviços, entre os quais se destacam o transporte de carradas de pedras, areia e outros materiais, bem como a movimentação de mercadorias em áreas urbanas e periféricas (Smith, 2009; Barros, 2013). Esses trabalhadores realizavam fretes utilizando carroças de tração humana ou animal, desempenhando funções essenciais no transporte de pequenas cargas. Embora ainda presentes em alguns contextos, sua atuação era significativamente mais comum em períodos anteriores à intensificação do processo de urbanização, quando a precariedade da infraestrutura de transporte tornava essa atividade indispensável para a dinâmica econômica e cotidiana das comunidades.

A profissão de lavadeira, por sua vez, também remonta a um contexto anterior à urbanização intensiva e à difusão de tecnologias domésticas. Em tempos de ausência de água encanada, essa atividade era realizada de forma ainda mais difícil, às margens de rios e igarapés, por mulheres que lavavam roupas para terceiros em longas jornadas de esforço

físico. Uma das unidades de registro presentes no corpus retrata essa realidade de forma vívida, revelando os impactos do trabalho sobre o corpo feminino: “Ando com umas dores nas costas, mas de certo que é da lida” (Almeida, 2013, p. 65). A fala, simples e direta, explicita a naturalização da dor como parte integrante do ofício, reforçando a invisibilidade das condições degradantes a que essas trabalhadoras eram submetidas.

Por fim, as figuras do garçom e da garçonete mantêm-se vinculadas à lógica do trabalho informal e à exigência de disposições subjetivas nem sempre reconhecidas como competências profissionais. Nas narrativas em que são retratados, esses personagens compartilham traços como simpatia, cortesia e habilidade no trato com o público, qualidades destacadas nas obras de Gomes (1994) e Natividade (2009). Essas representações constroem imagens de profissionais marcados pela urbanidade e pela afabilidade, aspectos fundamentais para o desempenho de funções em bares, cafés e restaurantes.

As demais ocupações identificadas no corpus - carpinteiro, carreteiro, costureira, caçador, pecuarista, pedreiro, produtor rural, vigilante e lenhador - aparecem com apenas uma ocorrência cada. Os excertos reunidos no Apêndice C evidenciam que essas profissões, em sua maioria, estão inseridas em contextos de subsistência, marcados por vulnerabilidade econômica e instabilidade, nas quais o esforço individual nem sempre é suficiente para garantir o sustento. O trecho que narra a situação do pedreiro Esmaelino ilustra de forma clara essa realidade:

Esmaelino era um pedreiro afamado que morava bem próximo de casa. Em pleno inverno, no entanto, atravessava tempos bichudos. Sua mulher e seus filhos só não passavam fome porque a sogra, vez em quando, mandava um pouco de fubá, café, açúcar e até mesmo um naco de carne (Dias, 2010, p. 121).

Apesar do reconhecimento por sua habilidade profissional, Esmaelino encontrava-se em situação de extrema dificuldade. O inverno, além de representar o tempo climático adverso, também pode funcionar como metáfora para o período de escassez, comum na vida de trabalhadores que dependem do ritmo da demanda externa e/ou de condições ambientais. A solidariedade familiar, para o pedreiro, emerge como único recurso frente ao período difícil, demonstrando a imprevisibilidade e fragilidade que marcam a maioria dos tipos de trabalho informal.

Outro aspecto que se destaca nas profissões de ocorrência única é a aparição de relatos que evidenciam a baixa escolaridade entre trabalhadores informais. Segundo a OIT (2015b), a informalidade é mais prevalente entre os menos escolarizados, sendo mitigada à medida que aumenta o nível de instrução. Essa relação pode ser observada nas unidades de registro referentes às ocupações de carpinteiro e vigilante. Ao descrever a ocupação do pai em

suas memórias, Souza (2014, p. 25) relata: “Meu pai só sabia escrever o nome e lia muito pouco. Chamava-se Domingos Matias de Souza. Exercia o ofício da carpintaria. Homem simples, honesto, trabalhador; um homem que viveu para a família”. Já em Barros (2013, p. 53), o personagem - que exerce o ofício de vigilante - revela: “Só aprendi a ler precariamente, pouquinho, assinar o nome com garranchos, fazer continhas rudimentares para ganhar a vida. Fui quase sempre trabalhador braçal, pulando de um serviço para outro feito um condenado”.

Esses excertos revelam como a limitação no acesso à escolarização formal compromete a inserção dos sujeitos em ocupações mais estáveis e com direitos assegurados. Ambos os trechos evidenciam como o trabalho torna-se a principal via de afirmação social e sobrevivência, mesmo que marcado pela precariedade. Tais representações literárias reforçam a compreensão de que a ausência de formação escolar impacta diretamente a permanência em posições subalternas no mundo do trabalho, contribuindo para a perpetuação de desigualdades estruturais.

A informalidade, conforme representada nas obras literárias do Amapá, encontra consonância direta com a análise histórica de Lobato (2015, p. 125), que mostra como as dinâmicas urbanas de Macapá entre 1944 e 1964 impuseram uma urbanização seletiva, expulsando populações pobres, especialmente negras, para áreas periféricas, muitas vezes sem infraestrutura ou acesso a serviços básicos. Nesse cenário, “a busca por meios de sobrevivência fora das estruturas formais tornou-se uma realidade para muitos trabalhadores”. Essa lógica de exclusão urbana fomentou uma cultura laboral assentada em saberes tradicionais e estratégias de sobrevivência adaptadas ao cotidiano, como destaca Lobato, “as táticas que os trabalhadores utilizavam na luta contra a insegurança alimentar, do morar, do trabalhar e outras eram criadas com base na tradição e nas possibilidades reais de improvisação”.

Nesse contexto de marginalização espacial e econômica, a informalidade passou a desempenhar um papel estruturante na vida das populações excluídas, não apenas como alternativa à ausência de emprego formal, mas como expressão de resistência e criatividade social. A literatura amapaense capta essa realidade ao retratar personagens que constroem seus meios de vida a partir de ofícios informais, em sua maioria tradicionalmente invisibilizados. Esses sujeitos não apenas sobrevivem à margem das estruturas institucionais, mas reconstróem continuamente sua dignidade e pertencimento social a partir do trabalho, ainda que por vezes, precário. A presença dessas narrativas reforça o elo entre literatura e realidade histórica (Cândido, 2004), revelando como a exclusão urbana e a informalidade estão imbricadas em um processo maior de reprodução de desigualdades.

A diversidade de profissões identificadas - de vendedores ambulantes a parteiras, de agricultores a artesãos - revela o quanto o trabalho informal compõe uma malha significativa da economia popular, sustentando a vida em contextos onde o mercado formal não oferece alternativas estáveis. Ao mesmo tempo, a literatura denuncia a exploração, a instabilidade e a invisibilidade que marcam a trajetória da maioria dos trabalhadores e trabalhadoras informais, sobretudo quando suas histórias estão atravessadas por marcadores como classe, gênero, idade e baixa escolaridade.

Em meio à precariedade e à ausência de direitos, essas ocupações revelam tanto a criatividade e a resiliência dos trabalhadores quanto a fragilidade das condições em que atuam. A literatura evidencia não apenas a informalidade como expressão da exclusão social, mas também como espaço de resistência, saber e construção de identidade. O resgate dessas vozes e experiências na literatura amapaense exerce um papel fundamental na preservação da memória coletiva e na valorização desses sujeitos. Coloca-se, assim, a dupla tarefa de analisar criticamente o trabalho em sua alienação e, simultaneamente, identificar e assimilar os benefícios nele incorporados, de acordo com o que aponta Della Fonte (2018).

Para tanto, segundo a autora, o saber escolar deve ser reconhecido como expressão da prática humana, revelando formas de viver e de se tornar humano em determinado momento histórico, como síntese das relações sociais e do conflito entre produzir e usufruir da riqueza, cristalizado no patrimônio cultural. Por meio de narrativas sensíveis e comprometidas com a realidade local, o texto literário oferece essa possibilidade mediante uma lente crítica para compreender o mundo do trabalho em sua complexidade, especialmente nos contextos periféricos e marcados pela informalidade.

Em consonância com os princípios da EPT, que apesar de visarem a inclusão qualificada no mundo laboral, almejam igualmente preparar indivíduos que sejam capazes de exercer uma cidadania ativa, crítica e socialmente comprometida (Ciavatta, Frigotto e Ramos (2005), esses relatos literários ampliam o horizonte da formação humana integral ao reconhecer os saberes populares, respeitar os contextos socioculturais e promover a emancipação dos trabalhadores enquanto sujeitos históricos e culturais.

Sob essa ótica, rompe-se com a visão compartimentada da educação, assumindo o sujeito em sua plenitude e considerando que a formação deve abarcar não apenas competências técnicas e cognitivas, mas também dimensões afetivas, éticas e de construção identitária (Oliveira, 2020). Integrar esses elementos ao contexto da EPT significa reconhecer os saberes oriundos do cotidiano, valorizando a cultura local e promovendo uma formação mais conectada à realidade concreta dos estudantes. Assim, a literatura reafirma sua

capacidade formativa ao transformar a experiência do trabalho em memória, crítica social e expressão poética de sujeitos muitas vezes silenciados.

#### 4.2.3 Categoria trabalho ilegal

A categoria trabalho ilegal contempla 17 unidades de registro identificadas na análise dos textos literários do corpus selecionado. O critério de inclusão nesta categoria foi a presença de representações de práticas laborais realizadas à margem da legalidade, caracterizadas por atividades proibidas pela legislação em vigor, tanto em âmbito local quanto nacional. Os registros encontrados, em sua totalidade vinculados ao trabalho infantil, demonstram a inserção precoce de crianças e adolescentes em contextos de trabalho ilícitos, em atividades como venda ambulante, pesca, carvoaria, extração vegetal e serviços domésticos.

A Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990) e o Decreto nº 6.481/2008 - que estabelece a Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil (Lista TIP) - proíbem expressamente a inserção de crianças e adolescentes em atividades laborais perigosas, insalubres, penosas ou em desacordo com a sua faixa etária. A maior parte das tarefas identificadas no corpus enquadram-se na Lista TIP. Em razão da extensão dos dados analisados e da busca por aprofundamento analítico, a tabela com a descrição completa das unidades de registro encontra-se no Apêndice D. Neste subtópico, apresenta-se uma síntese interpretativa com base nos trechos mais representativos.

A distribuição das atividades profissionais desenvolvidas nessa categoria está no quadro abaixo:

Quadro 5- Quantitativo de profissões na categoria trabalho ilegal

<b>Atividade Profissional</b>	<b>Quantidade de Registros</b>
Agricultor	02
Ajudante de Pedreiro	01
Ajudante de Preseiro em Olaria	01
Auxiliar de Carga e Descarga	01
Carvoeiro	01

Empregada Doméstica	02
Entalhador	01
Entregador	01
Extrativista	02
Vendedor Ambulante	05
<b>Total</b>	<b>17</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

As narrativas literárias revelam um cenário recorrente de violação de direitos da infância e adolescência, em que o trabalho aparece como imposição diante da pobreza e da ausência de políticas públicas. Um dos registros literários que denuncia essa realidade está na crônica “Meninos da Orla” (Almeida, 2013, p. 47), na qual o narrador relembra sua infância vendendo “chopp” na praia do Araxá, em Macapá: “Tínhamos a responsabilidade de ajudar também no sustento da família. Por essa razão, as cubas e os tabuleiros tinham que voltar vazios e os nossos bolsos cheios do resultado das vendas.”

A crônica manifesta uma infância marcada pela lógica da subsistência, na qual o tempo de lazer é substituído pelo compromisso com o sustento familiar. O desejo de brincar, frustrado pelas exigências do trabalho precoce, torna a cena ainda mais dolorosa:

Ficávamos olhando da areia, com ar de inveja, os outros meninos brincando naquelas águas. Nós queríamos estar lá fazendo dos troncos das árvores, trazidos pela maré alta, os nossos cavalos (Almeida, 2013, p.47).

Essa cena revela a tensão entre o mundo do trabalho e o universo lúdico da infância, evidenciando como o trabalho infantil interfere no desenvolvimento integral das crianças. A narrativa dá voz aos meninos trabalhadores, que observam à distância a possibilidade de vivenciar uma infância plena. Ao mesmo tempo em que se reconhecem como sujeitos da labuta cotidiana, eles também expressam o desejo por um tempo de liberdade e imaginação. Essa criação literária denuncia, de forma sensível, os impactos da desigualdade social sobre os direitos fundamentais da infância.

Ao passo que na crônica anterior há o contraste entre as crianças que brincam e as que precisam trabalhar, no conto “Menino de Rua” (Couto, 2008, p. 86), a comparação se aprofunda e abarca as discrepâncias entre as classes sociais: “Enquanto os filhos da classe

média e rica dormiam seu sono infantil, protegidos nos lares dos seus pais, Wesley vagava pelas ruas”. A criança tinha até repertório de atividades profissionais: “Foi vendedor de cocada, de amendoim, picolé, mas o negócio não deu certo. O que fazia mesmo era reparar carro, que se não desse lucro, não dava prejuízo” (p. 87).

Identificam-se, nessas narrativas literárias, o abandono institucional e a ausência de oportunidades que marcam a trajetória de muitas crianças e adolescentes. O trabalho aqui não é escolha ou expressão de autonomia, mas imposição diante da carência. Essa realidade também se estende ao espaço rural, como no conto “O Amapá” (Jovino, 1998, p.14), que mostra adolescentes arriscando-se na madrugada ao atracar em embarcações em movimento para comercializar produtos, deixando o personagem principal impressionado: “Curioso é notar que muitas vezes o trabalho é feito por mocinhas com idade variando de doze a quinze anos” .

Na esfera lírica, o poema “Vida a Grito” expõe vários impactos do trabalho precoce, especialmente no que tange à defasagem escolar:

Guri pacato,  
humilde, puro, pela terra encantado  
e à vida encorajado.  
Seu trabalho grosseiro e pesado  
o deixava fraco e cansado,  
quase sem tempo para brincar  
e com seus coleguinhas conversar.  
O tempo que lhe restava era para estudar  
e à noite, depois da lição, descansar.  
Suas mãos calejadas  
seguravam o cabo da enxada, ancinho, pá  
e galhadas.  
Plantavam mandioca, batata doce e bananeira  
e outras, entre as quais, a laranjeira (Barbosa, 2004, p.25).

O poema traça, em versos simples e sensíveis, o retrato de uma infância marcada pela dureza do trabalho no campo. O "guri", descrito como pacato, humilde e encantado pela terra, revela-se uma figura que, apesar da pureza e coragem, é submetida a uma rotina exaustiva. O trabalho agrícola, pesado e grosseiro, rouba-lhe a vitalidade e compromete seu direito ao lazer e à convivência com outras crianças, restando-lhe apenas o tempo mínimo para estudar antes de repousar. A descrição detalhada das atividades agrícolas ancora a experiência no contexto rural e revela a naturalização do trabalho infantil como parte do cotidiano.

Consequências nefastas do trabalho infantil também são expostas no conto “Equívoco Imaginário”. Zézinho Carvoeiro, um menino de apenas 12 anos, nunca havia

frequentado a escola e resolveu começar a estudar somente após ser ridicularizado por acreditar que a Linha do Equador era uma linha literal, na qual podia esbarrar. O trabalho da criança era em uma carvoaria, local árduo e arriscado até mesmo para adultos. O início do texto revela uma época em que o trabalho infantil era não só normalizado como exaltado:

Zezinho carvoeiro era um menino muito trabalhador e se orgulhava muito disso. Na época não se discutia o trabalho infantil, muito ao contrário, os pais faziam questão de iniciar seus filhos em uma profissão, como uma garantia contra os desvios da vida. Com doze anos completos, ele nem sentia falta de escola (Carvalho, 2022, p.138).

O excerto explicita como o trabalho precoce, além de comprometer a escolarização, é naturalizado como parte do processo de formação moral e caráter, perpetuando ciclos de exclusão e ignorância. A ausência da escola, vista como irrelevante pelo próprio personagem, revela os efeitos de uma socialização que prioriza a sobrevivência imediata em detrimento do desenvolvimento intelectual e crítico. Ao retratar o orgulho infantil diante da labuta, o conto evidencia uma inversão de valores que transforma a privação de direitos em motivo de honra.

Na crônica “O Batedor de Sapopema”, o narrador demonstra já estar plenamente integrado à lógica do trabalho aos doze anos, atuando ao lado dos irmãos mais novos na extração de látex, em plena mata, antes mesmo do amanhecer:

Tão familiarizado estava com essa atividade que já aos doze anos de idade passei a trabalhar à noite por ser esse o melhor período para a produção da seiva. Ao primeiro cantar do galo íamos nós, eu e meus dois irmãos menores, mata a dentro (Siqueira, 2023, p.80).

A narrativa expõe a naturalização do trabalho infantil como parte da rotina familiar, revelando um contexto em que a infância é moldada pela responsabilidade precoce e pela incorporação de saberes produtivos desde muito cedo. Ao relatar essa experiência com aparente normalidade, a crônica contribui para refletir criticamente sobre como determinadas práticas, enraizadas em contextos de vulnerabilidade, perpetuam a violação de direitos fundamentais, como o acesso à educação e ao descanso. Os dados completos no Apêndice D elencam vários outros relatos de trabalho infantil, como trabalho doméstico (Almeida, 2013; Sousa, 2016); preseiro em olaria, ajudante de pedreiro (Santos, 2009); coleta de sementes (Pereira, 2005); trabalho na roça (Santos, 2002); entalhador (Pinheiro, 1996); ajudante de carga e descarga (Canto, 1995); entregador (Gomes, 1994).

Embora a maioria desses registros remonte experiências datadas das décadas de 1960 a 1980, especialmente no interior do Amapá ou em comunidades urbanas marginalizadas, os

textos analisados evidenciam situações que não se restringem ao passado, pois ecoam práticas ainda comuns, especialmente em áreas de maior vulnerabilidade social, demonstrando que o texto literário não se distancia dos problemas reais (Cândido, 2004). Além disso, como já enfatizado, muitos dos relatos literários não são apenas expressões ficcionais, mas memórias de infância vivenciadas pelos próprios autores ou inspiradas em conhecidos, dando à narrativa uma maior verossimilhança que amplia seu valor testemunhal.

O trabalho infantil, infelizmente, ainda é uma realidade persistente no Brasil contemporâneo. Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, apesar de queda gradual, mais de 1,6 milhão de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos estavam em situação de trabalho infantil no país em 2023, sendo 586 mil em atividades perigosas. A região Norte concentra a maior proporção de crianças e adolescentes nessa situação, com cerca de 6,9%. Entre 2023 e 2025, mais de 6 mil crianças e adolescentes foram afastados de situações ilegais de trabalho por ações de fiscalização do governo federal, o que reforça a atualidade e gravidade do problema.

A diversidade de registros literários sobre trabalho infantil, aliada aos dados apresentados sobre a realidade atual do tema, revelam a precarização da infância em múltiplas dimensões e reforça a necessidade de compreendê-lo não apenas como violação de direitos, mas também como reflexo de condições socioeconômicas estruturalmente desiguais, perpetuadas cultural e historicamente na região. O conjunto desses dados revela que, nas obras literárias amapaenses analisadas, o trabalho ilegal, em sua pior forma, o trabalho infantil, é ancorado na realidade local, evidenciando a desigualdade social e a exclusão de sujeitos que deveriam estar no espaço escolar e de proteção.

Para Kuenzer (2007), é indispensável reconhecer que o acesso ao saber está inserido em um contexto de profundas desigualdades sociais e históricas. O afastamento dessas crianças da escola e o ingresso precoce em atividades laborais revelam exatamente um desses contextos, marcado por extrema precariedade. Sendo assim, a literatura, ao expor tais realidades, colabora com o papel educativo ao permitir o reconhecimento crítico das contradições sociais que moldam o mundo do trabalho e que afetam a sociedade como um todo, incluindo, especialmente, as crianças nascidas em ambientes de vulnerabilidade.

Além disso, os textos analisados reforçam a função da literatura como instrumento educativo profícuo, capaz de desvelar situações de injustiça, exploração e desigualdade, conforme já aventava Cechinel (2020), contribuindo para a formação de sujeitos mais críticos, sensíveis e engajados - desde que essa leitura seja mediada de forma intencional e

significativa no processo educativo, como propõe Silva (2022). Assim, ao evidenciar o trabalho infantil em suas múltiplas formas, a literatura amapaense não apenas documenta uma realidade social, mas também se configura como ferramenta capaz de contribuir para a formação integral dos estudantes da EPT.

Essa mediação do texto literário potencializa a articulação entre o universo do trabalho e os processos educativos, especialmente na EPT, em que busca-se a construção de práticas pedagógicas mais integradas, humanizadoras e socialmente comprometidas. Tais representações, dessa forma, podem perfeitamente dialogar com os pressupostos da formação humana integral, ao revelarem os sentidos atribuídos ao trabalho no contexto local, integrando múltiplas dimensões da formação humana - intelectual, profissional, assim como cultural, social, ético-política, científica, afetiva e emocional - conforme delineado por Oliveira (2020).

### **4.3 Elaboração, aplicação e reelaboração do produto educacional**

A partir da análise dos textos literários, da identificação das temáticas e das potencialidades formativas associadas à formação integral na EPT, foi elaborado como produto educacional um guia literário em formato e-book, intitulado “Mundo do Trabalho na Literatura Amapaense” (Apêndice A). A opção pelo formato em e-book foi adotada por sua praticidade, acessibilidade e sustentabilidade, já que possibilita ampla distribuição sem custos de impressão, acesso em diferentes dispositivos e atualização contínua. Trata-se, portanto, de um recurso flexível e de fácil utilização por educadores da EPT. O produto foi desenvolvido utilizando a ferramenta Canva, uma plataforma digital de design gráfico, que permite a criação e edição de materiais visuais de forma simples e intuitiva, mesmo por usuários que não possuem conhecimentos avançados em design, favorecendo tanto a estética quanto a acessibilidade do material.

O guia reúne reflexões acerca de obras literárias amapaenses que representam o mundo do trabalho, estruturadas em capítulos organizados segundo as categorias temáticas definidas na pesquisa. Essa organização busca evidenciar as diferentes formas de inserção laboral presentes na literatura local, apresentadas em linguagem didática para favorecer sua apropriação no contexto educativo. Para cada categoria, são apresentados trechos representativos, devidamente referenciados, com a finalidade de facilitar o acesso dos leitores às obras originais e estimular novas leituras. Além disso, ao final de cada seção, são propostas atividades educativas que podem ser desenvolvidas no âmbito da EPT. A concepção do material visa oferecer uma ferramenta de apoio didático, tendo como público-alvo

especialmente docentes da EPT interessados em incorporar a literatura regional em suas práticas pedagógicas, fortalecendo, assim, o diálogo entre formação profissional, cultura local e reflexão crítica sobre o trabalho.

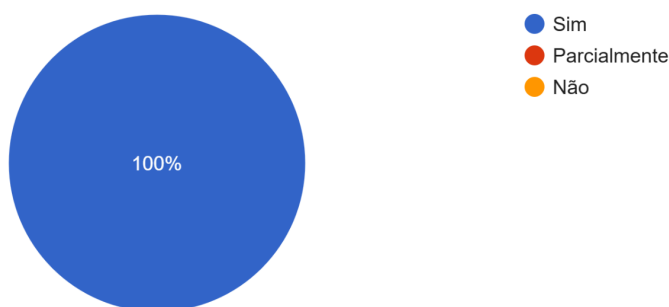
A etapa de aplicação do produto educacional ocorreu com a disponibilização do material digital a professores da EPT vinculados ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) mediante compartilhamento por e-mail e aplicativo de mensagens instantâneas. Foram incluídas duas alternativas de acesso: via link de compartilhamento no Google Drive, que possibilitou a consulta on-line em diferentes dispositivos, e em anexo ao e-mail/mensagem, garantindo que o arquivo pudesse ser baixado e acessado mesmo em situações de instabilidade de conexão ou indisponibilidade de internet. Junto ao compartilhamento do guia foi disponibilizado um link para avaliação do recurso, através da ferramenta Google Forms. Esse instrumento foi elaborado com o objetivo de verificar a clareza, a relevância e a aplicabilidade do material no contexto da EPT.

Até 08 de setembro de 2025, o produto contou com a participação de sete docentes da EPT do IFAP em sua avaliação. A seguir, apresentam-se os resultados obtidos, sistematizados nos gráficos abaixo:

Gráfico 2 - Objetivos do guia

Você conseguiu compreender os objetivos do guia?

7 respostas

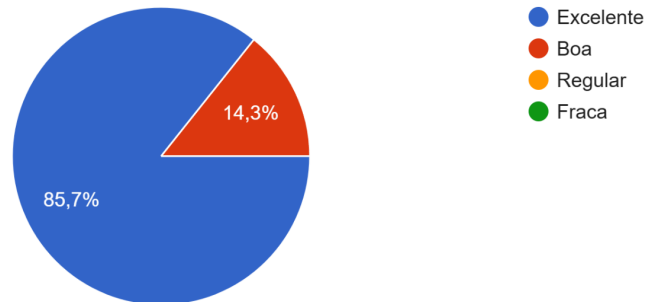


Fonte: Dados da pesquisa (2025)

O resultado da primeira pergunta relativa aos objetivos do material demonstra que todos os respondentes afirmaram tê-los compreendido claramente, o que evidencia a eficácia na apresentação da proposta e confirma a clareza do material quanto à sua finalidade pedagógica.

Gráfico 3 - Integração entre literatura amapaense e mundo do trabalho

Como você avalia a integração entre literatura amapaense e mundo do trabalho proposta no guia?  
7 respostas

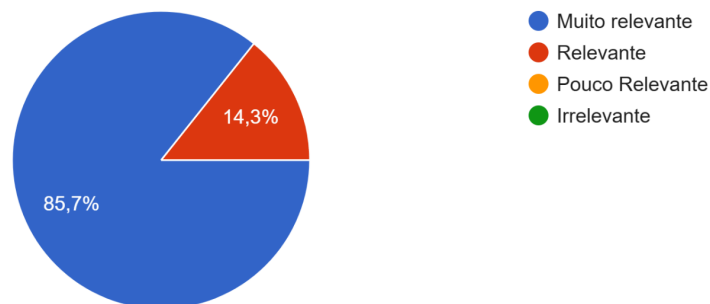


Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A questão sobre a integração entre literatura amapaense e mundo do trabalho proposta no guia obteve resultados bastante favoráveis: 85,7% dos respondentes a avaliaram como excelente e 14,3% como boa, demonstrando que a articulação entre esses dois campos foi reconhecida como pertinente e bem estruturada.

Gráfico 4 - Relevância do guia

O conteúdo do guia foi relevante para sua prática/realidade?  
7 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A pergunta sobre a relevância do conteúdo do guia para a prática e realidade docente indicou avaliações muito positivas: 85,7% dos participantes consideraram-no excelente e 14,3% o classificaram como bom, confirmando a adequação do material às necessidades educativas do público-alvo.

Gráfico 5 - Aplicabilidade das atividades sugeridas

As sugestões de atividades apresentadas são aplicáveis ao contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT)?

7 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A indagação sobre a aplicabilidade das sugestões de atividades ao contexto da EPT obteve unanimidade nas respostas, com 100% dos participantes reconhecendo sua pertinência, o que confirma a compatibilidade das propostas ao cotidiano educativo dessa modalidade de ensino.

Gráfico 6 - Potencial do guia para a formação integral

Você considera que o guia pode auxiliar na formação integral dos estudantes?

7 respostas



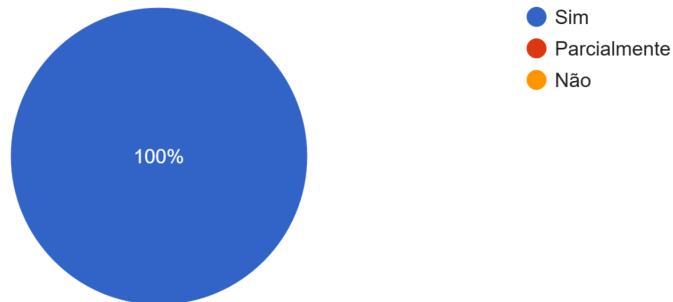
Fonte: Dados da pesquisa (2025)

O item sobre o potencial do guia para auxiliar na formação integral dos estudantes também obteve unanimidade entre os respondentes, com 100% de respostas positivas, evidenciando o reconhecimento do material como recurso capaz de contribuir para o desenvolvimento pleno dos discentes na EPT.

### Gráfico 7 - Organização e estrutura do guia

A organização e a estrutura do guia estão adequadas à proposta?

7 respostas



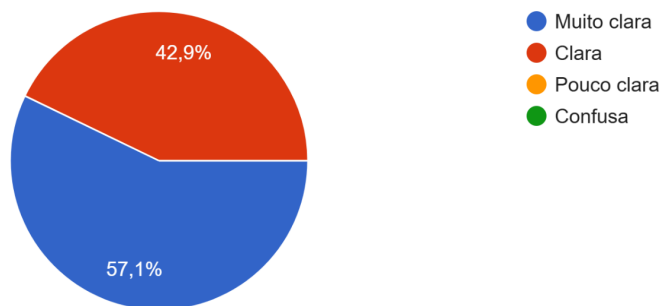
Fonte: Dados da pesquisa (2025)

O aspecto avaliado sobre a organização e a estrutura do guia igualmente alcançou 100% de aprovação, indicando que todos os participantes consideraram esses elementos plenamente adequados à proposta e coerentes com os objetivos do material.

### Gráfico 8 - Linguagem do guia

A linguagem utilizada no guia foi:

7 respostas



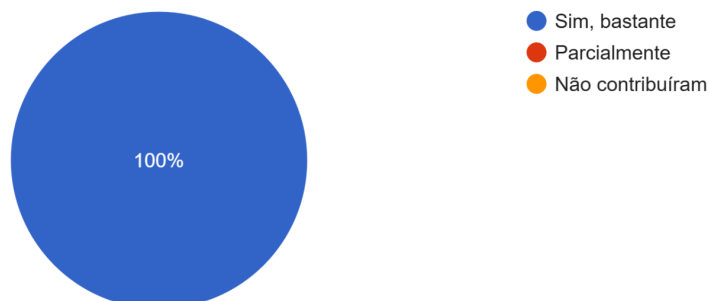
Fonte: Dados da pesquisa (2025)

O tópico referente à linguagem do guia apresentou avaliação muito positiva: 57,1% dos respondentes a classificaram como muito clara e 42,9% como clara, o que confirma a efetividade do material em termos de comunicação e acessibilidade textual.

Gráfico 9 - Formatação e recursos visuais do guia

A formatação e recursos visuais do guia contribuíram para a compreensão do conteúdo?

7 respostas



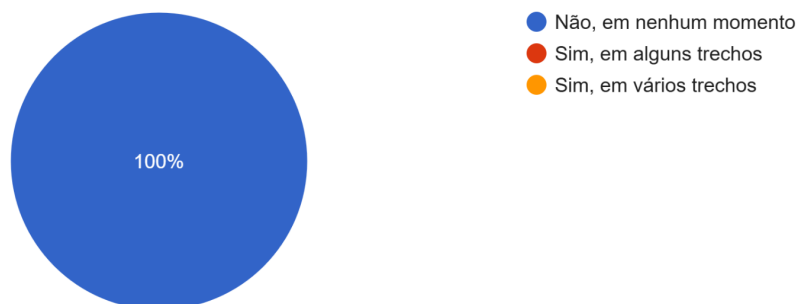
Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A questão relativa à formatação e aos recursos visuais do guia obteve 100% de aprovação, demonstrando que todos os respondentes reconheceram a contribuição desses elementos para a compreensão e atratividade do conteúdo apresentado

Gráfico 10 - Ética do conteúdo

O material, em seus textos, imagens ou exemplos, apresenta algum conteúdo que possa ser considerado pejorativo, abusivo ou ofensivo?

7 respostas



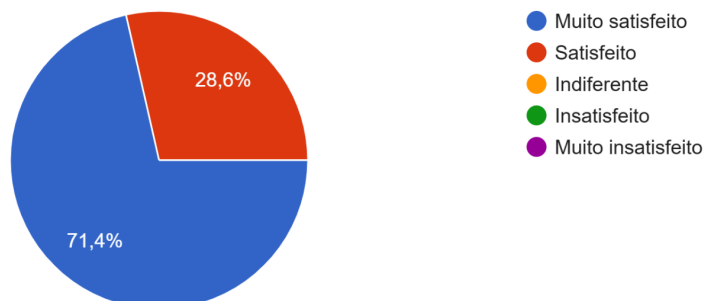
Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A indagação sobre a presença de conteúdos pejorativos, abusivos ou ofensivos no material resultou em 100% de respostas negativas, o que evidencia que os textos, imagens e exemplos foram considerados adequados e respeitosos por todos os participantes.

Gráfico 11 - Satisfação geral

Como você definiria sua satisfação geral com o guia?

7 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

O item relativo à satisfação geral com o guia apresentou resultados bastante favoráveis: 71,4% dos participantes declararam-se muito satisfeitos e 28,6% satisfeitos, revelando um alto grau de aprovação em relação ao material como um todo.

Imagem 1 - Pergunta aberta

Este espaço é livre para elogios, críticas ou sugestões destinadas ao aperfeiçoamento do guia:

4 respostas

Parabéns

Parabéns pela construção do guia e por escolher nossa literatura como base para o diálogo com a EPT. Ficou excelente!

Parabéns a você e ao seu orientador pela pesquisa e pelo produto desenvolvido!

O guia literário é uma contribuição valiosa para a educação, não apenas para o Estado do Amapá, mas para todo o país. O produto apresenta uma excelente articulação entre literatura, trabalho, educação e a realidade local.

A linguagem é acessível e convidativa para professores e estudantes. No entanto, sugiro uma revisão textual em todo o material para corrigir possíveis erros de digitação, como a grafia da palavra "crônica" na página 24, e o uso inadequado da pontuação na página 31, no trecho: "atividade.em grupo."

Por fim, gostaria de deixar como sugestão a possibilidade de dar continuidade à pesquisa a partir da abordagem da uberização do trabalho. Como indicação de leitura, recomendo a obra "Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0", organizada por Ricardo Antunes (2020).

Desejo muito sucesso em sua trajetória e espero poder ler outros poemas de sua autoria em breve.

Parabéns pelo excelente trabalho!

O guia está excelente.

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

O último item do formulário era uma questão aberta e não obrigatória, destinada a elogios, críticas ou sugestões, que contou com quatro contribuições. De maneira geral, os

respondentes manifestaram avaliações positivas, parabenizando a criação do guia. Um dos avaliadores recomendou a realização de revisão textual para corrigir alguns erros de digitação e pontuação. Foi sugerida a ampliação do debate a partir do tema da uberização do trabalho, além do incentivo para novas produções autorais da pesquisadora.

As avaliações realizadas demonstram que o guia literário “Mundo do Trabalho na Literatura Amapaense” atende aos objetivos propostos, sendo reconhecido pelos respondentes como um material claro, bem estruturado, relevante e aplicável ao contexto da EPT. As respostas positivas em diversos aspectos, muitas vezes unânimes, somadas aos elogios e sugestões apresentados nas respostas abertas, demonstram não apenas a pertinência do produto como recurso didático, mas também seu potencial de contribuir para a formação integral dos estudantes e para a valorização da literatura amapaense. Assim, conclui-se que o guia cumpre sua função como ferramenta de apoio à prática docente, ao mesmo tempo em que abre caminhos para futuras melhorias e desdobramentos de pesquisa.

Por fim, na etapa de reelaboração, a sugestão de revisão textual foi realizada, resultando em ajustes necessários ao guia literário. Esse movimento cíclico - elaboração, aplicação e reelaboração - assegurou que o produto final não fosse apenas coerente com os resultados da pesquisa, mas também responsivo às demandas práticas da EPT, potencializando sua utilização como ferramenta formativa que reconhece, valoriza e integra a cultura local aos processos educativos para a formação omnilateral.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da necessidade de construir possibilidades concretas de aplicação da formação humana integral na Educação Profissional e Tecnológica, verificando as possibilidades formativas da literatura amapaense no contexto da EPT. A questão central - em que medida essas obras podem favorecer a formação humana integral, ao abordar o mundo do trabalho e suas múltiplas dimensões - orientou o percurso investigativo desde a delimitação do problema até a elaboração do produto educacional.

A análise demonstrou que a literatura amapaense constitui um campo fértil para a reflexão sobre a realidade social, revelando práticas, narrativas e memórias que podem enriquecer o processo formativo na EPT. As obras analisadas oferecem ao estudante não apenas representações de atividades produtivas, mas também perspectivas críticas sobre desigualdades, exclusões e formas de resistência, aproximando-se dos ideais de uma formação omnilateral.

Portanto, o percurso investigativo confirmou a hipótese de que a literatura amapaense constitui um recurso formativo relevante para formação humana integral na EPT, pois, ao mesmo tempo que preserva e valoriza saberes locais, promove o diálogo entre trabalho e educação, estimulando a leitura crítica da realidade. O estudo atingiu seus objetivos ao mapear e categorizar as representações do trabalho na literatura regional; interpretar suas potencialidades formativas à luz da concepção da formação omnilateral; e propor um produto educacional - guia literário - com reflexões sobre obras literárias e práticas educativas voltadas ao fortalecimento da formação integral.

Por sua capacidade de representar realidades complexas e provocar questionamentos, a literatura torna-se uma importante aliada na formação humana integral. Ao dialogar com diferentes tempos, espaços e vozes sociais, ela possibilita que os sujeitos em formação acessem múltiplas perspectivas, ampliando sua visão de mundo e fortalecendo sua capacidade de agir criticamente sobre a realidade. Ao tematizar o trabalho em suas complexidades, o texto literário não apenas humaniza o debate sobre esse universo, mas também se torna recurso prático para a construção de uma educação que reconheça o trabalhador como sujeito de direitos, cultura e história.

Cada nova geração precisa se apropriar, de forma ativa e consciente, das conquistas e produções acumuladas pela humanidade ao longo do tempo, pois é nesse legado que se condensam as experiências, saberes, valores e criações que nos definem como espécie (Della Fonte, 2018). Esse patrimônio cultural - que inclui ciência, arte, literatura, técnicas, tradições

e modos de organização social - não é apenas herança, mas também condição para que cada indivíduo se desenvolva plenamente como ser humano. Ter acesso a ele significa entrar em contato com a história e com a essência do que somos, ampliando a compreensão do mundo e de si mesmo. Por isso, o contato com esse conjunto de produções não é opcional ou acessório, mas requisito fundamental para a humanização, entendida como o processo de formação integral que possibilita ao sujeito participar, transformar e criar cultura.

Assim, conclui-se que a literatura amapaense, quando incorporada de forma intencional e crítica ao processo educativo, constitui-se em instrumento potente para a valorização cultural, a compreensão histórica e social do trabalho e o desenvolvimento de sujeitos plenos, capazes de intervir na realidade de maneira ética, criativa e transformadora. Ao contribuir para a superação da visão fragmentada da educação, reafirma-se seu papel na construção de uma EPT que não se limite à capacitação técnica, mas que se comprometa com a emancipação e a dignidade humana.

Ainda que os resultados revelem contribuições significativas, reconhece-se que o estudo possui aspectos passíveis de aperfeiçoamento, como a aplicação inicial do produto educacional, que poderá ser enriquecida por sua implementação em contextos reais de sala de aula. Tais aspectos, entretanto, não reduzem a relevância dos achados, mas se configuram como oportunidades para o desenvolvimento de investigações futuras e para o aperfeiçoamento das propostas apresentadas.

Entre as recomendações para pesquisas vindouras, destaca-se: realizar estudos comparativos com produções literárias de diferentes regiões amazônicas; aplicar o guia literário em contextos reais de ensino, acompanhando e avaliando seus efeitos sobre a aprendizagem e a consciência crítica dos estudantes. Além disso, sugere-se que novas investigações articulem a literatura com outras expressões culturais, como a música, as artes visuais e a tradição oral, fortalecendo a integração entre arte, trabalho e formação humana.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA AMAPÁ. **Governo do Estado garante inclusão de produtores rurais e populações tradicionais no Cadastro Nacional da Agricultura Familiar**. 2024. Disponível em: <https://agenciaamapa.com.br/noticia/29585>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- ALMEIDA, Cláudia Patrícia Nunes. **Remanso das águas**. Macapá: Tarso, 2013.
- ARAÚJO, Jeconias Alves de. Macapá, meus passos no teu passado. In: TUCUJU, Confraria (org.). **Coletânea Macapaense**: Macapá, recortes poéticos. Macapá: Confraria Tucuju/PMM, 2002. p. 82-91.
- ARAUJO, Ademir Pedrosa. O bruxo. In: AIRES, Luiz Ricardo Fernandes de Farias; PUREZA, Benedita Machado; BARBOSA, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). **1º Tucuju Literário do IFAP**: contos e poemas: os encantos do meio do mundo. Macapá: Edifap, 2022. p. 147-149.
- BARBOSA, João. **Aprendendo com versos**. Macapá: Valcan, 2001.
- BARBOSA, João. **Gritos no olhar**. Macapá: JM, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, Paulo Tarso. **História de um sino**: contos. Macapá: Tarso, 2013.
- BRAGA, Laíses do Amparo. Mãe Luzia. In: **Coletânea amapaense**: poesias e crônicas. Belém, PA: CEJUP, 1988. p. 95-96.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Concepção e diretrizes**: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Brasília: MEC/SETEC, 2008a. 23 p. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/acao-a-informacao/institucional/estrutura\\_organizacional/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-educacao-profissional/rede-federal/apresentacao](https://www.gov.br/mec/pt-br/acao-a-informacao/institucional/estrutura_organizacional/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-educacao-profissional/rede-federal/apresentacao). Acesso em: 18 nov. 2023.
- BRASIL. Decreto n. 6.481, de 12 de junho de 2008. **Regulamenta os artigos 3º, alínea “d”, e 4º da Convenção n. 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que trata da proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação, aprovada pelo Decreto Legislativo n. 178, de 14 de dezembro de 1999, e promulgada pelo Decreto n. 3.597, de 12 de setembro de 2000, e dá outras providências**. Brasília: Presidência da República, 2008b. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm). Acesso em: 19 mai. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais**: o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 90 p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto\\_nascimento\\_domiciliar\\_parteiras.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto_nascimento_domiciliar_parteiras.pdf). Acesso em: 05 mai. 2025.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Senado Federal, 2017. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf). Acesso em: 06 mai. 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 2023. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/623234/CF88\\_EC129\\_livro.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/623234/CF88_EC129_livro.pdf). Acesso em: 9 mai. 2025.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CANTO, Fernando Pimentel. **O bálsamo e outros contos insanos**. Belém: Universitária, UFPA, 1995.

CANTO, Fernando. Natanael na Janela. In: Canto, F. *et al.* **Quinze Dedos de Prosa**. São Paulo: Scortecci, 2015. p. 26-30.

CAPIBERIBE, J. Os anjos da floresta. In: JUCÁ, L.; MOULIN, N. (org.). **Parindo um mundo novo: Janete Capiberibe e as parteiras do Amapá**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 21-26.

CANO, Márcio Rogério de O.; PORTOLOMEOS, Andréa. **Literatura e subjetividade: Coleção A Reflexão e a Prática no Ensino Médio**. São Paulo: Blucher, 2016.

CARVALHO, João Wilson Savino. **Da vida e da sorte por dez contos**. Pará de Minas: Virtualbooks, 2012.

CARVALHO, João Wilson Savino. Equívoco imaginário. In: AIRES, Luiz Ricardo Fernandes de Farias; PUREZA, Benedita Machado; BARBOSA, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). **1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas: os encantos do meio do mundo**. Macapá: Edifap, 2022. p. 138-141.

CARVALHO JUNIOR, Gabriel Dias de. A teoria dos campos conceituais e a didática profissional: possíveis encontros e diálogos. In: OLIVEIRA, A. R. *et al.* (Org). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: da história à teoria, da teoria à práxis**. Curitiba: CRV, 2020. p. 83-104.

CAVALCANTI, Alcy Araújo. O Julgamento. In: CORRÊA, Manoel Bispo (org.). **Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo: contos**. Macapá: JM, 2010. p. 11-13.

CECHINEL, André. **Literatura, ensino e formação em tempos de Teoria (com 'T' maiúsculo)**. Curitiba: Appris, 2020.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1. ed. São Paulo: Global, 2007.

COUTO, Mauro Guilherme da Silva. **O Trem de Maria**. São Paulo: Scortecci, 2008.

DELLA FONTE, Sandra Soares. Formação no e para o trabalho. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 2, n. 2, p. 10-19, 2018. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/383>. Acesso em: 19 jun. 2023.

DIAS, Joseli Pereira. Armando com Esmaelino. In: CORRÊA, Manoel Bispo (org.). **Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo**: contos. Macapá: JM, 2010. p. 121-123.

DIAS, Joseli Pereira. **Mãe Luzia**: A Parteira mais famosa de Macapá. 1. ed. Macapá: [s.n.], 2013.

DIAS, Joseli. **Mitos e lendas do Amapá**. 4. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2020.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Tipologia de agricultores no estado do Amapá com base em indicadores de renda**. 2023. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 14 jun. 2025.

FRANÇA, Midiam de Oliveira. O ovo ficou em pé. In: AIRES, Luiz Ricardo Fernandes de Farias; PUREZA, Benedita Machado; BARBOSA, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). **1º Tucuju Literário do IFAP**: contos e poemas: os encantos do meio do mundo. Macapá: Edifap, 2022b. p. 163-164.

FREITAS, Caroline Lima de. A mulher do balde. In: MEIRELES, Rodolfo; OLIVEIRA, Andréia (org.). **Jovens talentos literários**: coletânea de poemas e outros textos produzidos nos atendimentos em Altas Habilidades/Superdotação. Macapá: [s.n.], 2017. p. 71.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2019.

GOMES, Carlos Cordeiro. **Guajará-Mirim**: um rio de lembranças. Macapá: Imprensa Oficial, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua 2023**: Trabalho infantil atinge 1,6 milhão de crianças e adolescentes no Brasil. IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/10/trabalho-infantil-caiu-14-6-de-2022-para-2023-e-chega-ao-menor-nivel-da-serie-historica-da-pnad-continua-do-ibge>. Acesso em: 12 mai. 2025.

JOVINO, José Antonio da Silva. **Poraquês e Piaçocas**. Macapá: Valcan, 1998.

KUENZER, Acácia Zeneida (Org.). **Ensino médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LEOPOLDO, Sílvio. **Era uma vez num fundo de gaveta**. Macapá: Divisão de Difusão Cultural, 1990.

LOBATO, Sidney da Silva. Experiências de exclusão urbana no cotidiano macapaense (1944-1964). **Sæculum - Revista de História**, João Pessoa, 32, jan./jun. 2015, p. 113-134.

MARTINS, Reginaldo Pacheco. Doutor reconhecido. In: VÁRIOS AUTORES. **Coletânea de poesias: os servidores poetas do Amapá**. Macapá: EAP, 2005. p. 34.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela K. **Metodologia da pesquisa em educação: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas**. Coimbra: Grupo Almedina, 2021.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia**. Belém: Ed. do Autor, 2005.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. 1. ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

NASCIMENTO, Raysa Martins do. **Mãos mágicas: a prática do partejar a partir da experiência de parteiras tradicionais de Santana – AP**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

NATIVIDADE, José. **Lamentos de um Sonhador**. São Paulo: Scortecci, 2009

NUNES, Maria Ângela. **De amor e de fé: prosa e poesia**. Macapá: [s.n.], 2013.

OLIVEIRA, Getúlio Albuquerque de. **Um rosto na multidão**. Macapá, [s. n.], 2003.

OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de. OS INSTITUTOS FEDERAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL: entre gênese, concepção e desafios. In: OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de et al. (Organizadores). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: da história à teoria, da teoria à práxis**. Curitiba: CRV, 2020. p. 27-44.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Recomendação nº 204 sobre a transição da economia informal para a economia formal**: adotada pela Conferência em sua 104ª sessão em 12 de junho de 2015. Genebra: OIT, 2015a. Disponível em: [https://www.ilo.org/brasil/publicacoes/WCMS\\_619831/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasil/publicacoes/WCMS_619831/lang--pt/index.htm). Acesso em: 13 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Juventude e informalidade**: a formalização da juventude informal – experiências inovadoras no Brasil. Lima: OIT, 2015b. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstreams/738b313c-ee45-4ac8-b7fd-d6c570897d06/download>. Acesso em: 16 abr. 2025.

PACHECO, Eliezer. **Fundamentos político-pedagógicos dos institutos federais**: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora. Natal: IFRN, 2015. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1018/fundamentos-politico-pedagogicos.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2023.

PASTANA, José (org.). **Poemas, poesias e outras rimas**: coletânea. São Paulo: Scortecci, 2017.

PEREIRA, Decleoma Lobato. **Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós"**: uma aventura no Bailique. Macapá: Confraria Tucuju, 2005.

PERISSÉ, Gabriel. **Filosofia, ética e literatura**: uma proposta pedagógica. São Paulo: Manole, 2004.

PICANÇO, Ronaldo. Passeios de moleque. In: TUCUJU, Confraria (org.). **Coletânea macapaense**: Macapá, recortes poéticos. Macapá: Confraria Tucuju/PMM, 2002. p. 135-137.

PINHEIRO, Gilberto de Paula. **Tatu**. Belém, PA: Cejup, 1996.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Curitiba: IFPR, 2014. 121 p. Disponível em: <https://ifpr.edu.br/curitiba/wp-content/uploads/sites/11/2016/05/Historia-e-politica-da-educacao-profissional.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2023.

ROJANSKI, Luli. **Lugar da chuva**: crônicas do Amapá. São Paulo: Escrituras, 2001.

SÁ, Marly da Cunha. **Instantes do cotidiano**. Macapá, [s. n.], 2012.

SANTO, Adriely dos Anjos Moraes do Espírito. Aquela pracinha escondida. In: MEIRELES, Rodolfo; OLIVEIRA, Andréia (org.). **Jovens talentos literários**: coletânea de poemas e outros textos produzidos nos atendimentos em Altas Habilidades/Superdotação. Macapá: [s.n.], 2017. p. 65-66.

SANTOS, Janete. **Boa Esperança**: crônicas & contos. 2. ed. Macapá: JM, 2001.

SANTOS, Esmeraldina dos. **Histórias do meu povo**. Macapá: Confraria Tucuju/PMM, 2002.

SANTOS, Raimundo Donato dos. **Raízes submersas**: fatos e relatos. Rio de Janeiro: W. Books Comunicações, 2009.

SANTOS, Keum. Entre a vida e o tempo. In: AIRES, Luiz Ricardo Fernandes de Farias; PUREZA, Benedita Machado; BARBOSA, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). **1º Tucuju Literário do IFAP**: contos e poemas: os encantos do meio do mundo. Macapá: Edifap, 2022a. p. 136-137.

SANTOS, Keum. Orgulho de Ser Amapá. In: AIRES, Luiz Ricardo Fernandes de Farias; PUREZA, Benedita Machado; BARBOSA, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). **1º Tucuju Literário do IFAP**: contos e poemas: os encantos do meio do mundo. Macapá: Edifap, 2022b. p. 158-159.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da Politecnia. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003. DOI: 10.1590/S1981-77462003000100010. Disponível em: <https://www.tes.epsvj.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/1958>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>. Acesso em: 08 nov. 2023.

SERRA, Roberto. **Poemas de um escorpião**. Macapá: [s. n.], 2013.

SILVA, Ranilson Chaves. **O mundo desaba e eu escrevo**: poesia, crônicas e contos. Santana: Amazon Graf, 1999.

SILVA, Sebastião Menezes da. **Curiaú**: a resistência de um povo. Macapá: Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 2004.

SILVA, Paulo Ricardo Moura da. **Práticas escolares de letramento literário**: Sugestões para leitura literária e produção textual. Petrópolis: Vozes, 2022.

SIQUEIRA, Antônio Juraci. **Obras reunidas**. v. 3: contos, crônicas e outros escritos. Belém, PA: Dalecídio Jurandir, 2023.

SMITH, Ricardo. **A Casa dos Padres**. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2009.

SOUSA,IVALDO DA SILVA. **Felicidade circundante**. São Paulo: Anjo, 2016.

SOUZA, Paulo Roberto da Conceição Matias de. **Confesso que vivi**: uma lição de vida. Macapá: JM, 2014.

## APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional desenvolvido no âmbito desta pesquisa consiste em um guia literário em formato e-book, intitulado *Mundo do Trabalho na Literatura Amapaense*. Elaborado a partir da análise de obras literárias locais, o material apresenta reflexões sobre representações do mundo do trabalho, organizadas em categorias temáticas definidas na pesquisa. A estrutura do guia inclui trechos representativos das obras, devidamente referenciados, além de sugestões de atividades educativas que podem ser aplicadas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

A finalidade do guia é oferecer uma ferramenta de apoio didático, voltada especialmente a docentes da EPT que desejam integrar a literatura amapaense às suas práticas educativas. Busca-se, com isso, valorizar a cultura local, promover a reflexão crítica sobre o trabalho e fortalecer a formação humana integral, aproximando conteúdos escolares das experiências e contextos socioculturais dos estudantes.

A justificativa para a adoção deste produto educacional reside na necessidade de materiais didáticos que dialoguem com a realidade regional e que articulem diversas dimensões da formação humana. O formato em e-book foi escolhido por sua praticidade, acessibilidade e sustentabilidade, permitindo ampla distribuição sem custos de impressão, possibilidade de atualização contínua e acesso em múltiplos dispositivos, inclusive offline. O guia foi desenvolvido com a utilização da ferramenta digital Canva, que favoreceu a elaboração de um material esteticamente atrativo e de fácil manuseio, mesmo por usuários sem conhecimentos avançados em design gráfico.

As bases teóricas que sustentam a elaboração do produto incluem: o trabalho como princípio educativo (Saviani, 2007; Moura, 2014; Ramos, 2014; Della Fonte, 2018); a formação humana integral na EPT (Saviani, 2003; Frigotto, Ciavatta e Ramos, 2005; Moura, 2014); literatura e formação humana (Cândido, 2004; Colomer, 2007; Silva, 2022); além de referenciais exclusivos do produto educacional, utilizados para as sugestões de práticas educativas (Zabala, 1998; Bender, 2014). Esses referenciais fundamentam a proposta de um recurso didático que, ao mesmo tempo, valoriza o patrimônio literário local e promove aprendizagens significativas no bojo da EPT.

A aplicação do produto educacional ocorreu com a disponibilização do guia a professores da EPT, por meio de compartilhamento digital em duas modalidades: via link no Google Drive, que possibilitou consulta on-line em diferentes dispositivos, e em anexo a mensagens enviadas por e-mail e aplicativo de comunicação instantânea, permitindo acesso

mesmo em situações de instabilidade ou ausência de internet.

O guia está disponível neste link ou no QR code abaixo:  
[https://drive.google.com/file/d/1R\\_kZU\\_M8chm95oEaiG5dOcuQRDIukpV/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1R_kZU_M8chm95oEaiG5dOcuQRDIukpV/view?usp=sharing)



**APÊNDICE B – UNIDADES DE REGISTRO DA CATEGORIA TRABALHO  
FORMAL**

<b>Obra Literária</b>	<b>Unidade de Registro</b>	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Codificação</b>	<b>Categoria Temática</b>
Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo: contos (Cavalcanti, 2010)	"Então o advogado, com o ventre cheio do processo, se levantou e fez a defesa. O advogado foi brilhante". (p. 12)	Conto "O Julgamento"	Advogado	Trabalho Formal
Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)	"Atualmente as famílias que antes só faziam a coleta, agora também fazem a criação de abelhas, o que assegura a produção de mel durante o ano todo. O mel produzido com essa nova tecnologia é embalado em recipientes de várias medidas, com preços variados e vendidos em supermercados e farmácias da Capital do Estado". (p. 32)	Capítulo "Como o açazeiro é a "vaca" da floresta, de onde tudo se aproveita".	Apicultor	Trabalho Formal
Tatu (Pinheiro, 1996)	"Eram quase oito horas da manhã, quando o comandante Taylor saiu de seu navio de bandeira estrangeira ancorado no Porto de Santana, para dar uma volta na vila". (p. 11)	Romance "Tatu"	Comandante de Navio	Trabalho Formal

<p>Jovens talentos literários: coletânea de poemas e outros textos produzidos nos atendimentos em Altas Habilidades/Super dotação (Santo, 2017)</p>	<p>"Uma figura marcante é a Tia Bete, dona de um bar próximo à praça. Tia Bete é conhecida por seu constante mau humor, fazendo com que os clientes sintam uma mistura de amor e ódio por ela". (p. 65)</p>	<p>Crônica "Aquele pracinha escondida"</p>	<p>Comerciante</p>	<p>Trabalho Formal</p>
<p>Jovens talentos literários: coletânea de poemas e outros textos produzidos nos atendimentos em Altas Habilidades/Super dotação (Freitas, 2017)</p>	<p>"Logo depois decidi trabalhar por conta própria e abri um comércio. Mas em 1967, o meu comércio pegou fogo e eu perdi todas as coisas antigas que eu tinha, mesmo assim comecei tudo de novo e quando o comércio já estava novamente montado, por mais incrível que pareça, pegou fogo tudo de novo em 1974, justo com uma imensa pensão que eu também já havia construído com todo sacrifício. Mas ainda não foi dessa vez que eu desisti, arregacei as mangas da camisa e construí tudo de novo. Hoje, ainda vivo de comércio, que fica no centro de Macapá e agradeço a Deus todos os dias por tudo que eu</p>	<p>Crônica "A mulher do balde"</p>	<p>Comerciante</p>	<p>Trabalho Formal</p>

	conquistei e por me dar forças para sempre recomeçar." (p.71)			
Um Rosto na Multidão (Oliveira, 2003)	"Ser Educador/É despertar em nossos educandos a motivação /A vontade, o interesse, /Para que haja uma boa aprendizagem/ Para contribuirmos com as mudanças na educação /O educador tem que assumir uma postura /De compromisso e tendo a consciência /Do papel político, pode mudar /As ideias negativas impostas pela classe dominante, /Levando seus educandos às realizações /Para que se tornem cidadãos críticos,/ Conscientes, e participantes, em nossa sociedade. /Desempenhando bem o papel de educador /Não precisará ser nenhum mártir /Para fazer a nossa história. /O educador pode explorar o potencial do aluno /Para descobrir novos valores e despertar o interesse/ E a vontade com	Poema intitulado "Educador"	Docente	Trabalho Formal

	<p>espontaneidade./          Porque, enquanto          existir a arte e o          artista, /Sempre          existirá o          inconformismo. /É          através da arte que o          artista pode          expressar /O clamor          da injustiça social          espalhada pelo          mundo. /O artista é          um guardião que          através da arte pugna          pelas /Mudanças          Com seu talento e          seus trabalhos. /Nós,          professores,          contribuímos na          transformação da          sociedade, /Através          da assimilação por          nossos alunos dos          conteúdos          Ministrados. /Porque          não basta eu querer,          /É preciso o desejo, o          interesse de          aprender. /O          importante é excitar          o aluno ao desejo, ao          interesse de aprender          /Através da          motivação, aliada ao          amor e o respeito à          vida". (p.59)</p>			
--	--	--	--	--

Boa Esperança (Santos, 2001)	<p>"A professora da terceira série tinha a voz mais possante. Acho que era nordestina, porque sibilava bastante ao falar. De uma alegria contagiante, fazia da aula uma verdadeira recreação, sem prejuízo do conteúdo programático. Tão estimada era pelos alunos, que no dia dos professores lhe preparamos uma festinha surpresa. Tudo coordenado pelos representantes de turma, dois fedelhos muito responsáveis. Trouxemos de casa bolo, pudim, brigadeiro, monteiro-lobes e refrigerantes e havíamos feito uma coleta a fim de comprar a toalha para cobrir a mesa. Quando a professora chegou, ficou muito emocionada com a iniciativa e organização dos pirralhinhos e nós, ao vermos seu contentamento, ficamos enternecidos e tão desejosos de lhe aumentar a alegria, que decidimos dar-lhe a</p>	Crônica "Reminiscências as Escolares"	Docente	Trabalho Formal
---------------------------------	--	---	---------	--------------------

	<p>toalha de mesa e um bolo inteiro como presentes, já que não havia sobrado dinheiro para comprar um embrulho [...] Já a professora da quarta série se mostrava mais formal. Deixamos de ser tratados como nenezinhos por, conforme entendia, termos atingido a maturidade infantil. Admirava sua capacidade de observação. Algumas vezes tentei enganá-la nos exercícios e na leitura, mas ela era muito esperta. Quando fazíamos ditado, se ela quisesse, não precisaria nem olhar o caderno para saber quem estava fazendo certo ou errado. Como ela ninguém bagunçava. E bastava um olhar seu para o aluno se sentir estimulado a se recolher em sua insignificância. Mas consegui sair ilesa nesta etapa". (p. 23-24)</p>			
--	---	--	--	--

<p>Instantes do Cotidano (Sá, 2012)</p>	<p>"Ao ser indagada pela mãe sobre o que iria ser quando crescesse, a garotinha imediatamente respondeu: - Quando eu crescer quero ser pipoqueira. - Mas minha filha! Pipoqueira? - É sim mãe! - Por que queres ser pipoqueira? Podias escolher outra profissão, deverias ser professora como eu! - Sabe mãe, eu nunca vejo a senhora com dinheiro. Eu vejo o pipoqueiro todo dia com dinheiro na mão. É por isso que quando eu crescer vou ser pi-po-quei-ra!" (p.19)</p>	<p>Crônica "Lógica de Criança"</p>	<p>Docente</p>	<p>Trabalho Formal</p>
<p>O mundo desaba e eu escrevo: poesia, crônicas e contos (Silva, 1999)</p>	<p>"AO PROFESSOR (15/10) Onde estão os teus valores? No nascer da poesia, nos homens comandantes, na educação do caipira e em todos que adiante saem do zero da vida. Tens a nata do saber, as sílabas do progresso,</p>	<p>Poema "Ao professor"</p>	<p>Docente</p>	<p>Trabalho Formal</p>

	<p>evolução do bem querer concebida no alfabeto. Tua missão absoluta produz milagres de amor [...]" (p.114)</p>			
<p>Raízes submersas: fatos e relatos (Santos, 2009)</p>	<p>"Chegou o ano de 1945 e mamãe resolveu me matricular no Grupo Escolar do Amapá. A diretora em exercício, por alguns anos, era a professora Cecília Pinto de Azevedo Costa. A fama da abnegada e respeitada mestra ia além das fronteiras do recinto escolar. Ela, sozinha, trabalhava diariamente nos dois turnos, com turmas desde a alfabetização até a quinta série primária (antigo sistema). A distinta mestra (in memoriam) exerceu, com muito heroísmo e espírito de brasilidade, o sacerdócio do magistério. O seu lar, exceto nos últimos anos de sua vida, sempre fora o prédio da escola e seus filhos, os muitos</p>	<p>Capítulo "No Grupo Escolar do Amapá".</p>	<p>Docente</p>	<p>Trabalho Formal</p>

	alunos que tiveram o privilégio de tê-la como mestra e modelo de educadora". (p.88)			
1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas (Santos, 2022)	"Em meio a tantas fotografias de pessoas que já se foram, uma não me pareceu estranha. Aí o baque foi maior. Aldenor, o melhor professor do mundo. Rapidamente me vem à memória uma de suas excursões pelo Museu Sacaca no quinto ano. Quando as coisas eram mais simples. Ficava admirado com a dimensão do lugar, a brisa que batia nos cabelos, o eco dos animais presentes, todo o verde que cobria o espaço, e lá estava o querido professor explicando tudo o que nos rodeava. Suas aulas eram sempre um alto-astral, pois ele não só nos ensinava como também nos falava sobre como seria a vida em si". (p.136-137)	Conto "Entre a vida e o tempo"	Docente	Trabalho Formal
Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma	"Minha mãe, que é professora, agora teria que estudar durante as férias.	Capítulo "Como é emocionante o pôr-do-sol no	Docente	Trabalho Formal

aventura no Bailique (Pereira, 2005)	Disseram que era uma lei nova que obriga todos os professores a cursar uma universidade". (p.13)	rio e outros momentos poéticos".		
Coletânea de poesias: os servidores poetas do Amapá (Martins, 2005)	"No afã de sua alegria, pensou: Será que ainda existe, meu primeiro professor? E os demais? Quanto estão ganhando? Pra formar alguém, doutor. Decidiu trabalhar bastante, E político se tornar Na plataforma de seu governo, Educação em primeiro lugar. Reconhecer quem ganha pouco Mas, trabalha com amor Considerado por alguém, loucos, Os Fabricantes de Doutor". (p.34)	Poema "Doutor Reconhecido"	Docente	Trabalho Formal
De amor e de fé: prosa e poesia (Nunes, 2013)	"Formada em professora, foi exercer a profissão em Ferreira Gomes, local onde deixou como raízes excelentes amigos, principalmente seus ex-alunos". (p. 35)	Capítulo "Joana"	Docente	Trabalho Formal

<p>De amor e de fé: prosa e poesia (Nunes, 2013)</p>	<p>"Na verdade eu não tinha noção de quantas pessoas se importavam comigo. Mas fazendo minhas contas, já fui professora de mais de 10 mil pessoas. Entre Unifap, Escola, Guaianazes, Senac e vários cursos de Português em muitas instituições do Amapá. Eu adorava dar aulas e procurava transmitir isso aos meus alunos: a importância do estudo e o que ele poderia representar no futuro deles". (p.46)</p>	<p>Capítulo "Sequóia Amazônica"</p>	<p>Docente</p>	<p>Trabalho Formal</p>
<p>Poemas, poesias e outras rimas: coletânea (Pastana, 2017)</p>	<p>"Guerreiro, Combatente / Da ignorância e da falta de conhecimento... / Gente geralmente humilde / Que batalha por um mundo Melhor... / Doador de seus Sonhos por um futuro de Frutos... / Ensinador de conteúdos / Formador de homens e mulheres / Cidadãos críticos... / E não venha me falar que não vale apenas ensinar / Porque quem ensina também aprende... / Quem</p>	<p>Poema "Professor"</p>	<p>Docente</p>	<p>Trabalho Formal</p>

	<p>doa também recebe...  / Para ser professor  não precisa muito... /  Basta mergulhar no  mundo dos livros e  ter muito amor pelo  que faz... /  Professor...  Sonhador,  renovador...  transportador de  saberes...  / Sendo em primeira  instância / Arquiteto  da cidadania... /  Reconheçamos então  a sua Soberania..."  (p.33)</p>			
<p>Um Rosto na  Multidão  (Oliveira, 2003)</p>	<p>"Tu és a estrela guia,  / O caminho, a  sombra, / A  esperança de um  futuro feliz /De uma  criança hoje / Que  amanhã será a  guardiã / De tudo  que semeaste, /O  saber, / Que não tem  fronteiras. / És o  espelho / A luz / A  menina dos olhos /  Do futuro / Do  mundo". (p.20, 21)</p>	<p>Poema  Intitulado  "Professor".</p>	<p>Docente</p>	<p>Trabalho  Formal</p>

<p>História de um sino: contos (Barros, 2013)</p>	<p>"Seu Paulino, já de meia idade, era funcionário da Prefeitura no tempo em que se passam estas histórias, contadas e recontadas na cidade e reproduzidas em algumas crônicas. Como não havia muito que fazer, raramente ele aparecia na repartição. Todavia, a cada final de mês tinha que assinar o famigerado ponto e aproveitava a ocasião para rever os amigos, conversar e saber das novidades [...] Com o passar do tempo, Seu Paulino já não se dava mais ao trabalho de ir até ao prédio da velha prefeitura para assinar o ponto". (p. 57-58)</p>	<p>Conto "Umas e Outras de Seu Paulino"</p>	<p>Funcionário Público</p>	<p>Trabalho Formal</p>
<p>Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo: contos (Cavalcanti, 2010)</p>	<p>"O juiz entrou com sua toga e sentou-se gravemente na cadeira de espaldar alto. Fez-se então um silêncio que podia ser cortado com uma faca. Com a chegada do juiz, aconteceram as coisas mais comuns, já previstas em lei, como inquirição de</p>	<p>Conto "O Julgamento"</p>	<p>Juiz</p>	<p>Trabalho Formal</p>

	testemunhas, etc, etc." (p. 11)			
História de um sino: contos (Barros, 2013)	<p>"No dia em que o doutor ficasse insatisfeito com ele, seria mandado embora, pois era sempre dessa maneira desumana que o patrão agia. Quando um empregado não lhe servia mais, simplesmente era expulso da terra sem direito a nenhum tipo de indenização. Mesmo sindicalizado, sabia que trabalhadores iguais a ele quase nada podiam fazer contra os fazendeiros, ricos e poderosos, amigos dos políticos. Quando terminasse de lavrar a terra, era esperar o tempo de colher e dividir a produção com o dono da propriedade. A sobra dessa partilha injusta não dava para fazer quase nada. Só as contas. na quitanda consumiam a maior parte do dinheiro apurado. Acabava sempre devendo ao comerciante". (p.13)</p>	Conto "Último Bilhetinho"	Lavrador	Trabalho Formal

<p>Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (Monteiro, 2005)</p>	<p>"Dizem, ainda, que os moto-taxistas (motoqueiros que transportam passageiros) não aceitam serviço à noite, de jeito nenhum, se o cliente for para Clevelândia ou algum ponto da estrada Oiapoque-Clevelândia a...! Dizem que não é medo, não! É apenas precaução". (p. 8)</p>	<p>Crônica Jornalística "A Moça de Branco de Clevelândia"</p>	<p>Mototaxista</p>	<p>Trabalho Formal</p>
<p>Raízes submersas: fatos e relatos (Santos, 2009)</p>	<p>"O fato que acabei de narrar lembrou-me de outro acontecimento lamentável, ocorrido há alguns anos, nas proximidades do Rio Cupixi ou Serra do Navio. Um parente bem chegado trabalhava na extração de ouro, porque a sua profissão, desde jovem, era a de garimpagem. Então, certo dia, começou a escavar próximo à aba de uma montanha ou junto à base. O trabalho continuava livremente, sem qualquer interrupção, até que chegou a profundidade de não mais ser possível jogar a terra para</p>	<p>Capítulo "O Desastre na Mina".</p>	<p>Operário de Mineração</p>	<p>Trabalho Informal</p>

	<p>fora, sem o auxílio de um soalho improvisado de madeira resistente, para receber a terra da parte mais profunda do grande buraco. Foi então que aconteceu o inevitável: um enorme barranco de terra se despreendeu do lado da escavação, soterrando completamente a pessoa que estava na parte mais profunda, enquanto o filho do meu parente, que se encontrava na parte superior, com muita dificuldade foi desenterrado. As consequências desse acidente deixaram o jovem perturbado por algum tempo, enquanto que o rapaz que trabalhava na parte mais profunda da mencionada escavação perdeu a vida e seu corpo nunca mais foi encontrado, dada a dificuldade de remoção da grande quantidade de terra que encheu o buraco." (p.151)</p>			
--	---	--	--	--

Boa Esperança (Santos, 2001)	"Contava-nos história da época em que andava embarcado como estivador pelas ilhas do Amazonas, costas do Amapá e Guianas, da vida perigosa de quem cobiça ou descobre o ouro - disse-nos que um operário da ICOMI, conhecido seu, havia descoberto uma mina de ouro na região próximo ao local onde se fazia a exploração do manganês, na Serra do Navio, e desaparecera misteriosamente, com a empresa alegando acidente de trabalho, então sustentava que a mineradora e sua comparsa, junto com a extração do manganês, fazia, sorrateiramente, a exploração de ouro e diamante na região." (p.64)	Crônica sem título que remete aos tempos que a autora passava no sítio dos avós	Operário de Mineração	Trabalho Formal
---------------------------------	--	---	-----------------------	-----------------

<p>Da vida e da sorte por dez contos (Carvalho, 2012)</p>	<p>"Enfim, borracha e manganês ligados economicamente faziam do conhecimento prático do insignificante Zé da Esteira, e de sua habilidade manual, algo indispensável no funcionamento da mina [...] Em sua fé inquebrantável na sapiência onipresente da "Companhia", na meritocracia que garantia o sucesso de qualquer empresa privada, nos valores do capitalismo honesto, o Zé não via nem queria ver o mundo ruir à sua volta. Por um baita da sorte, ou do azar, o Zé foi um dos últimos. Sofreu toda a ascensão da demagogia populista com a transformação da Vila em município, substituindo o autoritarismo meritocrático capitalista da onipresente "Companhia". Sofreu a cada buraco surgido, no antes impecável asfalto das ruas da Vila, com o avanço da leishmaniose, já não</p>	<p>Conto "A Vila ou o Triste Fim do Zé da Esteira"</p>	<p>Operário de Mineração</p>	<p>Trabalho Formal</p>
---	--	--	------------------------------	------------------------

	<p>mais contida pelo serviço de saúde do município, sofreu com todas as agruras do cotidiano de uma vila brasileira encravada no meio da selva". (p. 66, 69)</p>			
<p>Mitos e lendas do Amapá (Dias, 2020)</p>	<p>"Seu Amor trazia na bagagem o sonho de uma vida melhor. A Passagem na época era um lamaçal só, coberta de ervas daninhas e bichos perniciosos. Nem assim seu barraco ao lado do bangalô de Seu Gregório, único nas redondezas. Começou ali sua fábrica de vinagre Abacatetuba, feito diretamente da cana-de-açúcar, como somente um homem criado no engenho poderia fazer. [...] Sua fábrica, se não prosperava aos quatro ventos, garantia o sustento da família, e o vinagre Abacatetuba foi o melhor que já passou pelo estado." (p. 59, 61)</p>	<p>Conto "Beco do Amor"</p>	<p>Produtor Rural</p>	<p>Trabalho Formal</p>

<p>Lugar da chuva: crônicas do Amapá (Rojanski, 2001)</p>	<p>"Organizados em cooperativas, os habitantes da Reserva estão orientados para a exploração racional dos recursos da região. Durante o período das chuvas, retiram da floresta a castanha-do-brasil e a enviam em sua própria comunidade. Associadas à Cooperativa Mista dos Produtores Extrativistas do Rio Iratapuru, as famílias que habitam a Reserva têm garantido, com esta atividade, geração de renda local [...] Durante o verão amazônico, período em que há menos chuvas, os extrativistas paralisam a atividade castanheira para se dedicar a outra atividade que também lhes garante geração de renda. Conhecedores de todas as riquezas da Reserva, eles retomaram a extração do látex, interrompida muitos anos atrás, quando a borracha que era produzida passou a perder o valor no</p>	<p>Capítulo - "Reserva do Iratapuru"</p>	<p>Produtor Rural Extrativista</p>	<p>Trabalho Formal</p>
---	---	--	--	----------------------------

	<p>mercado [...] O trabalho dos seringueiros da Reserva do Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru começa no silêncio da madrugada. Por volta das três horas, eles já estão despertos, equipados com a faca do risco da seringa, a poronga para iluminação e a arma para defesa contra os perigos da mata. Prontos para a longa caminhada, eles vêm rompendo a floresta e a escuridão, com os passos seguros de quem sabe o que vai encontrar. As mulheres não se intimidam com estas dificuldades. A sua força e o seu estímulo são, muitas vezes, o suporte para o trabalho árduo de famílias inteiras de seringueiros. Nós os acompanhamos, curiosos. No interior da floresta, conhecemos Cristina Carvalho, de 25 anos, que acompanha o marido, Valdo, na extração da seringa. Os dois iniciam juntos o trabalho,</p>			
--	--	--	--	--

	<p>diariamente, entre as três e as quatro horas da madrugada. Em dupla, eles podem riscar, num só dia, cerca de 150 árvores. Durante horas, enquanto eles seguem o seu percurso, as árvores já riscadas permanecem pingando o leite até que se encham os potes [...] Cultiva-se milho, cana, mandioca, mamão, maxixe, pepino, arroz e algumas frutas como a banana, o cupuaçu, o cacau, a manga, e a melancia. Assim como o camarão, o mel de abelha também oferece às comunidades a possibilidade de geração de renda. O mel das colmeias nativas encontradas em todas as comunidades é explorado através da queima e fumigação". (p. 28, 29, 38)</p>			
--	--	--	--	--

<p>Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)</p>	<p>"Na comunidade onde morava a família do Manoel existe uma fábrica de conserva de palmito. A maioria dos moradores da vila trabalha na fábrica. Essa fábrica compra o palmito de açai, uma palmeira que produz um fruto e dá onde se extrai um suco muito saboroso e um dos alimentos mais consumidos na região [...] Quando os palmiteiros (como são chamados os trabalhadores que extraem e transportam os palmitos) entregam a produção na fábrica, é feita uma classificação e a partir daí o produto vai passar por um processo de conservação e pela embalagem e depois é enviado de acordo com a classificação, para o mercado de Belém, de outras regiões do Brasil ou do exterior" (p. 31-32)</p>	<p>Capítulo "Como o açazeiro é a 'vaca' da floresta, de onde tudo se aproveita"</p>	<p>Produtor Rural Extrativista</p>	<p>Trabalho Formal</p>
<p>Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo: contos (Cavalcanti, 2010)</p>	<p>"O promotor levantou e fez a acusação, erguendo os braços para o alto. Outras vezes</p>	<p>Conto "O Julgamento"</p>	<p>Promotor</p>	<p>Trabalho Formal</p>

	apontava o dedo nicotinado para o réu que olhava a borboleta". (p. 11)			
1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas (Santos, 2022)	"Sexta-feira, no geral, é o dia que a gente só quer terminar o trabalho e ir logo embora pra casa, ou sair com os amigos pra distrair do estresse da rotina diária da semana. Quase no fim do expediente o chefe me pede para fazer uma matéria sobre o funcionamento dos cemitérios para o dia dos pais no próximo domingo. Nunca tinha entrado em um, mas como repórter é minha obrigação fazer a matéria". (p.136)	Conto "Entre a vida e o tempo"	Repórter	Trabalho Formal
Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (Monteiro, 2005)	"Em Clevelândia está sediada a Companhia Especial de Fronteira, unidade militar do Exército Brasileiro. Não é preciso dizer que quem está servindo nesta Companhia é corajoso, sem falar que passou por um adestramento especial, inclusive de sobrevivência na selva. Aliás, no meio da selva está Clevelândia, ligada	Crônica Jornalística "O Olho"	Sargento do Exército	Trabalho Formal

	<p>por estrada de piçarra à Cidade do Oiapoque, sede do município de mesmo nome. Esta descrição é para que você saiba direitinho onde se passou esta história, que foi narrada pelo Sargento Assis, de 38 anos, natural do Oiapoque e em Clevelândia há 22 anos". (p. 11)</p>			
<p>Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (Monteiro, 2005)</p>	<p>"Quem assim falou foi o soldado Macedo, 27 anos, natural de Clevelândia e servindo desde 1996 na Companhia Especial de Fronteira [...] Contam que certa noite um soldado estava de serviço e fazia a ronda de rotina. De repente, lá estava ela, a Moça de Branco. O soldado viu que andava suavemente em direção à FS (Formação Sanitária), equivalente à enfermaria. Viu que ela entrou e ele dirigiu-se para lá" (p.7-8)</p>	<p>Crônica Jornalística "A Moça de Branco de Clevelândia"</p>	<p>Soldado do Exército</p>	<p>Trabalho Formal</p>
<p>Tatu (Pinheiro, 1996)</p>	<p>"Uns motoristas de táxi discutiam futebol, à espera de um gringo otário</p>	<p>Livro "Tatu"</p>	<p>Taxista</p>	<p>Trabalho Formal</p>

	para levar até Macapá". (p. 11)			
História de um sino: contos (Barros, 2013)	"Maurício tinha vinte e nove anos e trabalhava como vendedor numa loja de materiais para construção [...] Maurício não gostava do patrão, que dificilmente trocava palavras com os empregados. Entretanto, não manifestava sua opinião aos amigos ou colegas de trabalho. Quem cuidava da parte administrativa dos negócios do libanês era Viriato [...]". (p.29-30)	Conto "Visita ao Casal Sem Filhos"	Vendedor	Trabalho Formal

**APÊNDICE C – UNIDADES DE REGISTRO DA CATEGORIA TRABALHO  
INFORMAL**

<b>Obra Literária</b>	<b>Unidade de Registro</b>	<b>Unidade de Contexto</b>	<b>Codificação</b>	<b>Categoria Temática</b>
Quinze Dedos de Prosa (Canto, 2015)	"Havia nove anos que a gente estava lá desbravando o lugar: cortando árvores gigantes, construindo pontes, criando pequenos animais, arando o cerrado e plantando mandioca para fazer farinha e vender na feira do produtor rural, na capital, para onde um caminhão nos levava todas as terças e quintas-feiras. Os madeireiros invadiam a floresta para tirar as árvores mais valiosas e, não bastasse isso, chegaram os plantadores de soja, oferecendo uma insignificância pelos poucos hectares que tínhamos, mas que juntos faziam um latifúndio. A situação se agravava e a gente resistia como podia, porque as autoridades políticas que nos visitavam e diziam que iam nos proteger, sumiam." (p.26)	Conto "Natanael na Janela"	Agricultor	Trabalho Informal

Boa Esperança (Santos, 2001)	<p>"O terreno inteiro, excetuando-se o terreiro - espaço das galináceas comedoras de milho -, o matagal que isolava a privada e as plantas nativas, era repleto de árvores frutíferas que nos forneciam boa parte da alimentação: jambeiro, manga, caju, laranja, lima, limão, cupuaçu, cacau, (meu avô fazia chocolate para nós), ameixa, jaca, banana, abacate e mamão; e de palmeiras das quais vinham açai, bacaba, coco e pupunha. Havia também pequenos roçados de milho, batata-doce, batata-da-china, cará (uma batata parecida com inhame), macaxeira, ananás, abacaxi, melancia e algumas hortaliças. Você acreditaria que meus avós sozinhos é que cuidavam daquilo tudo? É verdade. Eram agricultores natos, de mãos abençoadas por Deus. Geralmente tudo o que plantavam germinava e prosperava [...] Tudo o que se produzia no sítio (fora o que se retirava para o consumo próprio - na verdade, agricultura mais de subsistência) era vendido na Serra do Navio e principalmente em Santana, depois em Macapá. Muita coisa se estragava por falta de veículo que a transportasse. Os</p>	Crônica sem título que remete aos tempos que a autora passava no sítio dos avós	Agricultor	Trabalho Informal
---------------------------------	--	---	------------	-------------------

	<p>agricultores negociavam o fruto de seu trabalho por um preço tímido. Eram pessoas simples que se contentavam com pouco, mas que também tinham sonhos de ampliar e emparedar suas malocas, aproveitar melhor sua terra e, quem sabe, comprar uma casa em Macapá ou em Santana para facilitar a escola para os filhos maiores. Contudo, as raposas eram hábeis ao menosprezar seus produtos, só aceitando negociar por um preço miserável. Então, para não perder, os agricultores se sujeitavam àquela extorsão. E dessa leva de explorados muitas vezes meu avô participava. Quando ia à feira, vovó ficava assustada com o valor dessas mercadorias."(p. 62, 68)</p>			
<p>Histórias do meu povo (Santos, 2002)</p>	<p>"[...] mas também tinham plantação de cana, laranja e banana, tinham também a casa de farinha onde sua plantação (imensa) 'sumia no tempo'. Viviam também da pesca. [...] Daí em diante começou uma nova era, trabalhar para sobreviver. Muitos faziam farinha e carregavam no lombo de boi e carroças de cavalo para vender ao Salomão por 10 tostões. A plantação de milho, arroz e feijão era pilada no pilão, quando a colheita era boa festejavam</p>	<p>Memórias sobre antecedentes do quilombo do Curiaú</p>	<p>Agricultor</p>	<p>Trabalho Informal</p>

	com um grande batucão. São Joaquim é considerado santo milagroso deste povo. No Curiaú não existe senhor, somente homem trabalhador. Negro é vida, negro é amor, é símbolo de uma natureza que o homem desprezou". (p.16)			
Aprendendo com versos (Barbosa, 2001)	"Vi o pequeno agricultor colhendo seu milho e tendo como companhia um menino que talvez fosse seu filho". (p.23)	Poema "Pequeno Percurso no Amazonas"	Agricultor	Trabalho Informal
O mundo desaba e eu escrevo: poesia, crônicas e contos (Silva, 1999)	"AO AGRICULTOR (Trab. Rural: 25/05) Um cheiro-verde vem de teu olhar entra no poema e nem precisa roçar, pois, a poesia prepara-se para receber vossas mãos calejadas, parteiras da terra. Ajuda o chão a parir: limão, banana, açai. Ajuda o planeta a gozar: abacate, bacaba, tomate, catuaba, maracujá... (Salada de versos diversos). Alface a foice foi-se colhendo o sol pela das cinco da madrugada erguendo ao nosso país sua mais doce amada a colheita, a terra feliz". (p.94)	Poema "Ao Agricultor"	Agricultor	Trabalho Informal
Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)	"Nessa época eles viviam [...] de fazer pequenas roças onde plantavam milho, banana, mandioca, arroz". (p.16)	Capítulo "Como viviam nossos antepassados no Bailique e	Agricultor	Trabalho Informal

		outras durezas"		
Poraquês e Piaçocas (Jovino, 1998)	"A mulher Artesã Você que com as mãos modela a argila Essa argila que caleja e provoca dor Executa o seu trabalho, sua arte dia a dia Com dedicação carinho e muito amor. Essas mãos que embelezam e dão forma Muitas vezes se entrelaçam e choram Ou são levantadas humildes para o céu E em oração suplicam e imploram. Imploram por uma vida amena e digna Ou reconhecimento da sociedade Ao sentir a velhice que se aproxima E com ela os tempos de dificuldade. Mulher artesã que conduz a agulha Transformando pano e linha em arte Mesmo não reconhecida e anonimamente Continua segue em frente faz sua parte" (p. 101)	Poema "A mulher Artesã"	Artesã	Trabalho Informal
Histórias do meu povo (Santos, 2002)	"Meu avô Januário morreu com 113 anos, tinha algo de importância, uma enorme plantação que deixou aos filhos e netos como herança. Deixando tudo o que aprendeu com seus antepassados. Alegria de viver, trabalhar e crer em	Memórias sobre antecedentes do quilombo do Curiaú	Artesão	Trabalho Informal

	Deus. Quando vivo, não parava de trabalhar nas confecções de paneiro, esteiras, tipiti, abanos, sandálias de couro de boi". (p.18)			
Raízes submersas: fatos e relatos (Santos, 2009)	"O meu trabalho na residência do Sr. Rosemiro consistia em encher um camburão de água, com capacidade para armazenar 12 latas de água, além de rachar lenha em certa quantidade, lavar louça, dar brilho nos talheres e ajudar na limpeza da casa. Recordo-me que o meu salário era tão minguado que tive que trabalhar dois meses para pagar o ferro de engomar para minha mãe, que tanto precisava, pois, na maioria das vezes, pedia o ferro emprestado da vizinha". (p.80)	Capítulo "Carne de Bode"	Auxiliar de serviços gerais	Trabalho Informal
O bálsamo e outros contos insanos (Canto, 1995)	"Sim sinhô, tamos saindo de novo de mais um porto de carga, partindo em busca de um outro no constante vai-e-vem que a nossa vida comanda. Nós aqui que se defenda do destino! Se a gente come ar, água barrenta e jabá com farinha é porque Deus tem querença e nós só temos que obedecer, rezar sempre que puder pra não ter a sorte de peixe na rede do pescador [...] Não quero ter descamaradagem com a figura do patrão, porém já sofri bastante vendo ele	Conto "Na travessia, dentro da noite feia"	Auxiliar de carga e descarga	Trabalho Informal

	<p>ficar alegre ao conferir o dinheiro que o nosso trabalho dá. Queria ver eles sem nós. Só com seu barco, só ele navegando por aí, debaixo da tempestade. Tá, cheiroso! Eu ia dizer, vendo a sua cara torta. Te vira, seu porcaria... Eu ia era rir. Hum, ele não teria mais aquele riso indecente cheio de dentes de ouro nem os olhos miudinhos que brilhassem tal quando conta o lucro que o nosso trabalho dá". (p. 126, 130)</p>			
<p>Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)</p>	<p>"Eles caçavam muito, jacurarú, jacupixá, sucurijú, jiboia, para vender o couro. Matavam os animais, tiravam a pele, esticavam com tela e quando secava eles vendiam". (p.16)</p>	<p>Capítulo " Como viviam nossos antepassados no Bailique e outras durezas".</p>	<p>Caçador</p>	<p>Trabalho Informal</p>
<p>Confesso que vivi (Souza, 2014)</p>	<p>"Meu pai só sabia escrever o nome e lia muito pouco. Chamava-se Domingos Matias de Souza. Exercia o ofício da carpintaria. Homem simples, honesto, trabalhador; um homem que viveu para a família. Homem bom! Nasceu no dia 8 de dezembro de 1922, no Município de Chaves, na Ilha da Caviana. Na arte da carpintaria civil e naval, fazia de tudo." (p.25)</p>	<p>Memórias acerca de histórias de família</p>	<p>Carpinteiro</p>	<p>Trabalho Informal</p>

<p>Coletânea Macapaense: Macapá, recortes poéticos (Araújo, 2002)</p>	<p>"E eu me alembro com clareza O "Picolé", o "Mucura" Aqueles dois carreteiro Que em busca de dinheiro Faziam calo nas mãos Dava noite ou dia Bastavam ter freguesia Que eles logo apuravam Com seu carrinho-de-mão" (p. 84)</p>	<p>Poema "Macapá, meus passos no teu passado"</p>	<p>Carreteiro</p>	<p>Trabalho Informal</p>
<p>História de um sino: contos (Barros, 2013)</p>	<p>"Mas o que sucedeu de verdade foi o seguinte: eu estava nas proximidades da Fortaleza de São José junto com os demais carroceiros, todos na maior descontração, batendo papo, fumando um cigarro e aguardando algum serviço de frete, quando passou uma bela morena, chamando a atenção de todo mundo. E foram assobios, gracinhas... Eu também me manifestei, passei o olho gordo na fulana que não sou fresco nem otário. Mas todo mundo mexeu. Mais tarde apareceu um sujeito e foi perguntando: 'Quem é o tal do Muarau?' Eu, alegre, me aproximei, já pensando num serviço e fui logo fazendo a contra pergunta: 'Quantas carradas, patrão?'" (p. 54)</p>	<p>Conto "Quantas carradas, patrão?"</p>	<p>Carroceiro</p>	<p>Trabalho Informal</p>
<p>A Casa dos Padres (Smith, 2009)</p>	<p>"Satiro, o Sr. Ramiro, tinha uma carroça com um burro com a qual fazia fretes para terceiros". (p. 47)</p>	<p>Memórias do Livro " A Casa dos Padres"</p>	<p>Carroceiro</p>	<p>Trabalho Informal</p>

Mitos e lendas no Amapá (Dias, 2020)	"Conta-se que o menino se chamava Pedrinho e era filho caçula de um casal de lenhadores, família humilde que vivia parcialmente afastada de todos, em uma área onde existe agora a vila de catrazal. Seu principal meio de sobrevivência era a fabricação de carvão [...] Esmagados pela miséria, mesmo assim eram pessoas boas, que dividiam de bom grado o que tinham com alguns ainda mais desgraçados que eles. Pedro Cândido, o lenhador, passava dias no mato, com seu machado, derrubando árvores para transformar em carvão. O garoto sempre estava em sua companhia e procurava ajudá-lo, mas sua formação franzina não permitia". (p.27)	Conto "O Menino dos Milagres"	Lenhador	Trabalho Informal
De amor e de fé: prosa e poesia (Nunes, 2013)	"O estudo e a roupa dos filhos eram patrocinados por ela, costureira de mão cheia, que tinha freguesia certa entre a classe abastada da cidade, principalmente os comerciantes". (p. 44)	Capítulo "Dádiva Divina"	Costureira	Trabalho Informal
Jovens talentos literários: coletânea de poemas e outros textos produzidos nos atendimentos em Altas Habilidades/Superdotação (Freitas, 2017)	"Um dos fatos mais marcantes da minha vida foi o meu primeiro emprego em 1952. Comecei a trabalhar como empregada doméstica, e a água encanada, nessa época, não existia, por isso no meu trabalho, eu tinha que encher 24 baldes de água para um casal de	Crônica "A mulher do balde", de Caroline Lima de Freitas.	Empregada Doméstica	Trabalho Informal

	<p>enfermeiros. Eu ia a pé, das 3 horas da madrugada até às 6 da manhã no bairro do Trem, na beira do rio Amazonas, onde as mulheres iam para lavar roupa [...] O motivo desse primeiro emprego ter marcado a minha vida foi porque eu ganhei fama na cidade de ser uma boa empregada e, a partir daí, muitos empresários me convidaram para trabalhar para eles". (p. 71)</p>			
<p>Mãe Luzia: A Parteira mais famosa de Macapá (Dias, 2013)</p>	<p>"Trabalhando de empregada Na casa de um doutor Luzia lavava a roupa Limpava o chão Trabalhava todo dia Manuseava a espadana No matinal e a comida Chegava ao seu portão". (p. 13)</p>	<p>Cordel sobre a parteira Mãe Luzia</p>	<p>Empregada Doméstica</p>	<p>Trabalho Informal</p>
<p>A Casa dos Padres (Smith, 2009)</p>	<p>"'Piquixita', era uma empregada doméstica que trabalhava na casa da Professora Ernestina. A família toda da casa da sua patroa podia chamá-la dessa forma, mas se na rua alguém a chamasse assim, ela soltava todos os 'bichos', paus e pedras". (p.24)</p>	<p>Memórias do Livro "A Casa dos Padres"</p>	<p>Empregada Doméstica</p>	<p>Trabalho Informal</p>
<p>Guajará-Mirim: um rio de lembranças (Gomes, 1994)</p>	<p>"Não me lembro de ninguém, que mesmo não estando exercendo a sua profissão, trouxesse essa profissão escrita na testa, pelo seu jeito de andar e na urbanidade de tratamento aos seus semelhantes. Manazinho, no meu tempo,</p>	<p>Memórias do livro "Guajará-Mirim: um rio de lembranças"</p>	<p>Garçom</p>	<p>Trabalho Informal</p>

	era garçom do 'Macapá Hotel'. Ostenta uma leveza inconfundível no andar". (p.82)			
Lamentos de um Sonhador (Natividade, 2009)	"Garçonete, seu lindo sorriso, Sua educação sem igual É cotidiano – não demonstra Intolerância aos seus Imperiosos fregueses. Alimenta em seu coração Possível mágoa, Mas não deixa transparecer. Garçonete, é bom demais Vê-la sempre sorridente, Fazendo a gente Ficar contente" (p.27) [...]	Poema "Garçonete"	Garçonete	Trabalho Informal
Remanso das águas (Almeida, 2013)	"No caminho de terra batida e pontes feitas de troncos de buritizeiros a lembrança dos filhos, mas também a obrigação do ofício ocupava a sua cabeça. O cantarolar das saracuras, dos jaçanãs, periquitos e sabiás anunciavam os primeiros raios de sol sobre as águas tranquilas. O encontro entre elas, às margens dos igarapés, era inevitável. Algumas traziam consigo, além de suas trouxas e tinas, os seus rebentos ainda meninos [...] Assim começava o seu dia: - Bom dia!! Dona Rosa, como tem passado? - indagava uma das mulheres que se punha a lavar calças, camisas e outras coisas a mais que tinha que escovar. Ela	Crônica "Flores do Meu Igarapé"	Lavadeira	Trabalho Informal

	respondia: - Na graça de Deus Pai, minha filha. Ando com umas dores nas costas, mas de certo que é da lida". (p.65)			
Confesso que vivi (Souza, 2014)	"Minha mãe, Maria da Conceição de Souza, de origem africana, era lavadeira. Mulher extremamente virtuosa e simples". (p. 26)	Memórias de histórias de família	Lavadeira	Trabalho Informal
Remanso das águas (Almeida, 2013)	"Ele, Deus, e Nossa Senhora é quem nos permitem seguir a nossa sina de parteira por essas águas [...] No silêncio da canoa, eu rezava pra meus guias e nossa senhora, pra que iluminassem o nosso caminho pra que tudo desse certo no parto de Caetana, porque em momentos como esses a gente recebe ajuda divina, mas a gente não é Deus [...] Voltei pra casa tendo passado uma lua. Parti da casa de dona Caetana às cinco horas da tarde de uma terça-feira. As águas estavam calmas, porém cheias de 'ciscos' (pequenos restos ou frutos de árvores) que flutuavam no rio. Esses ciscos cismavam em me acompanhar. E foram eles que me fizeram refletir o quanto é linda a vida por essas matas. É bonito ver uma folha, um galho, uma flor ou fruto caírem nessa terra, é o brotar de uma nova vida. Assim como o	Crônica "Mãos Divinas"	Parteira	Trabalho Informal

	nascimento de uma criança, tudo isso se resume na renovação da vida". (p. 31-32, 34)			
Curiaú: A resistência de um povo (Silva, 2004)	"A maioria das mulheres pajés são parteiras. No Curiaú, existe uma senhora que possui este dom de curar e partejar com o poder natural que Deus lhe deu. Durante sua vida fazendo parto na comunidade ajudou a pôr no mundo mais de 50 crianças. Nunca houve nenhum caso de uma criança morrer em suas mãos. O motivo é pelo dom sagrado que a mesma possui. Várias crianças nasceram com problemas e com doenças graves, mas o seu dom de curar consegue tratá-las sem jamais deixar sequelas. A senhora Rossilda, mãe de 13 filhos, a parteira da comunidade, também servia de mãe de mama para as crianças que partejava. Foi através dessas ações que a mesma é muito reconhecida e respeitada na comunidade, na capital Macapá, e até em outros Estados do Brasil. A primeira criança que Dona Rossilda ajudou a pôr no mundo chama-se Fátima, hoje mãe de três filhos. A última criança que a parteira aparou se chama Cristiano, filho de Elane, que também foi partejado por Dona	Capítulo "História de Dona Rossilda, curandeira da comunidade"	Parteira	Trabalho Informal

	Rossilda". (p.37, 38)			
Coletânea Amapaense: Poesias e Crônicas (Braga, 1988)	"Mãe Luzia era uma negra velha que conheci. As mãos enrugadas. Os pés eram um labirinto de veias à flor da pele. A cabeça era um floco de algodão a contrastar com a pele de acapu: tão rija, tão forte, tão escura e tão cândida na sua grandeza de mulher. À beira da gamela, vestia uma grossa anágua de pano americano, sem saia, sem cabeção. Era mais uma criança das muitas crianças que ajudou a nascer, filhos das muitas mulheres que partejou. Arrastando seu enorme chinelo, soltando baforadas de chumbo do cachimbo, entrava e saía de casa, ora com um pedaço de sabão grosso na mão cautelosa, ora com panos para lavar a gamela, no fundo do quintal. Todos a conheciam, a amavam e a respeitavam. Ela fora a parteira de muitas mulheres, mãe de leite de muita gente que nem a conheceu. Lavou muita roupa de parto e rezou e benzeu muito ventre caído e consertou muita criança torta na barriga. Foi doutora sem diploma. O ofício? Trouxe de nascença. Era experiente, como a gente dizia. Para tudo que acontecia melhor era mesmo chamar Mãe Luzia. Agora, trêmula, cansada, sob o peso dos anos, partos	Crônica "Mãe Luzia"	Parteira	Trabalho Informal

	<p>não mais fazia. Suas mãos lavando e trazendo roupas ou sabão, ou cuia de lata, ainda tinha afeição, o traquejo, o jeitinho, o cuidado de quem segura o bebê que ajudou a nascer". (p. 95-96)</p>			
<p>Confesso que vivi (Souza, 2014)</p>	<p>"Mamãe sofreu muito e nós poderíamos ter morrido. Foi uma luta pela vida. No quartinho pobre, muito simples e escuro, estava minha mãe, minha avó materna e a parteira, dona Guilhermina. As vizinhas na sala a rezar, pediam a Deus que desse tudo certo. Nasci em casa, às 8h, nas mãos de uma parteira, dona Guilhermina. Nasci num dia de muito sol. Mamãe escolheu dar à luz, naturalmente. Foi um dia de muita alegria. Uma vida venceu todas as dificuldades e condicionamentos da natureza". (p.37)</p>	<p>Memórias de histórias família</p>	<p>Parteira</p>	<p>Trabalho Informal</p>

<p>Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)</p>	<p>"Na cozinha da casa estava armada uma rede e uma senhora grávida cochilava devagarinho. Minha avó, que é parteira, falou que aquela senhora estava lá para ter bebê [...] Minha avó começou a trabalhar como parteira quando ainda era bem nova. Hoje ela já contabiliza mais de duzentos partos feitos, e todos muito bem sucedidos. Há alguns anos ela fez um curso promovido pelo governo do Amapá, para parteiras tradicionais, e secadastrou nesse programa. Antigamente, o trabalho feito pelas parteiras era mais complicado, geralmente ela se transferia para a casa da grávida, baseando-se nas luas para ter noção da época do parto. Quando chegava o momento e a mulher entrava em trabalho de parto, a parteira costumava fazer uma oração que poderia ser para São Raimundo, São Bartolomeu ou Nossa Senhora do Bom Parto; dar para a grávida beber vinho tinto quente com manteiga e pimenta-do-reino; e lambuzava seus ventres com banha de anta, ariranha ou mucura, para aumentar as contrações. Se houvesse necessidade, a parteira perfurava a bolsa com as unhas [...] A parteira era</p>	<p>Capítulo "Como é emocionante o pôr-do-sol no rio e outros momentos poéticos"</p>	<p>Parteira</p>	<p>Trabalho Informal</p>
--	--	---	-----------------	--------------------------

	responsável, durante oito dias, pela lavagem da roupa e preparação da comida da parturiente." (p. 14, 37-38)			
Mitos e lendas do Amapá (Dias, 2020)	"Dona Mariana estava se retorcendo em dores. No quarto, ao redor da cama, o marido a acompanhava, junto com uma parteira, as contrações cada vez mais fortes, que poderiam causar a morte da mulher se não houvesse uma providência divina. Mariana estava grávida de sete meses e conforme explicara a parteira da vila, há mais de 30 anos fazendo partos alheios, o bebê estava 'de atravessado', sendo impossível um parto normal sem que a mãe e a criança corressem graves riscos". (p.83)	Conto "Oração das Grávidas"	Parteira	Trabalho Informal
Mãe Luzia: A Parteira mais famosa de Macapá (Dias, 2013)	"O dom daquele instante Só mais tarde foi singular Quando uma gestante Luzia teve que acudir E dentro de poucos instantes Estava a mulher a parir [...] Mas o dom de partejar Não rendia nenhum tostão E para se alimentar Precisava um ganha-pão E foi assim que Luzia Logo arrumou um patrão [...] Um certo dia a velha negra Foi chamada à prefeitura De vida muito peleja Um emprego e um salário	Cordel sobre a parteira Mãe Luzia	Parteira	Trabalho Informal

	Encerraram a desventura Agora bem empregada A descendente dos barros Vestindo um jaleco branco Sem tremor ou sobressalto" (p. 10-11, 15)			
Aprendendo com versos (Barbosa, 2001)	"Mãe Luzia de coração foi a primeira parteira. Velha amiga, inteligente! que assistia qualquer mulher desde a gestação do ventre até nascer Maria ou José. [...] As crianças ao nascer eram apanhadas com muito amor que as mães após a aflição agradeciam à Luzia e ao SENHOR. Fazia de ervas remédios p'ra curar qualquer doente. Sempre estava disponível p'ra atender casos urgentes". (p.31)	Poema "Mãe Luzia"	Parteira	Trabalho Informal
Histórias do meu povo (Santos, 2002)	"Começa assim a história deste povo que canta, chora, mas é feliz. No começo de sua existência sobrevivem da criação de gado, cavalo, cabra, porco [...] Numa certa época, para que o gado sobrevivesse, era preciso espocar os ovos de jacaré no lago para não comerem o peixe da vaca, impedindo 'a cria". (p.16)	Memórias sobre antecedentes do quilombo do Curiaú	Pecuarista	Trabalho Informal
Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo: contos (Dias, 2010)	"Esmaelino era um pedreiro afamado que morava bem próximo de casa. Em pleno inverno, no entanto, atravessava tempos bichudos. Sua mulher e seus filhos só não passavam fome porque	Conto "Armando com Esmaelino"	Pedreiro	Trabalho Informal

	a sogra, vez em quando, mandava um pouco de fubá, café, açúcar e até mesmo um naco de carne". (p. 121)			
Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)	"Seu Nestor contou que quando era jovem, trabalhou como pescador de suruba no norte. Nesse tempo havia um comércio grande perto de onde ele residia e o comerciante mandava buscar o pescado de 15 em 15 dias, por isso os pescadores permaneciam mais de mês fora, no oceano". (p.24)	Capítulo "Como veio uma sereia parar no Brasil"	Pescador	Trabalho Informal
Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)	"Nessa época eles viviam de cortar seringa, juntar caroço de muru-murú, castanha de andiroba, tucumã". (p.16)	Capítulo " Como viviam nossos antepassados no Bailique e outras durezas"	Produtor Rural Extrativista	Trabalho Informal
Poemas de um escorpião (Serra, 2013)	"Tempos idos, Mercado... Eles solam, Pregam, Pintam, E são obrigados a cheirar cola... Resgatam couros esburacados Que representam o retrato De minha cidade. São guerreiros do sol, Nunca estarão sós, Pois já viveram amores eternos Na Ilha do Marajó". (p.61)	Poema "Sapateiros do Forte"	Sapateiro	Trabalho Informal

<p>1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas (Santos, 2022b)</p>	<p>"Desde a inauguração do Mercado em meados da década de 50, seu João ainda era uma criança quando chegou em Macapá junto com a família. Todos os dias ele acompanhava o pai no trabalho diário de sapateiro, onde tinha um pequeno espaço dentro do mercado. Logo que seu pai morreu, João assumiu o seu lugar desde então e viu o espaço se transformar ao longo dos anos". (p. 158, 159)</p>	<p>Conto "Orgulho de Ser Amapá"</p>	<p>Sapateiro</p>	<p>Trabalho Informal</p>
<p>Raízes submersas: fatos e relatos (Santos, 2009)</p>	<p>"Quando cheguei à Igreja Evangélica dos Irmãos, pela primeira vez, lá encontrei o Manuel Gomes, ou melhor, o Gomes, como era mais conhecido lá no Mercado Central, não somente por exercer a profissão de sapateiro remendão, mas pela notícia de não levar desaforos para casa [...] Agora, quanto a sua área de trabalho, aquela funcionava na calçada lateral do Mercado Central da cidade. Ali havia apenas uma cadeira para os fregueses, sem proteção alguma contra o sol." (p.128)</p>	<p>Capítulo "De Remendão a Próspero Sapateiro"</p>	<p>Sapateiro</p>	<p>Trabalho Informal</p>

<p>Da vida e da sorte por dez contos (Carvalho, 2012)</p>	<p>"Um dia foi visto empurrando um carrinho de picolé pelas ruas da Vila. Ainda teimava em andar com o capacete de operário e com o velho e já roto uniforme cinza do Departamento de Manutenção da Companhia. Mas aí a Companhia já nem existia mais. Não na Vila. E embora com os cabelos grisalhos, sujo e sem firmeza no olhar, o Zé da Esteira continuava pensando no Tio Patinhas da Disney. E trabalhava de sol a sol, guardando as moedas, visando a acumulação de um capital que nunca existira. Afinal, só no devaneio do Zé da Esteira, o capitalismo no Brasil seria o irmão caçula do capitalismo americano. (p. 69-70)</p>	<p>Conto "A Vila ou o Triste Fim do Zé da Esteira"</p>	<p>Vendedor Ambulante</p>	<p>Trabalho Informal</p>
<p>1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas (França, 2022)</p>	<p>"Era por volta de mil novecentos e tantos quando andava por aqui, de passagem, um caboclo por nome Zé do ovo. Zé do ovo, vendia ovo, mas além de vender, comia, e comia muitos ovos, portanto o nome [...] Passado algumas décadas Zé voltou ao Amapá a passeio, pois já não vendia ovos como mascateiro, prosperou, virou Senhor comerciante." (p. 167-168)</p>	<p>Conto "O ovo ficou em pé"</p>	<p>Vendedor Ambulante</p>	<p>Trabalho Informal</p>

Era uma vez num fundo de gaveta (Leopoldo, 1990)	"Av. Raimundo Álvares da Costa vendedor de banana vendedor de farinha carrinho de pipoca, A gente chamava o pipoqueiro de Camarão Frito ficava danado atirava pedra a gente corria, se ria, se escondia. Um centavo de bombom no seu Bill vinham muitos bombons já faz muito tempo..." (p. 65)	Poema "Evocação de Macapá"	Vendedor Ambulante	Trabalho Informal
Coletânea Macapaense: Macapá, recortes poéticos (Picanço, 2002)	"Cidadão delgado, de pouca fala olhar desconfiado, nariz fino e rosto avermelhado pelas andanças do dia-a-dia, assim era Camarão Frito, um pipoqueiro único com suas pipocas de feijão". (p. 136)	Crônica "Passeios de Moleque"	Vendedor Ambulante	Trabalho Informal
Coletânea Macapaense: Macapá, recortes poéticos (Araújo, 2002)	"E me alembro do 'Fumaça' Vendedor de camarão [...] Me alembro do seu 'Davi' Um crioulo da Guiana Que vendia refeição" (p.85)	Poema "Macapá, meus passos no teu passado"	Vendedor Ambulante	Trabalho Informal
A Casa dos Padres (Smith, 2009)	"'Camarão Frito' era um vendedor de pipoca que zangava bastante se alguém o chamasse assim. Mas a molecada gostava era disso, e viviam a perturbá-lo". (p.24)	Memórias do Livro "A Casa dos Padres"	Vendedor Ambulante	Trabalho Informal
A Casa dos Padres (Smith, 2009)	"'Merendinha', foi uma pessoa que inovou na arte de vender seus produtos na pequena cidade, quando passou a vender na porta das escolas, colégios e repartições públicas, a sua	Memórias do Livro " A Casa dos Padres".	Vendedor Ambulante	Trabalho Informal

	deliciosa merenda, em um carrinho puxado por uma lambreta. Toda vez em que se aproximava de um colégio na hora do recreio, com sua lambreta preparada era a maior festa. Ficava rodeado de alunos ávidos pela deliciosas guloseimas do 'Merendinha". (p.24)			
Tatu (Pinheiro, 1996)	"[...] várias barracas coladas vendendo frutas, camarões de água doce e pescados. Contornando a beira do rio, bodegas, tinham da cachaça ao querosene". (p.11)	Livro "Tatu"	Vendedor Ambulante	Trabalho Informal
1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas (Araújo, 2022)	"Há um casal de jovens que vive numa velha Kombi - Ferdinando e Adalgisa. Eles estacionam o carro em uma rua qualquer, ou numa praça, e sua morada vira um ponto de venda. O estabelecimento ambulante tem nome autóctone e personalista: Baiúca da Adalgisa". (p. 147)	Conto "O Bruxo", de Ademir Araújo	Vendedor Ambulante	Trabalho Informal
História de um sino: contos (Barros, 2013)	"Só aprendi a ler precariamente, pouquinho, assinar o nome com garranchos, fazer continhas rudimentares para ganhar a vida. Fui quase sempre trabalhador braçal, pulando de um serviço para outro feito um condenado. Minha carteira só foi assinada uma única vez, e assim mesmo passei três meses nesse emprego. Me aborreci, rasguei a inútil e atualmente estou aqui, vigia de depósito	Conto "Quantas carradas, patrão?"	Vigilante	Trabalho Informal

	da Prefeitura". (p.53)			
--	------------------------	--	--	--

**APÊNDICE D – UNIDADES DE REGISTRO DA CATEGORIA TRABALHO ILEGAL**

Obra Literária	Unidade de Registro	Unidade de Contexto	Codificação	Categoria Temática
<p>Remanso das águas (Almeida, 2013)</p>	<p>"- Chopeiro!! Chopeiro!! Tem chopp de coco, cupuaçu!! Tá gostoso, Tá docinho!! Tá geladinho!! É só pagar pra ver!! Assim começavam os meus domingos, nas areias da praia do Araxá, com a cuba de isopor até bater de chopp pra vender e o sol forte do Norte na cabeça [...] Ficávamos olhando da areia, com ar de inveja, os outros meninos brincando naquelas águas. Nós queríamos estar lá fazendo dos troncos das árvores, trazidos pela maré alta, os nossos cavalos e naves espaciais ou tubarões ou baleias assassinas das nossas aventuras de criança. No entanto, a obrigação de vender os nossos chopps, croquetes ou rosquinhas impedia nosso desejo de criança de cair naquelas águas por alguns instantes, pois tínhamos a responsabilidade de ajudar também no sustento da família. Por essa razão, as cubas e os tabuleiros tinham que voltar vazios e os nossos</p>	<p>Crônica "Meninos da Orla"</p>	<p>Vendedor Ambulante</p>	<p>Trabalho Ilegal</p>

	<p>bolsos cheios do resultado das vendas [...] Nossas vendas só terminavam por volta das duas horas da tarde. Naquela época, a concorrência era acirrada". (p. 47-48)</p>			
<p>Remanso das águas (Almeida, 2013)</p>	<p>" - E essa pequena, quem é? - É minha afilhada, filha do compadre Mandubé. Neta do finado Carumbé. - Mas tão novinha, já está nesta sina na beira de Igarapé? - Não. Creio que dessa sina ela há de escapar. Veio para morar em casa de família e para trabalhar em troca de alguns trocados para se sustentar". (p.66)</p>	<p>Crônica "Flores do Meu Igarapé"</p>	<p>Empregada Doméstica</p>	<p>Trabalho Ilegal</p>
<p>O Trem de Maria (Couto 2008)</p>	<p>"Wesley cresceu no meio da exclusão social. Nos anos pares ouviu as promessas falsas dos políticos nos comícios e na televisão. Aprendeu a andar sozinho por aí com sete anos. E ninguém ligava, nem os pais, nem as autoridades. Enquanto os filhos da classe média e rica dormiam seu sono infantil, protegidos nos lares dos seus pais, Wesley vagava pelas ruas. O que havia de comum entre eles: eram todos crianças. Mas Wesley era criança pobre. No Brasil, criança pobre sofre de três males: um</p>	<p>Conto "Menino de Rua"</p>	<p>Vendedor Ambulante</p>	<p>Trabalho Ilegal</p>

	<p>estado ineficiente, pais irresponsáveis e uma sociedade insensível. A conjunção dessas três coisas criou um Wesley das ruas, reparador de carro, fora da escola [...] Wesley vivia apanhando na rua. Os meninos maiores batiam nele. Por vezes, chegava em casa sem um tostão, porque o dia fora ruim ou porque o dinheiro lhe fora tomado. Aí apanhava da mãe ou do pai, porque achavam que havia gastado. Foi vendedor de cocada, de amendoim, picolé, mas o negócio não deu certo. O que fazia mesmo era reparar carro, que se não desse lucro, não dava prejuízo". (p. 86-87)</p>			
--	--	--	--	--

<p>Poraquês e Piaçocas (Jovino, 1998)</p>	<p>"É impressionante a maneira com que jovens e às vezes crianças conseguem se atracar com o barco em movimento. Tudo começa a noite, quando jovens saem de casa pela madrugada remando em pequenas embarcações onde colocam os seus produtos que tem para vender, ou seja, açai, camarão, peixe, mel, frutas e até mesmo animais domésticos. Ao sair de casa eles o fazem remando contra o sentido de tráfego do navio de maneira que ao se aproximarem estão a quilômetros de suas casas. Quando o navio se aproxima, eles se posicionam estrategicamente a poucos metros de distância por onde o barco passará. O perigo é muito grande porque um pequeno descuido o barco passaria sobre eles e suas pequenas canoas. Quando a embarcação está bem perto, eles remam a toda velocidade como se fossem se chocar com o barco. Um dos tripulantes da canoa fica de pé segurando uma corda que está amarrada a proa da mesma. Ao passar por eles o navio distância a canoa e o</p>	<p>Conto "O Amapá"</p>	<p>Vendedor Ambulante</p>	<p>Trabalho Ilegal</p>
---	---	------------------------	---------------------------	------------------------

	<p>mesmo cerca de um metro. O curioso é a precisão milimétrica que o canoeiro joga a corda e aprende em algum lugar do barco. Com a corda amarrada no barco, um deles sobe e começa o processo de comercialização e normalmente eles vão em número de dois ou mais na pequena canoa. Às vezes acontece deles não encontrar onde amarrar a canoa no navio. Esses vendedores marítimos às vezes viajam horas de canoa até o navio. Ao chegar próximo ao lugar de onde partiram, eles voltam à canoa, e soltam a corda e voltam para casa. Esta abordagem lembram as cenas de antigos filmes de piratas e chamam a atenção de qualquer pessoa por causa da coragem, ousadia, destreza e precisão com a realidade. Curioso é notar que muitas vezes o trabalho é feito por mocinhas com idade variando de doze a quinze anos. Algumas mães lá estavam em suas canoas, na tentativa de realizar esse pequeno comércio informal, porém de vital importância para aquelas pessoas que as vezes moram dezenas de</p>			
--	--	--	--	--

	quilômetros distantes dos centros comerciais. É interessante observar o sacrifício que as vezes chega ser vital em busca de cinco ou dez reais, mas que para eles representam a sobrevivência." (p. 13-14)			
Gritos no olhar (Barbosa, 2004)	"Guri pacato, humilde, puro, pela terra encantado e à vida encorajado. Seu trabalho grosseiro e pesado o deixava fraco e cansado, quase sem tempo para brincar e com seus coleguinhas conversar. O tempo que lhe restava era para estudar e à noite, depois da lição, descansar. Suas mãos calejadas: seguravam o cabo da enxada, ancinho, pá e galhadas. Plantavam mandioca, batata doce e bananeira e outras, entre as quais, a laranjeira". (p.25)	Poema "Vida a Grito"	Agricultor	Trabalho Ilegal
Histórias do meu povo (Santos, 2002)	"Quando eu era criança e ajudava minha mãe na roça, conheci mulheres que lutavam para ganhar a vida; Dona Maria dos Santos, Dona Benedita, Tia Joaquina, Maria Ramos e as minhas tias	Memórias sobre antecedentes do quilombo do Curiaú	Agricultor	Trabalho Ilegal

	que jamais irei esquecer: Venina, Joaquina do Garcia e Joana 'do Piu', estas carregavam latas de tucupi na cabeça, muitas vezes quente, para que no outro dia tivessem o seu próprio dinheiro". (p.21)			
O bálsamo e outros contos insanos (Canto, 1995)	"Sim sinhô, é duro ter mãos calosas, pé rachado e cicatriz das cargas que bem carrego, desde jito, lhe asseguro, pensando em ter bem dinheiro pra dar uma casa ao pai na velha Vila Formosa de Bom Jesus do Anaju. Minha vida é o que carrego cada vez que o barco sai, toda vez que o barco chega e toda vez queu me arrependo [...] Saudade não tenho tanta da minha infância, eu agaranto. Sempre fui acostumado com a dureza do trabalho, mesmo ficando aos poucos taludo, entanguido e forte, mas-porém malandro e astuto desde as primeiras pontes, canoas e remos de tábua". (p. 126)	Conto "Na travessia, dentro da noite feia"	Auxiliar de Carga e Descarga	Trabalho Ilegal
Raízes submersas: fatos e relatos (Santos, 2009)	"Foram dias memoráveis da minha adolescência naquele ambiente de trabalho! Comecei como garfeador de tijolos e logo em seguida passei a exercer a atividade de ajudante de prensador, trabalhando na fabricação	Capítulo "Ajudante de Preenseiro na Olaria"	Ajudante de Preenseiro em Olaria	Trabalho Ilegal

	de telhas marseilhas, convexas, holandesas e capotes. Chegamos a fabricar 1.500 telhas diariamente. Batemos o recorde, visto que a nossa equipe trabalhava por produção". (p.106)			
Raízes submersas: fatos e relatos (Santos, 2009)	"Com a expansão do bairro Jesus de Nazaré, certo dia o Jurandir foi contratado para construir uma vila de casas geminadas. Com o passar do tempo e a urgência da conclusão da obra, o mestre Jurandir teve necessidade de arranjar um ajudante para proceder ao ripamento e a cobertura geral do telhado. Na falta de um elemento para ajudá-lo naquela tarefa, resolveu levar o Dedê, meu irmão, para quebrar o galho. Aquela foi a primeira experiência do meu irmãozinho como ajudante de carpinteiro. Infelizmente não foi muito bem sucedido na estreia". (p.122)	Capítulo "A Martelada na Canela do Jurandir"	Ajudante de Pedreiro	Trabalho Ilegal
Raízes submersas: fatos e relatos (Santos, 2009)	"Não resta dúvida, esse era o Lua de D. Fina, garoto esperto e responsável. Enquanto a mãe preparava os pasteis saborosos, ele diligentemente os vendia. Ao fim do seu labor cotidiano, prestava contas do faturamento de sua	Capítulo "O Pequeno Lua"	Vendedor Ambulante	Trabalho Ilegal

	venda. Nunca faltou um centavo. Que lição para os filhos irresponsáveis!". (p.126)			
1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas (Carvalho, 2022)	"Zezinho carvoeiro era um menino muito trabalhador e se orgulhava muito disso. Na época não se discutia o trabalho infantil, muito ao contrário, os pais faziam questão de iniciar seus filhos em uma profissão, como uma garantia contra os desvios da vida. Com doze anos completos, ele nem sentia falta de escola [...] Zezinho foi o primeiro a se deitar no chão sujo da caçamba que costumeiramente carregava sacos de carvão e, claro, teve que aguentar a gozação dos outros moleques. Ele era o único que não sabia que a linha do Equador era uma linha imaginária. Aliás, ele nem sabia o que era uma linha imaginária. Aquilo foi o estopim para a reação de Zezinho, que foi ao seu pai, o dono da carvoaria, e com a cara mais séria do mundo disse que precisava estudar". (p.138)	Conto "Equívoco Imaginário" de João Carvalho	Carvoeiro	Trabalho Ilegal
Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós": uma aventura no Bailique (Pereira, 2005)	"O trabalho de coleta das sementes era feito na maior parte pelas mulheres e crianças, que	Capítulo "Como viviam nossos	Extrativista	Trabalho Ilegal

	geralmente, coletavam durante a semana e no sábado iam entregar no comércio, recebendo em troca, café, açúcar, sabão e outros produtos". (p.16)	antepassados no Bailique e outras durezas"		
Guajará-Mirim: um rio de lembranças (Gomes, 1994)	"No nosso quarto, que a gente chamava 'pomposamente' de 'apartamento', as refeições eram fornecidas pela 'Pensão Europa', através de marmitas que se mandava buscar, diariamente, naquela casa de pastos. Um menino esperto que morava nas vizinhanças era o encarregado dessa tarefa. Tratava-se do Nestlerino Valente, que forrava o estômago, antes de chegar ao nosso quarto e fazer a entrega da marmita. Somente, anos depois, eu vim tomar conhecimento da 'forragem do estômago', pelo próprio Nestlerino, no seu luxuoso gabinete de Secretário de Administração e justificou: 'Vocês poderiam se esquecer de me convidar à participar do almoço'. Outro garoto, que também fui o seu primeiro patrão, atualmente é um dos grandes empresários de Macapá no ramo de vendas de veículos automotores. Esse	Livro "Guajará-Mirim: um rio de lembranças"	Entregador	Trabalho Ilegal

	<p>menino chama-se Lulú. Naquele tempo não havia água encanada na capital do Território. A população se abastecia do precioso líquido, através de cacimbas (poços), que eram perfurados manualmente nos quintais das residências. O trabalho do Lulú, que aparentava ter um pouco mais de idade que o Nestlerino, consistia em encher de água dois tamburões de 60 litros, para o banho e outras necessidades dos inquilinos. Embora a cacimba não ficasse muito distante do banheiro, a tarefa não era fácil, principalmente, levando-se em consideração que os inquilinos não tinham a menor parcimônia no gasto da água, havendo, às vezes, necessidades de mais de dois tamburões, trabalho que fazia sem pagamento extra. Foram dois garotos, cujos trabalhos no passado, não desonram os seus "status quo" do presente. Pelo contrário, engrandecem, pois o leitor poderá melhor avaliar o sacrifício de ambos, para chegarem às invejáveis posições que hoje desfrutam em Macapá..." (p. 111-112)</p>			
--	--	--	--	--

Tatu (Pinheiro, 1996)	"- E o Mundico com quem aprendeu? - Com ninguém. Aprendeu sozinho e, graças a Deus, ele fica intertido fazendo isso, melhor do que tá atirando pedra na casa dos outros. E também bem sempre vende essas coisas e traz um dinheirinho pra mãe dele. Num é, meu filho?" (p. 17)	Romance "Tatu"	Entalhador	Trabalho Ilegal
Felicidade Circundante (Sousa, 2016)	"Lembro-me como se fosse hoje, eu, uma garotinha de apenas seis anos de idade sendo abandonada por minha própria mãe, deixando-me em um barco onde algumas pessoas conversavam, sorriam bebiam e fumavam alegres e contentes da vida e eu ali, triste e amedrontada em um cantinho do barco sem conhecer ninguém e sem entender o que estava acontecendo [...] Fui conduzida por Bena e Sataniel para a casa que iríamos morar [...] Dos sete aos oitos anos de idade já tinha minhas funções na casa: - Adriana! vai buscar farinha; - Vai pilar milho para as galinhas; - Adriana! vai juntar manga; - Sua vaca vai buscar crueira, agora! - Adrianaaaa, vai bater	Capítulo I: Infância	Empregada Doméstica	Trabalho Ilegal

	essas roupas na beiro do igarapé, se tiver muito suja, deixa quarando!" (p. 17, 25-26)			
Obras reunidas: volume III: contos, crônicas e outros escritos (Siqueira, 2023)	"Desde menino acostumei-me às tarefas de uma comunidade ribeirinha de base extrativista. No período das chuvas e das cheias, quando as águas do igapó invadiam as várzeas trazendo de bubuia grande quantidade de frutos silvestres, fazia-se a coleta de sementes oleaginosas, entre elas a ucuúba, a castanha de andiroba e o pracaxi [...] Com a chegada do verão amazônico essa atividade era trocada pela pesca, pelo cultivo da terra e pela produção da borracha. A extração do látex era feita em seringais nativos, verdadeiros labirintos traçados pelas seringueiras nascidas ao deus-dará. Tão familiarizado estava com essa atividade que já aos doze anos de idade passei a trabalhar à noite por ser esse o melhor período para a produção da seiva. Ao primeiro cantar do galo íamos nós, eu e meus dois irmãos menores, mata a dentro, munidos apenas da faca	Crônica " O Batedor de Sapopema "	Extrativista	Trabalho Ilegal

	de riscar, da poronga e da caixa de fósforos. Eu, por ser o mais velho, seguia sozinho por um lado enquanto eles seguiam pelo outro. Antes do cantar da saracura já havíamos chegado ao 'encontro', local pré-determinado de onde apanhávamos um varadouro (atalho) para casa, chegando ainda no lusco-fusco". (p.80)			
Obras reunidas: volume III: contos, crônicas e outros escritos (Siqueira, 2023)	"Na época eu trabalhava numa padaria próxima de casa onde meus irmãos e outros garotos da vizinhança pegavam pão para vender mediante comissão. Nesse tempo havia um grande movimento de embarcações na Doca da Fortaleza, formada pela foz de um igarapé e o Rio Amazonas. Havia grande disputa entre os meninos para pegar os pães da primeira fornada, lá pelas cinco da manhã, pois quem chegasse primeiro até os canoeiros tinha a venda garantida. Geralmente disputavam a primazia na base da porrinha ou do par-ou-ímpar. Jorge, meu irmão caçula de saudosa memória, o Cebinho, tirou a sorte grande e saiu na frente com o saco de pães às costas". (p.92-93)	Crônica " O Enforcado "	Vendedor Ambulante	Trabalho Ilegal